Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

Campus Nilópolis

Programa de Pós-Graduação Lato Sensu

Especialização em Linguagens Artísticas Cultura e Educação

Ana Caroline da Silva Araújo

Memorial Descritivo

Afluentes

O Sertão Carioca Ontem e Hoje

Nilópolis

2022

CIP - Catalogação na Publicação

A658m Araújo, Ana Caroline da Silva
Memorial descritivo Afluentes O Sertão Carioca Ontem e Hoje / Ana Caroline da Silva Araújo - Nilópolis, 2022.
56 f. ; 30 cm.

Orientação: João Luiz Guerreiro Mendes.
Trabalho de Conclusão de Curso (especialização), Especialização em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Campus Nilópolis, 2022.

1. Memória. 2. Quilombo. 3. Quilombola. 4. Sertão Carioca. I. Mendes, João Luiz Guerreiro, **orient**. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. III. Título

Elaborado pelo Módulo Ficha Catalográfica do Sistema Intranet do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - Campus Volta Redonda e Modificado pelo Campus Nilópolis/LAC, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Bibliotecária: Heloisa S. Lima CRB-7/6089

ANA CAROLINE DA SILVA ARAÚJO

MEMORIAL DESCRITIVO
AFLUENTES
O SERTÃO CARIOCA ONTEM E HOJE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do grau de Especialista em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação.

Nilópolis – RJ

2022

ANA CAROLINE DA SILVA ARAÚJO

MEMORIAL DESCRITIVO

AFLUENTES

O SERTÃO CARIOCA ONTEM E HOJE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação.

Aprovada em 14 de junho de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João Luiz Guerreiro Mendes – (Orientador)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ)

Profa. Dra Fernanda Delvalhas Piccolo
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ)

Prof. MsC Ana Luísa Soares da Silva
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à Ângela Maria da Costa e Silva Coutinho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, em especial mãe e irmão, e aos amigos da vida por todo o incentivo.

Ao meu companheiro de vida e Afluentes por este caminho que iniciamos juntos e provocados pelo que acreditamos e pesquisamos.

A equipe Afluentes, escolhida a dedo e com muito afeto, a qual compartilhamos momentos incríveis em tempos tão difíceis.

Agradeço aos amigos e professores do curso e ao meu orientador João Guerreiro, pela compreensão e suporte nesta caminhada.

“Fogo!… Queimaram Palmares,

Nasceu Canudos.

Fogo!… Queimaram Canudos,

Nasceu Caldeirões.

Fogo!… Queimaram Caldeirões,

Nasceu Pau de Colher.

Fogo!… Queimaram Pau de Colher…

E nasceram, e nasceram tantas outras comunidades que os vão cansar se continuarem queimando.

Porque mesmo que queimam a escrita,

Não queimarão a oralidade.

Mesmo que queimem os símbolos,

Não queimarão os significados.

Mesmo queimando o nosso povo

Não queimarão a ancestralidade.”

Nego Bispo

Antônio Bispo dos Santos – Quilombo Saco-curtume em São João do Piauí/PI

RESUMO

Este memorial descritivo apresenta o processo de concepção, desenvolvimento e desdobramentos da ação cultural Afluentes e sua primeira publicação intitulada O Sertão Carioca Ontem e Hoje. A publicação possui produção artística de Thiago Modesto em diálogo com contos e *causos* da família Santos Mesquita, quilombolas da comunidade Cafundá Astrogilda, localizado em Vargem Grande, Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. São abordadas, ainda, as motivações teóricas que guiaram a idealização, organização e execução da publicação e o contexto em que foi executada.

Palavras-chave: Memória; Quilombo; Quilombola; Sertão Carioca.

ABSTRACT

This descriptive memorial presents the creation process, development and events of the Afluentes cultural action, its first publication entitled O Sertão Carioca Ontem e Hoje. The has artistic production by Thiago Modesto in dialogue with stories and causes of the Santos Mesquita family, quilombolas of the Cafundá Astrogilda community, located in Vargem Grande, West Zone of the city of Rio de Janeiro. They are also addressed as a publication that guided the idealization, organization and execution of the publication and the context in which the publication was published.

Keywords: Memory; Quilombo; Quilombola; Sertão Carioca.

Sumário

1. Apresentação.....10

2. Especificação técnica do produto 12

3. Sinopse.....14

4. Ficha técnica.....15

5. Objetivos.....21

6. Justificativa 23

7. Concepção metodológica de construção do produto com e referencial / revisão teórica da concepção do produto.....36

8. Etapas de Produção 44

9. Cronograma de execução.....46

10. Orçamento 47

11. Considerações Finais 48

12. Referências.....52

15. Anexos.....56

1. Apresentação

Inicio a especialização em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação pesquisando políticas culturais pelo entendimento de Nestor Garcia Canclini o qual aponta que política cultural é,

> o conjunto de intervenções realizadas pelo Estado, pelas instituições civis e grupos comunitários organizados a fim de orientar o desenvolvimento simbólico, satisfazer as necessidades culturais da população e obter consenso para um tipo de ordem ou de transformação social (CANCLINI, 2001: 65).

Neste sentido, para além das ações do Estado, porém sem destacar a importância da sua atuação, segui a pesquisa no caminho de pensar as ações desenvolvidas pelas instituições civis em torno da sustentabilidade das suas ações e alternativas ao financiamento público, refletindo, por exemplo, as recentes discussões quanto aos fundos de investimentos e financiamento coletivo.

Ao sermos atravessados pela pandemia, passei não só a acompanhar o cenário cultural e das políticas culturais enquanto pesquisadora, mas a vivenciar as incertezas enquanto profissional da cultura. Assim, acompanhei as mobilizações e reflexões que resultaram na criação da Lei Aldir Blanc (14.017/2020), participei de capacitações quanto a aplicação da lei para gestores, principalmente oferecidos pela Escola de Políticas Culturais (EPCULT)[1], inscrevi e executei quatro projetos pelos editais municipal e estadual do Rio de Janeiro, sendo um deles o Afluentes, a qual apresento este memorial descritivo.

Com isto, as reflexões enquanto pesquisa e vivência seguiram no campo das políticas culturais e das culturas populares em paralelo ao cenário em que vivenciávamos. Desta forma, e também por indicação do orientador, o trabalho de conclusão do curso se voltou a apresentar o memorial descritivo de um dos projetos realizados em diálogo com as pesquisas, conhecimentos e reflexões abordadas ao longo do curso.

[1] Idealizada pelos gestores e articuladores culturais Alexandre Santini, Líllian Pacheco, Marcelo Ferreira, Márcio Caires e Fernanda Guedes, A Escola de Políticas Culturais (EPCult) nasceu em junho de 2020, como um dos resultados da Articulação Nacional pela Lei de Emergência Cultural da Lei Aldir Blanc (14.017/2020).

O Afluentes foi idealizado como uma coleção de publicações culturais de finalidade didática que dialogue e proponha uma fruição artística, tendo as artes visuais como veículo de disseminação de histórias de resistência cultural e territorial. Neste Memorial Descritivo apresentarei o primeiro produto dessa coleção já finalizado que é o livro “Afluentes: o Sertão Carioca ontem e hoje”. Esse produto foi lançado inicialmente em formato digital e, agora, está finalizada a primeira edição física.

Essa primeira publicação, objeto desse memorial, tem produção artística e pesquisa acerca do Sertão Carioca, nome dado à antiga zona rural da cidade do Rio de Janeiro por Armando Magalhães Corrêa, autor do livro de mesmo nome publicado em 1936. O designer e gravurista Thiago Modesto foi o escolhido para retratar o território através de suas obras em diálogo com as memórias de cinco quilombolas do Quilombo Cafundá Astrogilda.

Parte do sertão carioca, o Quilombo Cafundá Astrogilda foi o escolhido para compor a publicação intitulada. Certificado em 2014 como Quilombo pela Fundação Palmares, foi formado por descendentes de africanos que trabalhavam na fazenda cafeeira Vargem Grande no século XIX. Os cinco autores quilombolas descendentes da matriarca que dá nome ao Quilombo apresentam o sertão carioca de hoje com muitas histórias de ontem.

Idealizado por Ana Caroline Araújo e Bernardo Marques Baptista, a publicação em seu formato digital “Afluentes - O Sertão Carioca Ontem e Hoje” foi viabilizada no ano de 2021 por meio de recursos da lei de emergência cultural, a Lei nº 14.017, de 29 de junho de 2020, popularmente conhecida como Lei Aldir Blanc, e, portanto, este memorial apresenta, ainda, o cenário da política cultural brasileira frente a pandemia do novo coronavírus. No ano de 2022 uma nova etapa com a impressão da publicação, edição do documentário e criação de mural na comunidade foi contemplada pelo Edital de Fomento à Cultura Carioca – FOCA, da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, por intermédio da Secretaria Municipal de Cultura. Nesse momento do processo do projeto apresentarei para avaliação do Memorial, a publicação impressa. Os demais produtos serão finalizados ainda no decorrer de 2022.

2. Especificação técnica do produto

Produto: Livro

Natureza: Publicação Editorial (digital e impresso)

Miolo

- **Formato:** A5 (14,8 x 21,0 cm)
- **Quantidade de Páginas Miolo:** (Pers.) 68
- **Cores:** 4x4 (colorido)
- **Papel:** Offset 120g
- **Acabamento:** Lombada Quadrada

Capa

- **Formato:** A5 (14,8 x 21,0 cm)
- **Quantidade de Páginas Capa:** 4 Páginas
- **Cores:** 4x4 (colorido)
- **Papel:** Cartão 300g
- **Acabamento:** Orelha 8cm
- **Enobrecimento:** Laminação Fosca Frente
- **Extras:** Vinco

Figura 1, 2, 3, 4 e 5: Registros da publicação impressa

Fonte: Acervo da autora

3. Sinopse

Em um diálogo entre artes visuais e memórias de cinco quilombolas, a publicação *Afluentes - O Sertão Carioca Ontem e Hoje* apresenta histórias da família Santos Mesquita, do Quilombo Cafundá Astrogilda de Vargem Grande, Rio de Janeiro. Adilson Mesquita Junior, Maria Lúcia dos Santos Mesquita, Jorge Cardia Valois, Paulo José Martins Filho e Pedro dos Santos Mesquita são os autores dos 25 contos e causos sobre trabalho, fauna, flora, brincadeiras, festividades e assombramentos. Os contos e causos dialogam com ilustrações, projeto gráfico e diagramação do artista Thiago Modesto, carioca, morador da zona oeste do Rio de Janeiro, gravador, designer e ilustrador, que através das suas obras, aborda temas etéreos, inspirados no universo visual da arte regional e das mais diversas representações culturais brasileiras.

Figura 6: Capa da publicação

Fonte: Acervo da autora

4. Ficha técnica

AFLUENTES

Idealização: Ana Caroline Araújo e Bernardo Marques

Direção de produção: Ana Caroline Araújo

Curadoria: Bernardo Marques

Comunicação: Arte Incerta

Identidade visual: Bruno Krazle

Direção de arte: Bruno Krazler

Consultoria Jurídica: Beatriz Cardozo e Tereza Gonçalves

PUBLICAÇÃO

Organização: Ana Caroline Araújo e Bernardo Marques

Ilustrações: Thiago Modesto

Projeto Gráfico: Thiago Modesto

Diagramação: Thiago Modesto

Pesquisa: Ana Caroline Araújo e Bernardo Marques

Pesquisa de campo: Antonio Felipe Vieira

Registro Videográfico: Fernando Teixeira

Autores: Adilson Mesquita Junior, Maria Lúcia dos Santos Mesquita, Jorge Cardia Valois, Paulo José Martins Filho e Pedro dos Santos Mesquita

Adaptação literária: Raoni Marques

Transcrição de entrevistas: Marcos Pinheiro

Revisão textual: Marcos Valois

Bibliotecário: Raphael Peixoto

Descrição das funções

Direção de produção: Gerenciamento de toda a execução, articulação junto à Secretaria Municipal de Cultura, administração financeira, direcionamento do jurídico, logística, articulação com pesquisa de campo, acompanhamento de toda equipe e funções, elaboração de relatórios finais de execução.

Curadoria: Responsável pelos diálogos e direcionamentos da pesquisa junto ao artista convidado e pesquisador de campo. Foi quem definiu junto ao artista qual seria o foco do território do Sertão Carioca a abordar na publicação.

Comunicação: Planejamento de toda a comunicação do Afluentes.

Identidade visual: Criação e elaboração de identidade visual do Afluentes.

Direção de arte: Direcionamento para criação de identidade visual e comunicação do Afluentes.

Consultoria Jurídica: Consultoria acerca de todos as questões relacionadas a direitos autorais e conexos, autorizações de imagem e som, bem como a elaboração dos respectivos documentos.

Organização: Revisão e decupagem de todo material coletado, organização dos conteúdos por temáticas e autores, seleção de contos que compõem a publicação.

Projeto Gráfico: Criação de identidade visual da publicação *O Sertão Carioca Ontem e Hoje*.

Diagramação: Disposição dos conteúdos nas páginas, ou seja, os elementos gráficos, ilustrações e textos de acordo com o projeto gráfico e curadoria e contribuindo para a transmissão da mensagem de quem lê.

Pesquisa: Houve duas pesquisas, uma pesquisa para a idealização e direcionamento artístico do Afluentes, realizada pelos idealizadores e curadoria, e a pesquisa de campo, realizada por um outro profissional que atuava diretamente no território e em contato com os autores e que também esteve à frente das entrevistas.

Registro Videográfico: Por meio do audiovisual foram registrados parte das trilhas pelo Quilombo e as entrevistas. Os contos foram transcritos a partir dos registros videográficos.

Transcrição de entrevistas: Transcrição dos áudios de entrevistas e conversas com os autores gravados durante as trilhas realizadas.

Adaptação literária: Adaptações das transcrições para o formato de contos. Como ponto de partida para a adaptação, os contos e causos deveriam ser o mais próximo possível da forma como cada autor contou, assim, foram feitos pequenos ajustes como tirar frases e palavras repetidas, por exemplo.

Revisão textual: Revisão dos textos de apresentação, orelha, do Adilson Júnior, que abre os contos, do artista e posfácio.

Currículos detalhados

ANA CAROLINE ARAUJO

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Cultura e Territorialidades (PPCULT-UFF), pós-graduada em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação (IFRJ) e graduada em Produção Cultural (IFRJ). Atua no mercado cultural desde 2007 com experiências em produção executiva, elaboração de projetos, prestação de contas, gestão e coordenação administrativa e financeira, curadoria e consultoria em projetos culturais. Pela Lei Aldir Blanc idealizou, foi diretora de produção e coordenação administrativa de projetos relacionados à memória, culturas populares e patrimônio imaterial fluminense, são eles: Afluentes - O Sertão Carioca Ontem e Hoje; Exposição Virtual Salve os Santos Reis; Bate Bolas: Cotidiano e Criação.

BERNARDO MARQUES BAPTISTA

É produtor cultural, pesquisador e curador independente. Doutorando em História da Arte (UERJ), mestre em Arte e Cultura Contemporânea (UERJ), especialista em Gestão do Patrimônio Cultural Imaterial (UNC – Argentina), especialista em Arte, educação e Tecnologias (UnB), e bacharel em produção Cultural (UFF). Atua como pesquisador e curador independente de projetos de arte que abarcam expressões musicais, saberes e fazeres artesanais, celebrações e religiosidades. Integra a equipe de pesquisadores do Núcleo de Cultura Popular e o Laboratório de Arte e Políticas da Alteridade (L.A.P.A) – ambos sediados na UERJ – desenvolvendo pesquisas sobre os percursos e circulações dos objetos nas culturas populares brasileiras, e sobre o uso de tecnologias digitais na mediação do Patrimônio Cultural brasileiro.

ADILSON MESQUITA JUNIOR

Entusiasta das artes, pinta e constrói objetos diversos, é o elo entre a antiga e a nova geração. É o sertão carioca de hoje. Estudante de história, pesquisa o registro das memórias da sua avó e representa a continuidade do trabalho e preservação da história do Quilombo.

MARIA LÚCIA DOS SANTOS MESQUITA

Fundadora da Escola Quilombola Cafundá Astrogilda, representa o sertão carioca de hoje pelo desejo em contribuir com a identificação quilombola pelos moradores locais, pela manutenção do espírito comunitário dos seus descendentes, pelos saberes com as ervas e relação com espiritualidade para o bem comum da comunidade e território.

JORGE CARDIA VALOIS

Agricultor preocupado com a relação dos mais jovens com o território, representa o sertão carioca de hoje pelos saberes e relação com a floresta. Também participante das feiras livres como vendedor de banana, produto base da agricultura local, é a representação dos saberes ancestrais em diálogo com os conceitos de agroecologia.

PAULO JOSÉ MARTINS FILHO

Eletricista e paraquedista, alegre e inquieto, é um dos que ainda mantém vivas as memórias que apontam para a necessidade de se respeitar as forças da mata. Não dispensa uma boa dispensa uma boa prosa, onde sempre relembra as histórias das noites de lua cheia, contando suas experiências e avistamentos dos seres sobrenaturais desta parte do Sertão Carioca.

PEDRO DOS SANTOS MESQUITA

Agricultor, conhecedor das trilhas e do livro O Sertão Carioca de Magalhães Corrêa, representa o sertão carioca de hoje por ser um participante das feiras livres como vendedor de banana, produto símbolo da região e que faz parte da história do quilombo. É ainda quem mobiliza a comunidade para a sua tradicional festa de São Pedro, um dos únicos períodos do ano em que reúnem a maiorias dos familiares moradores ou não do Quilombo.

THIAGO MODESTO

Thiago Modesto é carioca, designer e gravurista, oriundo de família migrante de Santo Antônio de Pádua, noroeste do estado do Rio de Janeiro, estabelecido há mais de três décadas na zona oeste da cidade. Através das suas obras, aborda temas etéreos, inspirados pelo universo visual de um Brasil profundo e de suas próprias memórias familiares. Em suas obras são contadas pequenas histórias, através de personagens, símbolos e figuras, que juntos, podem levar as mais diversas interpretações, de acordo com as próprias vivências, crenças e memórias do observador. Thiago Modesto celebra sua busca do sentido da experiência da vida através da arte, alinhada com o sentido de sociedade intrínseco no conceito de ancestralidade. Apresentando assim a sua visão de mundo influenciado por cosmovisões de encruzilhadas e reverência aos saberes ancestrais.

5. Objetivos

Geral

- Executar o Afluentes, uma série de publicações artísticas sobre cultura popular do território Fluminense a partir do olhar e criações de um artista.

Específicos

- Produzir uma publicação artística intitulada “O Sertão Carioca Ontem e Hoje” de autoria coletiva, com ilustrações do artista Thiago Modesto e organização de Ana Caroline Araújo e Bernardo Marques Baptista;
- Propor soluções inovadoras ao desenvolver uma publicação que valoriza a memória social e patrimônio cultural fluminense;
- Apresentar registros visuais artísticos em ilustrações do território Sertão Carioca;
- Apresentar uma publicação artística com alcance educativo, promovendo a difusão do conhecimento da memória e patrimônio fluminense;
- Promover a democratização ao acesso a uma obra de relevância artística;
- Contribuir para a divulgação e remuneração dos artistas, profissionais da cultura e quilombolas envolvidos que, diante da pandemia do novo coronavírus encontravam-se em um cenário de instabilidade e vulnerabilidade;
- Contribuir para a preservação e divulgação da memória social e patrimônio cultural fluminense;

6. Justificativa

Contexto

Em 30 de janeiro de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) constituiu uma emergência de saúde pública de importância internacional, o surto da doença causada pelo novo coronavírus (COVID-19). Trata-se do mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela organização como uma pandemia. No Brasil, que, de acordo com o Ministério da Saúde teve seu primeiro caso da doença diagnosticado em 26 de fevereiro[2], declarou estado de calamidade pública dia 20 de março de 2020 por meio do Decreto Legislativo nº 6, vigente até dia 31 de dezembro de 2020.

Para o controle da pandemia foram adotadas medidas de isolamento social o que ocasionou a paralisação das atividades artísticas e culturais. Além dos efeitos sobre a saúde pública, a vida de milhares de pessoas e na economia mundial, a economia criativa foi um dos primeiros setores que sentiram o impacto com a dependência de encontro de pessoas e presença em espaços fechados em todas as etapas da produção, diminuindo consideravelmente a perda de receitas no setor.

Uma pesquisa da Fundação Getúlio Vargas[3] estima que a cadeia produtiva da cultura perderia receitas na ordem de R$ 46,5 bilhões apenas no ano de 2020. Já a pesquisa "Impactos da COVID-19 na Economia Criativa"[4] do Observatório da Economia Criativa da Bahia (OBEC-BA), primeira pesquisa de abrangência nacional que, ao longo de quatro meses, colheu dados de mais de 2,6 mil respondentes de todo Brasil, nos apresenta um diagnóstico de incertezas do impacto aos indivíduos e organizações atuantes nos setores artísticos, culturais e criativos.

De acordo com a pesquisa do OBEC, os respondentes, em sua maioria, possuem 75% dos seus rendimentos provenientes de atividades exercidas no campo

---

[2] Disponível em: https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/47215-primeiro-caso-de-covid-19-no-brasil-permanece-sendo-o-de-26-de-fevereiro. Acesso em: 30 ago. 2020.
[3] Disponível em: https://valor.globo.com/eu-e/noticia/2020/04/09/com-o-coronavirus-cultura-deve-perder-r-465-bilhoes.ghtml Acesso em: 30 ago. 2020.
[4] Pesquisa com relatórios parciais disponível em: https://ufrb.edu.br/proext/economiacriativa-covid19/#resultados
Relatório com resultados finais disponível em: https://ufrb.edu.br/proext/images/pesquisacovid19/RELAT%C3%93RIOFINALImpactosdaCovid-19naEconomiaCriativa-OBEC-BA.pdf

da cultura. Destes, 80% não possuem vínculo empregatício, característica do setor que possui alta informalidade (44% dos trabalhadores são por conta própria, conforme indica o IBGE[5], em 2018), ou seja, a maioria não está se beneficiando de auxílio disponibilizados pelo Governo nos campos trabalhistas. A pesquisa aponta ainda que as organizações tiveram, em média, 65,8% de redução de contratos, 50,2% de demissões de colaboradores e 79,3% cancelamento de 50% a 100% das atividades. Ao serem perguntados sobre a capacidade de manutenção das organizações e dos indivíduos em caso de suspensão total de suas fontes de renda, a maioria respondeu possuir capacidade de se manterem sem nova renda em até 3 meses. Sugere-se que, após 5 meses, possam ter muitos indivíduos em situação de vulnerabilidade, sobretudo se fizermos um recorte de território e considerarmos os agravamentos das desigualdades sociais.

A pandemia da COVID-19 encontrou a cultura brasileira em um contexto de ausência de atuação do Estado, criminalização das políticas culturais pela base do atual governo, extinção do Ministério da Cultura e rebaixamento à Secretaria vinculada ao Ministério da Cidadania, alteração para o Ministério do Turismo, troca de Secretários, censuras e silenciamentos diante da crise, acelerando tendências e incertezas para todo o setor. Sustentando as três tristes tradições que marcam a história das políticas culturais nacionais, apontadas por Albino Rubin (2007): ausências, autoritarismos e instabilidades.

Para além disto, conforme apontado pela pesquisa da OBEC, o grau de associativismo de indivíduos e organizações atuantes nos setores artísticos, culturais e criativos é relativamente baixo[6], o que representa uma ausência de espaço e representatividade no poder público e da capacidade de gerar demandas. Entretanto, na ausência de um executivo federal capaz de formular e implementar políticas culturais, observamos a atuação do poder legislativo e os executivos estaduais e municipais na criação e implementação de medidas que minimizem os impactos da pandemia da COVID-19, como foi o caso da Lei nº 14.017, a Lei Aldir Blanc.

Desde março de 2020, 37 deputados de 11 diferentes partidos protocolaram projetos de lei a fim de minimizar os impactos da pandemia no setor cultural. O

[5] Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101687.pdf
[6] Considerando que 40% dos indivíduos e 37% das organizações não estão envolvidas em coletivos ou sindicatos.

primeiro deles, o Projeto de lei nº 1075/2020[7], teve como primeira signatária a deputada Benedita da Silva (PT). Foram unificados a ele os projetos de lei nº 1089/2020[8] (Dispõe sobre a concessão de benefícios emergenciais aos trabalhadores do setor cultural), nº 1251/2020[9] (Dispõe sobre a destinação de Recursos Financeiros do Fundo Setorial do Audiovisual e Fundo Nacional da Cultura) e nº 1365/2020[10] (Cria benefício para os trabalhadores da área das artes e da cultura em virtude da Emergência em Saúde Pública). A relatoria do PL nº 1075/2020 na Câmara foi definida no dia 7 de maio, tendo como relatora a Deputada Federal Jandira Feghali (PCdoB/RJ) e votado no dia 26 de maio de 2020. No Senado, o PL nº 1075/2020 teve a relatoria do Senador Jaques Wagner (PT/BA), que conseguiu a aprovação por unanimidade e sem emendas no dia 4 de junho de 2020.

A construção do texto final aprovado foi de responsabilidade da Deputada Jandira Feghali, junto a 26 deputados e deputadas como coautores, além das contribuições de coletivos, artistas, trabalhadores e trabalhadoras de todas as áreas, educadores, lideranças dos povos tradicionais, conselheiros de cultura de todas as esferas, gestores municipais e estaduais de todo o território nacional, prefeitos e governadores. Por meio da realização de Web Conferências, dirigida por membros de fóruns e conselhos municipais e estaduais de cultura, gestores municipais e estaduais de cultura e, de forma autogestionada, autoconvocada e independente, foram promovidos diálogos nacionais, importante instrumento de escuta que contribuiu para o texto final.

A sugestão de batizar a Lei em referência ao compositor Aldir Blanc, recém vitimado pela COVID-19[11], partiu da Deputada Jandira Feghali, sendo sancionada em 29 de junho como Lei nº 14.017/2020[12], com apenas 1 veto e, ainda, com necessidade de regulamentação.

Em 30 de junho foi publicada a Medida Provisória nº 986/2020[13], que estabelece a forma de repasse pela União dos valores a serem aplicados pelos

[7] Autora do projeto: Benedita da Silva (PT/RJ).
[8] Autores do projeto: José Guimarães (PT/CE), André Figueiredo (PDT/CE).
[9] Autores do projeto: Aline Gurgel (REP/AP).
[10] Autor do projeto: Tadeu Alencar PSB/PE.
[11] Falecido em 04 de maio de 2020, o artista não recebeu nenhuma menção honrosa pública pela sua vasta contribuição para a cultura brasileira.
[12] Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil03/ato2019-2022/2020/lei/L14017.htm Acesso em: 30 ago. 2020.
[13] Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil03/ato2019-2022/2020/Mpv/mpv986.htm#art1 Acesso em: 30 ago. 2020.

Poderes Executivos locais e foi convertido em Lei nº 14.036/2020[14], e em 09 de julho a Medida Provisória nº 990[15], que abre crédito extraordinário, em favor de Transferências a Estados, Distrito Federal e Municípios, no valor de R$ 3.000.000.000,00. Em 17 de agosto foi publicado o Decreto nº 10.464/2020[16], que regulamenta a execução orçamentária. Segue-se, a partir de então e por cerca dos próximos 2 meses, a apresentação de planos de ação por parte dos Estados e municípios na Plataforma +Brasil, o qual os entes apontam a intenção de destinação dos recursos, para, então, receberem até o dia 26 de outubro o valor que lhes cabiam e aplicarem em programas, editais, chamadas públicas, subsídios etc.

Todo o percurso da lei desde a sua criação, passando pelas aprovações na Câmara e Senado, e regulamentações, foi marcado por mobilizações dos mais diversos segmentos artísticos e culturais, listas e correntes para pressionar o voto pela sua aprovação. Secretários municipais e estaduais de cultura de diferentes partidos e orientações ideológicas mobilizaram prefeitos e governadores, além de manifestações de apoio em redes sociais de parlamentares de partidos tradicionalmente mais discretos em relação às pautas da cultura. Segundo Carlos Paiva (2020), nesse contexto, houve a migração de um modo único de demandar iniciativas, o modelo federal, para um debate mais diverso, com multiplicidade de experiências de gestão cultural nos entes subnacionais, o que possibilitou o enriquecimento do repertório e expansão da imaginação quanto às alternativas disponíveis para enfrentarmos os desafios do fomento à cultura.

O fundamento conceitual da Lei Aldir Blanc teve especial participação de Célio Turino, historiador, escritor e gestor de políticas públicas, idealizador do Programa Cultura Viva, um marco nas políticas culturais no Brasil, e que trouxe sua experiência como contribuição à garantia de amplitude, diversidade e descentralização dos recursos.

[14] Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil03/ato2019-2022/2020/Mpv/mpv986.htm#art1 Acesso em: 30 ago. 2020.
[15] Disponível em: https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/medida-provisoria-n-990-de-9-de-julho-de-2020-266124316 Acesso em: 30 ago. 2020.
[16] Disponível em: https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/decreto-n-10.464-de-17-de-agosto-de-2020-272747985 Acesso em: 30 ago. 2020.

A Lei Aldir Blanc

A Lei Aldir Blanc estabelece um conjunto de ações para garantir renda emergencial para trabalhadores da cultura, subsídios à manutenção dos espaços culturais e ações de fomento à cultura, como editais, chamadas públicas, prêmios e aquisições de bens e serviços culturais, durante o estado de calamidade pública decorrente da pandemia. Além disto, a lei estabelece ainda linhas de crédito em instituições financeiras e renegociações de débitos em condições especiais para trabalhadores, microempresas e empresas de pequeno porte do setor cultural[17].

Os três bilhões de reais fazem parte do superávit do Fundo Nacional de Cultura apurado em 31 de dezembro de 2019 e foram distribuídos de forma descentralizada da União para os estados, Distrito Federal e municípios[18]. O recurso seria repassado preferencialmente por meio dos fundos estaduais, municipais, distrital de cultura ou, quando não houvesse, outros órgãos ou entidades responsáveis pela gestão desses recursos. Cada ente criou seu plano de ação, regulamentou e executou, permitindo assim, a adequação às realidades locais.

Desafios

A Lei Aldir Blanc encontra em suas virtudes os desafios para a sua implementação. A capilaridade dos investimentos, com melhor distribuição territorial dos recursos foi de encontro a municípios que nunca receberam recursos diretos da União, e/ou não possuíam fundos ou mesmo órgão gestor específico para a cultura[19]. Além disto, grande parte dos indivíduos e instituições nunca solicitaram apoio aos governos locais, conforme aponta a pesquisa da OBEC[20], indicando a possibilidade de não familiaridade deste com o recebimento e gestão dos recursos. Há, ainda, municípios que receberão recursos nunca operacionalizados, como é o caso do

[17] Este mecanismo ainda necessita de regulamentação, que demanda negociação entre o Ministério do Turismo e Ministério da Economia.
[18] Os recursos serão divididos em 50% para os governos estaduais e 50% para as prefeituras municipais. Esses valores serão distribuídos de forma proporcional à população e aos Fundos de Participação de estados e municípios e serão executados de forma descentralizada.
[19] Na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, dos 13 municípios, 7 não possuíam fundo municipal de cultura até a regulamentação da Lei Aldir Blanc. Fonte: Confederação Nacional dos Municípios (CNM), 2020. Ainda, a cidade do Rio de Janeiro, regulamentou seu fundo em 29 de maio de 2020.
[20] 44% dos indivíduos e 32% das organizações nunca solicitaram apoio aos governos locais.

município de Queimados, na Baixada Fluminense no Rio de Janeiro, que receberá cinco vezes seu orçamento de 2019 para a cultura[21]. Dentre outros fatores, são muitos os desafios para a implementação, em caráter emergencial e frente as burocracias da administração pública que, teriam até 31 de dezembro de 2020 para liquidação dos recursos, ou seja, pouco mais de 2 meses para abertura de editais, inscrições, seleções, recursos, abertura dos processos para pagamento e finalização dos pagamentos.

Idealização do Afluentes

Idealizado neste cenário em meio a pandemia do novo coronavírus no ano de 2020 e, diante da instabilidade e vulnerabilidade que o setor cultural se encontrava como um todo, Bernardo Marques Baptista e eu refletimos de que forma conciliar nossos conhecimentos e experiências em uma ação que, além de remunerar todos os envolvidos em um período delicado, pudéssemos trazer para a prática as reflexões discutidas na academia ao longo da nossa formação e os questionamentos pessoais quanto ao trabalho de pesquisa, gestão e produção cultural com culturas populares.

Etimologicamente, afluente remete à corrente de água, rio ou riacho que deságua em outra corrente maior. Compreendemos, assim, que a corrente maior seria o estado do Rio de Janeiro – e/ou qualquer outra região – e seus afluentes as vivências possíveis, ou seja, as territorialidades possíveis. Desta forma, o Afluentes propicia abordar diferentes territórios e territorialidades, compartilhando vivências possíveis. Além disto, a ação permite desdobramentos futuros, impulsionando pesquisas e experiências profissionais diversas.

A primeira publicação foi idealizada e realizada por meio de pesquisa acerca do Sertão Carioca – nome dado à antiga zona rural da cidade do Rio de Janeiro por Armando Magalhães Corrêa, autor do livro de mesmo nome publicado em 1936 – e produção artística do gravador e ilustrador Thiago Modesto, convidado a retratar este território através do seu olhar.

[21] Conforme citado pelo Professor João Guerreiro no evento online “Os Desafios da Implementação da Lei Aldir Blanc no Estado e no Município do Rio de Janeiro”, em 17 de agosto de 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=RHtAMToVk1A Acesso em: 30 ago. 2020.

O Sertão Carioca ou de onde partimos

Segundo Câmara Cascudo (2002) no Dicionário do Folclore Brasileira, a origem do nome sertão é discutível e, folcloricamente, o identifica melhor como “interior, mais ligado ao ciclo do gado e com a permanência de costumes e tradições antigas”. O sertão é uma poderosa matriz mítica do pensamento brasileiro, um lugar no imaginário a partir do qual grandes autores e artistas nacionais se propuseram a compreender e representar.

O termo Sertão Carioca foi o nome dado por Armando Magalhães Corrêa em uma série de reportagens publicadas entre 1932 e 1933 no *Correio da Manhã*, periódico brasileiro da época, onde o autor descreve e analisa a então região da zona rural da cidade do Rio de Janeiro que vai da Baixada de Jacarepaguá à Pedra de Guaratiba, Zona Oeste da cidade, abordando o patrimônio natural local remanescente da Mata Atlântica – fauna, flora, rios, lagoas etc. – e a “vida sertaneja” – fazendas, pontes, estradas, ofícios, técnicas de produção e etc. Natural do Rio de Janeiro e residente da região à época das reportagens, o autor era escultor, professor, foi conservador na Seção de História Natural do Museu Nacional onde se especializou em taxonomia, converteu-se em naturalista e ambientalista e, ainda desenhista, trouxe aos seus textos desenhos a nanquim que revelam em ilustrações o lado rural da então capital brasileira. As reportagens tinham como propósito, também, “documentar o modo irresponsável pelo qual essa minúscula parte da Mata Atlântica vinha sendo degradada”. Foi publicado como volume 167 da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* em 1936 um compilado destas reportagens que trouxe como título do livro o termo Sertão Carioca. (RIBEIRO, 2017)

Figura 7: Primeira reportagem da série publicada por Magalhães Corrêa no Correio da Manhã (Rio de Janeiro), 21 de fevereiro de 1932.

Correio da Manhã

O SERTÃO CARIOCA — Por Magalhães Corrêa

Fonte: CORRÊA, Armando Magalhães. O sertão carioca. **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, p. 17-17. fev. 1932[22].

Atualmente, o termo “Sertão Carioca” remete a um limite espacial simbólico que abrange as dimensões natural, social e cultural vez que na região se encontra o Parque Estadual da Pedra Branca – área núcleo de biodiversidade da Mata Atlântica com mananciais hídricos – e duas comunidades quilombolas – O Quilombo do Camorim e o Quilombo Cafundá Astrogilda. A região reúne heranças culturais, religiosidade, saberes culinários, apreensões com o meio ambiente e resistências sociais.

[22] Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/089842_04/10597. Acesso em: 17 nov. 2021.

Compreendemos, na publicação, o Sertão Carioca a partir das noções de território e territorialidade, conforme sugerido por Marcelo Souza (1995), por meio de uma abordagem mais abrangente e crítica que considera uma rede de relações sociais constituídas no “espaço concreto” e que nos permite trabalhar o território enquanto um “campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais”. Estas dimensões e relações estão presentes sobretudo, após analisarmos criticamente o livro Sertão Carioca, ao optarmos por nos inspirar nos cinco quilombolas e as sociabilidades presentes no Sertão Carioca, questões pouco exploradas no livro de Correa.

Figura 8: Registros internos do livro O Sertão Carioca

Fonte: Acervo da autora

O Quilombo Cafundá Astrogilda ou por onde escolhemos iniciar

Figura 9: Registros internos do livro O Sertão Carioca

Fonte: Acervo da autora

Partido da concepção de Souza (2015) percebemos que o Sertão Carioca é marcado por experiências e vivências diversas, dentre elas a presença da comunidade quilombola Cafundá Astrogilda, território escolhido para compor a publicação Afluentes – O Sertão Carioca Ontem e Hoje.

O Quilombo Cafundá Astrogilda fica localizado em Vargem Grande, bairro da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro onde até os fins do século XIX fazia parte das fazendas de posse da Ordem Beneditina – mais antiga ordem religiosa católica –

junto aos atuais bairros do Camorim, parte da Barra da Tijuca, Recreio e Vargem Pequena. Os beneditinos adquiriram as terras por doação de sesmarias[23] e, "como de costume em sua administração, os cativos de suas fazendas tinham o direito de ter sua própria roça e os proventos que dali auferisse, além dos finais de semana e dias santos para trabalharem para si", com isto, ao longo do século XIX se formou "uma extensa rede de pequenos agricultores que viviam de subsistência, mas também de caça, pesca e da extração de recursos diversos da mata". (GOMES, 2006, p. 46-47, apud DORIA, 2020, p. 4)

Ao serem alforriados, em 1871, eram consideráveis o quantitativo de espaços de autonomia da comunidade negra da Fazenda Vargem Grande. Segundo ainda Doria (op. cit.), as encostas do Maciço da Pedra Branca estavam repletas de famílias e comunidades que mantinham a "produção rural de subsistência voltada para o mercado local e as trocas entre famílias, comunidades e aquilombados do maciço" (p. 4), da qual se transformou no Quilombo Cafundá Astrogilda. É possível observar ainda hoje parte desta dinâmica de sustendo das famílias, assim como é presente na memória dos quilombolas envolvidos na pesquisa e em contos e causos da publicação.

Desde então, e até os dias de hoje, a comunidade resiste a diversificadas investidas contra a sua presença no território, seja por parte de grileiros ou do próprio Estado. Um marco desta luta e resistência, em 1974, quando viviam cerca de 70 famílias na comunidade, foi quando a criação da unidade conservadora do Parque Estadual da Pedra Branca[24], área de proteção ambiental (APA). A instituição do Parque definia, dentre outras determinações, a remoção dos moradores e, ainda, impedimento deles continuarem suas práticas agrícolas seculares. Entretanto, diante das evidências históricas e culturais, no ano de 2013, a Fundação Palmares do Governo Federal certificou o território como uma comunidade quilombola, importante processo de mobilização e auto identificação dos residentes e instrumento de poder que hoje garante a permanência de aproximadamente 100 famílias no território.

A presença do poder público na comunidade durante a pandemia foi mínima, assim como no decorrer da história de formação desse território, conforme apontado por Doria (op. cit.) ao falar sobre o acesso a água, a manutenção das ruas, serviço de

[23] Sistema português, adaptado no Brasil, que normatizava a distribuição de terras destinadas à produção agrícola.
[24] Lei Estadual nº 2.377 de 28 de junho de 1974.

saúde e acesso a luz, que são majoritariamente executados pelos próprios moradores e parceiros. Os autores dos contos e causos da publicação possuem como fonte de renda a venda de sua a produção agrícola local em feiras livres. Têm, também, ações socioculturais no território. Ambas as atividades foram interrompidas temporariamente como medidas de contenção da pandemia. No início de 2021, como grupos prioritários na campanha de vacinação contra covid-19, receberam uma equipe de saúde para vacinação local. Com isto, os autores e moradores locais envolvidos na pesquisa e ações, estavam vacinados e/ou com o ciclo de vacinação completo e, com isso, começaram a retornar às suas atividades produtivas e de subsistência.

Já a nossa ação junto aos quilombolas ocorreu no final do ano de 2020 até o maio de 2021, ou seja, durante todo o período pandêmico. Os produtos resultantes da ação tiveram como foco a comunidade local, autores e seus familiares – que são por volta de são 240 famílias de descendentes em toda a área do Quilombo; a Escola Quilombola Cafundá Astrogilda, uma escola popular e gratuita construída pela comunidade e parceiros; o Ação Griô, projeto de ecoturismo pedagógico de base comunitária que promove visitas de alunos de escolas públicas e privadas que ouvem as histórias contadas pelos membros da família; e públicos diversos interessados em culturas populares, comunidades tradicionais e patrimônio.

O acesso aos produtos resultantes se dá de forma gratuita e contempla público de todos os perfis sociais, faixas etárias, gênero, raça etc. O livro terá seus exemplares impressos e distribuídos aos autores, à comunidade por meio da Escola Quilombola Cafundá Astrogilda e ao projeto Ação Griô, além do percentual para a Secretaria Municipal de Cultura da cidade do Rio de Janeiro, que viabilizou a impressão, e para a equipe do projeto. O acesso à publicação para os demais públicos se dará de forma digital. A publicação encontra-se disponível online em site específico da ação, além de *QR Code* em postais distribuídos em locais estratégicos da comunidade quilombola.

A publicação está licenciada com uma licença *creative commons* de "Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional"[25] que permite que outros façam download e compartilhem a obra desde que atribuam crédito aos autores e sem que possam alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais. A opção pela licença *creative commons* se deu por essa fornecer instrumentos legais

[25] Resumo da licença disponível em: https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.ptBR

padronizados e resguardados pela lei de direitos autorais, por proteger os direitos de todos os envolvidos e facilitar a circulação e o acesso a obra, contribuindo para a democratização da informação e atendendo, ainda, a fins constitucionais de acesso à cultura.

A Licença *Creative Commons* - CC se consolidou no Brasil na gestão do Ministro da Cultura Gilberto Gil em diálogo com um movimento cultural mundial e seu interesse e reflexão a respeito da cultura digital, propriedade intelectual e uma nova cultura de compartilhamento e interesse público de acesso ao conhecimento. Segundo Ronaldo Lemos (2005), fundador e coordenador do Centro de Tecnologia e Sociedade da Escola de Direito da Fundação Getúlio Vargas no Rio de Janeiro e diretor do projeto Creative Commons no Brasil, muitas vezes exige-se que o criador transfira seus direitos para um intermediário, no caso do CC, o autor continua como dono integral de sua criação, permitindo à coletividade alguns usos sobre a obra.

Já a pesquisadora e ex-gerente de Patrocínio e responsável pelos editais Petrobras Cultural entre 2003 e 2012, Eliane Costa (2011), também defende o CC:

> A licença mais utilizada do CC é a de uso não comercial. Ela permite que a obra circule, mas que o autor receba direitos autorais sempre que sua obra seja utilizada comercialmente (por exemplo, no rádio ou na televisão). Essa licença representa um bom equilíbrio entre divulgação da obra e manutenção das possibilidades de sua exploração (COSTA, 2011, p.193).

Com isto, buscamos que o *Afluentes* seja, ainda, um instrumento educativo e que possa ser compartilhado e utilizado enquanto tal, delimitando sua utilização e garantindo o respeito à autoria de todos os envolvidos.

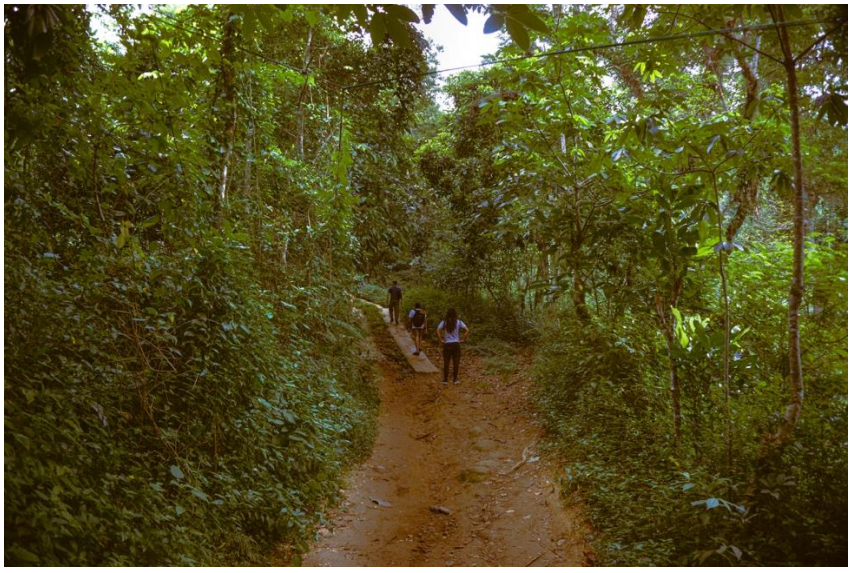
O projeto *Afluentes – O Sertão Carioca Ontem e Hoje* é uma ação que apresenta linguagens artísticas diversas como as artes visuais e o audiovisual, com trilha sonora própria, registros fotográficos e memórias dos cinco autores quilombolas. A ação promove um diálogo acerca da identidade, valores e modos de vida que expressam a estética do quilombo, comunidades tradicionais e demais territórios periféricos. Propõe a preservação e valorização da memória e território carioca, fluminense e brasileiro pois nos apresenta o ser-tão brasileiro e o ser-tão carioca por vezes desconhecidos e tratados à margem pela sociedade.

7. Concepção metodológica de construção do produto com referencial / revisão teórica da concepção do produto

Para a idealização do produto foram realizadas pesquisas bibliográficas, sobretudo ao livro *O Sertão Carioca* de autoria de Armando Magalhães Corrêa. O livro, que teve sua primeira edição publicada em 1936, é um compilado de uma série de reportagens publicadas pelo autor entre 1932 e 1933 em um periódico brasileiro da época, Correio da Manhã, onde o autor descrevia e analisava a então região da zona rural da cidade do Rio de Janeiro que vai da Baixada de Jacarepaguá à Pedra de Guaratiba, Zona Oeste da cidade, abordando o patrimônio natural local remanescente da Mata Atlântica – fauna, flora, rios, lagoas etc. – e a "vida sertaneja" – fazendas, pontes, estradas, ofícios, técnicas de produção e etc.

Foram realizadas pesquisas de campo na região, iniciando nas feiras livres nas quais os agricultores da região vendem suas produções. Seguimos pelas trilhas no Maciço da Pedra Branca pelos caminhos citados e retratados no livro Sertão Carioca (op. cit.) na comunidade quilombola Cafundá Astrogilda, além de encontros individuais com os autores e em grupo para apresentar a publicação aos autores. Foram registrados em áudios diálogos durante as trilhas, e realizadas entrevistas nos encontros individuais com os autores, que foram registradas em vídeo. Foram oito encontros ao longo dos meses de dezembro de 2020 a maio de 2021.

Figura 10: Registro de uma das caminhadas pelo Quilombo Cafundá Astrogilda.



Fonte: Acervo da autora

Figura 11: Registro de uma das entrevistas.

Fonte: Acervo da autora

Figura 12: Registro de uma das entrevistas.

Fonte: Acervo da autora

O Afluentes remete, principalmente, ao conceito do principal teórico da geografia brasileira e latino-americana Milton Santos (2006), em que aponta que “o território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida”.

Em paralelo, recentes reflexões trazidas pela academia contribuíram na conceitualização da execução do Afluentes permitindo identificar teorias, conceitos e autores que dialogam não só com o desenvolvido na pesquisa e produto, mas também com a história dos envolvidos que interferem nos contos, causos e artes apresentadas. As reflexões contribuíram positivamente no sentido de acrescentar perspectivas, possibilidades de análises, observações e discussões diversas. Relaciono algumas delas a seguir.

A amplitude e conceitualização de território, territorialidade, desterritorialização, retorritorialização e multiterritorialidades observadas sobretudo na abordagem ao Quilombo Cafundá Astrogilda que ao longo dos anos vem se apropriando do espaço em que vivem no sentido simbólico, “carregado das marcas do vivido e do valor de uso” e no seu sentido concreto e funcional, “vinculado ao valor de troca com o espaço” tornando-o enquanto território, como apontou Haesbaert (2004). Observadas, ainda, nas disputas e negociações por este território onde evidencia-se as relações de poder dentre elas, a institucionalização do território enquanto Área de Proteção Ambiental por meio do Governo do Estado do Rio de Janeiro, que impõe uma territorialidade hegemônica, arbitrária e de dominação por meio do rito de instituição de uma lei e, por outro lado, a mobilização da comunidade enquanto identificação quilombola conferindo-os poder quanto ao território, enfatizando o que Marcelo Souza (1995) define enquanto território como “um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”. Compreendo, a partir disto, como um espaço com multiterritorialidades.

Os conceitos relacionados a memória contemplam diretamente a execução do projeto vez que muitas das histórias, contos e causos ouvidos e presentes na publicação foram memórias acionadas ao longo das caminhadas que realizamos juntos aos quilombolas. Memórias individual e coletiva e acontecimentos vividos pessoalmente ou por tabela foram acionados conforme percorríamos os lugares. Lugares estes os quais podemos identificar enquanto lugares de memória, que dão apoio às memórias pessoais e do grupo que os relacionam com o território. Foram

estes lugares de memória os geradores de contos e causos que abordamos novamente nas entrevistas e nos trouxe valores éticos, espirituais, simbólicos, afetivos, de modos de vida, histórias de resistência e questionamentos, de brincadeiras, de festividades e de assombramentos. (POLLAK, 1992)

O processo de Certificação da comunidade enquanto Quilombo se relaciona com a própria conceitualização de quilombo trazida por Beatriz Nascimento (2006) quando aborda seu significado no Brasil a partir do ponto de vista ideológico e contra as formas de opressão. Este processo trouxe para a comunidade os apontamentos abordados pela autora como: a conscientização do negro e a formação de identidade, vez que a comunidade não se identificava enquanto Quilombo até o processo da sua certificação; e o quilombo enquanto símbolo de resistência que, de fato se fez ao se tornar instrumento político para sua manutenção e vivência da comunidade no território.

Este processo também me remete a Leda Maria Martins (2021) e o conceito de tempo espiralar ao terem que retomar a ancestralidade, trabalhar o passado, a partir da luz do presente, com intenção de futuro, ou seja, a disputa pela memória para intervir no presente.

Quanto a metodologia da pesquisa, James Clifford (2008) aponta o modo polifônico enquanto modelo que rompe com etnografias que possuem uma única voz, propondo uma produção colaborativa do conhecimento, a qual localizo e identifico o processo e a publicação *Afluentes*. Ainda que não seja uma etnografia, este entendimento nos orientou na busca por dar ênfase ao protagonismo, diálogo e autorias. Estas questões são críticas e perspectivas pessoais em como trabalhar enquanto produtora cultural com expressões, manifestações e culturas populares, bem como com seus detentores. Neste caminho também foi definido o formato da publicação, primeiramente, de forma participativa com os envolvidos, chegando em um formato que prioriza o protagonismo e a autoria de todos os envolvidos.

Assim, a publicação *Afluentes – O Sertão Carioca Ontem e Hoje* é o diálogo das obras artísticas de Thiago Modesto, texto de autoria de um dos quilombolas, o Adilson Junior, que inicia e abre os caminhos para os contos e causos dos demais, posfácio do pesquisador de campo sobre a experiência, texto do artista sobre o

processo, registros fotográficos, audiovisuais[26] e música autoral inspirados no desenvolvimento da ação.

Figura 13: Ilustração de Thiago Modesto para a publicação digital Afluentes – O Sertão Carioca Ontem e Hoje

Fonte: publicação digital Afluentes – O Sertão Carioca Ontem e Hoje. Disponível em: https://afluentesculturais.com.br/site/osertaocarioca/. Acesso em 25 ab. 22.

O projeto passo-a-passo

Após a idealização, do convite ao artista Thiago Modesto, da inscrição do projeto nos editais da Lei Aldir Blanc e, antes mesmo de termos alguma aprovação ou certeza de recursos para a execução, Bernardo, Thiago e eu fomos às feiras onde os agricultores do Sertão Carioca comercializam suas produções. Este foi o primeiro encontro presencial e trabalho de campo do Afluentes. Fomos à Feira Agroecológica

[26] A publicação digital disponibilizada em 2021 gerou alguns conteúdos audiovisuais que estão disponíveis em: https://www.youtube.com/watch?v=WzoxB5MiOw4 e https://www.youtube.com/watch?v=XIHxPQIHkhk&t=1s.

da Freguesia[27] e, em seguida, na Feira do Gardênia Azul[28], ambos em Jacarepaguá. Bernardo já conhecia o Pedro Santos Mesquita – popularmente chamado de Pedrinho, agricultor e quilombola da comunidade Cafundá Astrogilda que vende banana orgânica em feiras livres – falamos rapidamente sobre a pesquisa e, em meio ao trabalho e atendimento a clientes, nos convidou para ir até o Quilombo e conversarmos melhor. Assim, o Quilombo Cafundá Astrogilda foi o primeiro local do Sertão Carioca que a equipe visitou.

Nos últimos dias de dezembro de 2020 fomos recebidos pela família Santos Mesquita na Praça José Baltar, em Vargem Grande, que nos guiou por cerca de cinco horas pelo Quilombo e caminhos citados no livro do Magalhães Corrêa. Não esperávamos um trajeto tão longo, talvez tenha sido o desafio proposto por eles para seguirmos com a pesquisa. Desafio aceito e fundamental para o entendimento de que foi muita pretensão pensarmos em um território tão múltiplo e, além disto, que precisávamos buscar um recorte territorial. E foi este nosso direcionamento após a caminhada junto a eles, decidimos por focar a publicação no Quilombo Cafundá Astrogilda e, mais especificamente, na Família Santos Mesquita, descendentes diretos da matriarca que dá nome ao Quilombo, que são os autores e protagonistas dos contos e causos da publicação.

Seguimos em um segundo encontro em janeiro de 2021, desta vez com demais membros da equipe, passamos uma noite em uma casa anexa à casa de Paulo José Martins Filho, chamado por todos de Paulinho, que é paraquedista e atualmente um dos guias do projeto Ação Griô, projeto de ecoturismo pedagógico de base comunitária que promove visitas de alunos de escolas públicas e privadas que ouvem as histórias contadas pelos membros da família. Nesta ocasião fizemos uma caminhada de aproximadamente sete horas por vias não percorridas anteriormente e que há tempo a família não visitava, com isto, andamos por trilhas por vezes fechadas. Neste caso eles ansiavam por chegar a uma cachoeira que não iam desde a infância, há cerca de uns 30 anos, a qual chamam de “chuveirão”.

[27] A Feira Agroecológica da Freguesia é uma realização da Rede Carioca de Agricultura Urbana (Rede CAU, com apoio da Associação de Moradores e Amigos da Freguesia (AMAF) e da Prefeitura do Rio de Janeiro, através da SEDES. A Feira faz parte do Circuito Carioca de Feiras Orgânicas e é resultado de um longo processo de preparação, a partir da realização de Oficinas de Preparação com agricultores, técnicos, parceiros. Acontece todos os sábados na Praça Professora Camisão – Freguesia.

[28] Feira livre do bairro, acontece aos sábados na Avenida das Lagoas (entre as ruas Menta e Licânea) no Gardênia Azul.

A família e comunidade viveram há alguns anos ao longo de um espaço territorial mais amplo que o atual e, com a possibilidade de terem energia elétrica junto aos impedimentos advindos a instituição da área de proteção ambiental, dentre eles a limitação na utilização dos recursos naturais, entre outros motivos, grande parte das famílias foram migrando para as partes mais baixas do Maciço. Consequentemente, ao longo da caminhada passamos por locais que hoje é apenas vegetação (ou apenas o piso – em algumas construções mais recentes) e que antigamente foram suas casas e de seus familiares, espaços de socialização, de trocas e vendas de mercadorias ou espaços de práticas religiosas.

Os próximos passos, e que se deu ao longo de quatro meses, foram: entender e alinhar com artista e equipe as possibilidades de formato da publicação, fazer análise crítica das referências, pesquisas de campo e bibliográficas e iniciativas já realizadas no quilombo, roteirizar perguntas para entrevistas, agendar entrevistas individuais que foram registradas em vídeo, ouvir e decupar todo o material coletado, produzir ilustrações, transcrever contos e causos, fazer pequenas adaptações, organizar contos e causos, produzir o projeto gráfico, diagramar, apresentar versão inicial da publicação aos quilombolas e coletar impressões e sugestões de alteração, alterar ilustrações, contos e causos conforme apontados pelos protagonistas, submeter o conteúdo à catalogação na fonte, produzir vídeo teaser e vinheta de lançamento, trabalhar a comunicação e redes sociais e lançar a publicação virtual.

Destaco aqui as etapas de transcrição e adaptação dos contos e causos. Utilizamos da linguagem do audiovisual para o registro das entrevistas e parte do percurso, que gerou em torno de 12 horas de áudios. Tínhamos como desafio os prazos de execução e entrega para a realização via Lei Aldir Blanc, assim como recursos financeiros, o que influenciou na escolha da metodologia e otimização do tempo. Então, deste material, realizei a decupagem de tudo o que foi falado e selecionei apenas partes para a transcrição. Orientei e acompanhei a transcrição primando para que fosse exatamente da forma como os entrevistados contavam suas memórias. Assim teríamos transcrito o mais próximo possível das falas e, para isso, convidei uma pessoa sensível e que se identificasse com a temática.

Como, as memórias, por serem flutuantes e, tanto caminhando quanto ao longo das entrevistas, serem acionadas por lugares ou por outras memórias ou explicações, por vezes não tínhamos contos e causos contados de forma cronológica ou lineares.

Optamos então por fazer o que chamamos de adaptações literárias, com pequenas adaptações do texto, como por exemplo, priorizar a história principal contada e excluir repetições e outras histórias que a atravessavam.

A seguir, cabe ressaltar uma das etapas que considero das mais importantes: a apresentação de uma prévia da publicação aos envolvidos e familiares. Agendamos um dia com todos no bar da Nilza, esposa do Pedrinho, local de frequentes encontros e proximidades de todos, levamos um projetor e apresentamos a prévia da publicação com as ilustrações, contos e causos já organizados para o conhecimento e considerações de todos. Este foi um dos momentos chave da execução do projeto onde todos, de fato, puderam conhecer o que vínhamos produzindo ao longo dos últimos meses e ações. Aproveitamos este dia também para as questões burocráticas como pagamentos, assinatura de contratos, autorização de imagens e recibos.

Caracterizo esta etapa como o encontro mais extasiante do projeto. Os autores dos contos e inspirações para as ilustrações se identificaram com as artes, revisitaram suas memórias, riram, brincaram, sugeriram ajustes e falaram muito na produção de outros materiais com as artes como camisas e murais pelo Quilombo.

Figura 14: Registro do encontro de apresentação de prévia da publicação aos autores.

Fonte: Acervo da autora.

8. Etapas de Produção

PRÉ-PRODUÇÃO

- Idealização;

- Pesquisa;

- Inscrição em editais;

- Contratação do artista e profissionais envolvidos;

- Curadoria;

- Assessoria jurídica e desenvolvimento de contratos.

PRODUÇÃO

- Registro de domínio e hospedagem do website;

- Elaboração de mapa de website;

- Realização de visitas e pesquisas de campo;

- Realização de entrevistas;

- Organização de material coletado;

- Transcrição de textos;

- Seleção e organização de contos e causos;

- Revisão de textos;

- Produção de ilustrações;

- Elaboração de identidade visual e projeto gráfico;

- Composição visual, estudo de tipografia e cores;

- Diagramação;

- Criação de site/hospedagem da publicação;

- Criação de teaser;

- Criação de vinheta de lançamento da publicação;

- Solicitação de ISBN, código de barras e ficha catalográfica da publicação digital;

- Registro de direito autoral;

- Lançamento do site e publicação artística digital;

- Revisão textual e de projeto gráfico para impressão;

- Solicitação de ISBN, código de barras e ficha catalográfica da publicação impressa;

- Impressão da publicação;

- Lançamento da publicação impressa e entrega à comunidade;

- Comunicação em redes sociais;

- Execução de pagamentos e administração financeira;

PÓS-PRODUÇÃO

- Elaboração de relatórios com indicadores e resultados.

9. Cronograma de execução

PROJETO	Afluentes - O Sertão Carioca Ontem e Hoje

ETAPAS	ATIVIDADES	nov/20	dez/20	jan/21	fev/21	mar/21	abr/21	mai/21	jun/21	jul/21	ago/21	set/21	out/21	nov/21	dez/21	jan/22	fev/22	mar/22	abr/22	mai/22	jun/22
PRÉ-PRODUÇÃO	Idealização	X																			
	Pesquisa	X	X	X	X																
	Inscrição em editais	X												X							
	Curadoria		X	X																	
	Contratação de artista e profissionais envolvidos			X														X	X		
	Assessoria jurídica e desenvolvimento de contratos			X			X														
PRODUÇÃO	Registro de domínio e hospedagem do website						X														
	Elaboração de mapa de website						X														
	Realização de visitas e pesquisas de campo		X	X	X	X	X	X								X			X	X	
	Realização de entrevistas				X	X															
	Organização de material coletado					X	X												X	X	
	Transcrição de textos						X														
	Seleção e organização de contos e causos						X														
	Revisão de textos						X														
	Diagramação de textos						X														
	Produção de ilustrações				X	X	X														
	Elaboração de identidade visual					X															
	Composição visual, estudo de tipografia e cores					X															
	Diagramação					X															
	Criação de site/hospedagem da publicação digital						X														
	Criação de teaser						X														
	Criação de vinheta de lançamento da publicação						X														
	Solicitação de ISBN, código de barras e ficha catalográfica da publicação						X														
	Registro de direito autoral						X														
	Lançamento do site e publicação artística digital							X													
	Revisão textual e de projeto gráfico para impressão																			X	
	Solicitação de ISBN, código de barras e ficha catalográfica da publicação																				X
	Impressão da publicação																				X
	Lançamento da publicação impressa e entrega a escola do Quilombo																				X
	Comunicação em redes sociais					X	X	X	X												X
	Execução de pagamentos e administração financeira			X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X			X	X	X	X
PÓS-PRODUÇÃO	Elaboração de relatório final do projeto							X													X

10. Orçamento

	PROJETO	Afluentes: O Sertão Carioca Contemporâneo

	DESCRIÇÃO	QTD.	UNIDADE	QTD. DE UNIDADE	VALOR UNITÁRIO (R$)	TOTAL DA LINHA (Qtd. x Qtd. de unidades x Valor unitário)
1	**PRÉ PRODUÇÃO**					
1.1	Curadoria	1	serviço	2	R$ 3.500,00	R$ 7.000,00
1.2	Organização	1	serviço	1	R$ 2.500,00	R$ 2.500,00
1.3	Pesquisa de campo	1	serviço	1	R$ 3.000,00	R$ 3.000,00
1.4	Material de pesquisa	1	verba	1	R$ 120,00	R$ 120,00
1.5	Direção geral	1	serviço	2	R$ 3.750,00	R$ 7.500,00
1.6	Identidade visual, logo, desenvolvimento e criação da programação visual - Afluentes	1	serviço	1	R$ 3.500,00	R$ 3.500,00
Total de Pré-Produção						**R$ 23.620,00**
2	**PRODUÇÃO**					
2.1	Direção de produção	1	serviço	2	R$ 2.500,00	R$ 5.000,00
2.2	Produtor Executivo	1	mês	4	R$ 2.000,00	R$ 8.000,00
2.3	Assistente de produção	1	mês	4	R$ 950,00	R$ 3.800,00
2.4	Artista convidado	1	cachê	1	R$ 6.000,00	R$ 6.000,00
2.5	Projeto gráfico e Diagramação	1	serviço	1	R$ 6.000,00	R$ 6.000,00
2.6	Registro de domínio de website	1	unidade	1	R$ 64,99	R$ 64,99
2.7	Hospedagem website	1	unidade	1	R$ 405,40	R$ 405,40
2.8	Programador de website	1	serviço	2	R$ 2.250,00	R$ 4.500,00
2.9	Autores quilombolas	1	verba	5	R$ 1.000,00	R$ 5.000,00
2.10	Entrevistados	1	verba	2	R$ 1.000,00	R$ 2.000,00
2.11	Produção audiovisual	1	serviço	1	R$ 2.000,00	R$ 2.000,00
2.12	Roteiro	1	serviço	1	R$ 1.000,00	R$ 1.000,00
2.13	Diretor Cinematográfico	1	serviço	1	R$ 1.500,00	R$ 1.250,00
2.14	Diretor de Fotografia	1	serviço	1	R$ 1.500,00	R$ 1.250,00
2.15	Edição/montagem	1	serviço	1	R$ 2.000,00	R$ 2.000,00
2.16	Transcrição de vídeos para LSE	1	minuto	20	R$ 25,00	R$ 500,00
2.17	Hard Disk Externo	1	unidade	1	R$ 1.000,00	R$ 1.000,00
2.18	Revisão textual	1	verba	1	R$ 1.000,00	R$ 1.000,00
2.19	Transcrição de entrevistas	1	serviço	1	R$ 500,00	R$ 500,00
2.20	ISBN	1	verba	2	R$ 22,00	R$ 44,00
2.21	Arquivo de Código de Barras	1	verba	2	R$ 36,00	R$ 72,00
2.22	Ficha catalográfica	1	verba	2	R$ 60,00	R$ 120,00
2.23	Registro de Direito Autoral	1	verba	2	R$ 69,90	R$ 139,80
2.24	Bibliotecário	1	serviço	1	R$ 400,00	R$ 400,00
2.25	Impressão	1	unidade	250	R$ 15,50	R$ 3.875,00
2.26	Pôster	1	verba	1	R$ 65,99	R$ 65,99
2.27	Postal	1	verba	1	R$ 402,99	R$ 402,99
2.28	Display de Acrílico	1	verba	4	R$ 45,00	R$ 180,00

2.29	Material Produção de murais (tintas etc)	1	verba	1	R$ 1.000,00	R$ 1.000,00
2.30	Material de consumo (EPI, repelente, álcool em gel, etc)	1	verba	1	R$ 309,83	R$ 309,83
2.31	Alimentação	1	verba	2	R$ 600,00	R$ 1.200,00
2.32	Transporte local	1	verba	2	R$ 700,00	R$ 1.400,00
Total de Produção						**R$ 60.480,00**
3	**DIVULGAÇÃO**					
3.1	Assessoria de imprensa	1	verba	1	R$ 1.000,00	R$ 1.000,00
3.2	Impulsionamento de post em redes sociais	1	verba	1	R$ 1.000,00	R$ 1.000,00
3.3	Designer	1	serviço	2	R$ 2.000,00	R$ 4.000,00
3.4	Comunicação em redes sociais	1	mês	2	R$ 700,00	R$ 1.400,00
Total de Pós Produção						**R$ 7.400,00**
4	**CUSTOS ADMINISTRATIVOS**					
4.3	Coordenador administrativo e prestação de contas	1	mês	8	R$ 1.000,00	R$ 8.000,00
4.7	Consultoria Jurídica - Contratos	1	serviço	1	R$ 500,00	R$ 500,00
						R$ 8.500,00
5	**TRIBUTOS, TAXAS E RECOLHIMENTOS**					
5.1	Tarifas bancárias	1	verba	1	R$ -	R$ -
						R$ 0,00

TOTAL DO PROJETO	**R$ 100.000,00**

OBS: O orçamento apresentando é a consolidação da execução da publicação em seu formato digital viabilizada no ano de 2021 por meio de recursos da lei de emergência cultural, a Lei nº 14.017, de 29 de junho de 2020, a Lei Aldir Blanc, via edital Fomento a todas as Artes da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, por intermédio da Secretaria Municipal de Cultura, somado a segunda etapa em 2022 que contempla a impressão da publicação, edição do documentário e criação de mural na comunidade realizado via Edital de Fomento à Cultura Carioca – FOCA, também da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, pela Secretaria Municipal de Cultura.

11. Considerações Finais

Hoje, por meio das reflexões trazidas pelo curso e pesquisas, entendo o Afluentes enquanto uma ação cultural pela perspectiva de Francis Jeanson, trazida pelo Teixeira Coelho (1997) no *Dicionário Crítico das Políticas Culturais*, em que os autores apontam que ação cultural é o "processo de criação ou organização das condições necessárias para que as pessoas e grupos inventem seus próprios fins no universo da cultura" e, ainda, enquanto uma ação cultural de criação que,

> propõe-se, diversamente, a fazer a ponte entre as pessoas e a obra de cultura ou arte para que, dessa obra, possam as pessoas retirar aquilo que lhes permitirá participar do universo cultural como um todo e aproximarem-se umas das outras por meio da invenção de objetivos comuns. Neste sentido, o termo criação é tomado em seu sentido mais amplo: não se refere apenas à construção de uma obra, à sua elaboração física, mas também ao desenvolvimento das relações entre as pessoas e uma obra - e das pessoas entre si por intermédio da obra - que permitirão a apreensão mais larga possível do universo da obra e a ampliação dos universos pessoais. (COELHO, 1997)

O autor sugere, ainda, que neste entendimento de ação cultural, o termo "público" é até mesmo inadequado, com o foco em pessoas, que é justamente o nosso entendimento enquanto *Afluentes*. Nos identificamos, ainda, com os apontamentos do Teixeira Coelho, os quais a ação cultural de criação tem como propósito:

> dissipar a incomunicabilidade social que se ergue entre a obra e as pessoas por motivos de natureza econômica, política ou outra. [...] eliminar ou diminuir a tentação à inércia e à passividade que indistintamente afeta a ampla maioria nos tempos da comunicação de massa [...] colocar uma pessoa, um grupo ou uma comunidade, em condições de exprimir-se em todos os aspectos da vida social. (COELHO, 1997)

Para além disto, o *Afluentes* dialoga com esta perspectiva por não se limitar a criar relações entre as pessoas e a obra, mas ao almejar que o território, por sua vez, expresse-se de modo autônomo e nos mais diferentes domínios da vida social, propondo uma "reflexão crítica sobre a obra cultural, sobre si mesmas e sobre a sociedade" e, sobretudo, que resulte em um legado e benefício social. (COELHO, 1997)

Desdobramentos

O Afluentes remunerou diretamente cerca de vinte pessoas, setenta e nove pessoas se inscreveram para o pré-lançamento e recebimento da publicação com exclusividade e foram acessados quatrocentos e vinte seis vezes o *link* da publicação digital até 30 de maio de 2022. Oitenta por cento da ficha técnica é negra e não brancos, quatro parceiros, amigos e, hoje profissionais, que passaram pela graduação do curso de Produção Cultural do IFRJ contribuíram com a execução.

O *Afluentes*, sem dúvidas, possibilitou o impulsionamento profissional e criação de portfólio do proponente e demais envolvidos, uma vez que permitiu a produção de uma ação independente e com possibilidades de desdobramentos futuros. Possibilitou, ainda, o contato com possíveis parceiros para, não só dar continuidade a ação, como também desenvolver outras iniciativas e prestação de serviços.

Em 2022, a partir das ilustrações criadas para a publicação, o artista produziu outras matrizes e obras em xilogravuras, que se desdobrou em uma série específica de uma exposição *Santos e Silvas*, individual do mesmo, realizada no Espaço Cultural Correios, em Niterói, de 22 de janeiro a 05 de março. O artista e curadoria participarão da programação junina do Sesc Madureira com a série *O Sertão Carioca* no mês de junho de 2022 e seguem em prospecção para a realização da exposição *Santos e Silvas* em outros espaços.

Serão executadas durante os meses de junho e julho de 2022 a impressão de 250 unidades da publicação, a execução de um mural na comunidade em parceria com a Escola do Quilombo, a finalização do documentário e lançamento e entrega dos produtos resultantes desta etapa no Quilombo.

Dificuldades

As maiores dificuldades enfrentadas, sem dúvidas, foram as restrições e limitações por razões da pandemia. O produto inicial, ainda que virtual, dependia das ações presenciais para a produção do conteúdo da publicação. Além disto, dependíamos da disponibilidade dos envolvidos, atrasando por vezes algumas visitas já agendadas e até mesmo comprometendo a visita quando a equipe já estava

presente. Isto fez com que a coleta de conteúdos e cronograma geral levasse um período maior que o planejado e esperado, impactando a entrega final. A garantia da segurança de todos os envolvidos também impacta no orçamento, vez que optamos por garantir o transporte para que toda a equipe e envolvidos se deslocassem em segurança, assim como compra de equipamentos de proteção individual e álcool.

Ainda

O *Afluentes* me trouxe a refletir sobre gestão, produção cultural e metodologia de trabalho com memória, ancestralidade, culturas populares e comunidades tradicionais. Sigo refletindo, ainda, na possibilidade do *Afluentes* enquanto um método próprio que inclui imersão, captação e registro de memórias, produção de uma publicação, produção de produtos culturais a partir das demandas do território e capacitação e formação para autonomia do território em novas ações.

Neste sentido, os conceitos de identidades do gestor cultural proposta pelo autor peruano Victor Vich (2017) tem orientado estas reflexões. Em resumo, o autor sugere enquanto habilidades, quatro identidades de um gestor cultural, sendo o gestor um *etnógrafo*, conhecendo bem as populações locais e sendo capaz de mostrar as chaves interpretativas do espaço social, um *curador*, no sentido de organizar a produção cultural na construção de narrativas, um *militante*, entendendo a gestão de processos a longo prazo, e não só eventos, na construção de novas realidades, e, por último, um *administrador*, que deve saber planejar, gerenciar recursos e resolver problemas burocráticos.

Apresento estes diálogos e possibilidades enquanto continuidade de pesquisas e reflexões, ainda, por meio do *Afluentes*.

Referências

ARAÚJO, Ana Caroline da Silva; MARQUES-BAPTISTA, Bernardo Wagner (org.). **O Sertão carioca ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Afluentes Culturais, 2021. 63 p. (Afluentes). Disponível em: http://www.afluentesculturais.com.br/publicacoes/o_sertao_carioca.pdf. Acesso em: 30 abr. 2021.

BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. Constituição (2020). Projeto de Lei nº 1075, de 20 de março de 2020. Dispõe sobre ações emergenciais destinadas ao setor cultural a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020; e dá outras providências. Disponível em: https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/2242136. Acesso em: 20 ago. 2020.

BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. Projeto de Lei nº 1089, de 06 de fevereiro de 2020. Dispõe sobre a concessão de benefícios emergenciais aos trabalhadores do setor cultural a ser adotado durante o Estado de Emergência em Saúde que trata a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020 e dá outras providências. Disponível em: https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/2242150. Acesso em: 20 ago. 2020.

BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. Projeto de Lei nº 1251, de 20 de março de 2020. "Dispõe sobre a destinação de Recursos Financeiros do Fundo Setorial do Audiovisual e Fundo Nacional da Cultura". Disponível em: https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/2242361. Acesso em: 20 ago. 2020.

BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. Projeto de Lei nº 1365, de 06 de fevereiro de 2020. Cria benefício para os trabalhadores da área das artes e da cultura em virtude da Emergência em Saúde Pública Decorrente do Coronavírus, de que trata a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, e dá outras providências.. . Disponível em: https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/2242627. Acesso em: 20 ago. 2020.

BRASIL. Medida Provisória nº 986, de 29 de junho de 2020. Estabelece a forma de repasse pela União dos valores a serem aplicados pelos Poderes Executivos locais em ações emergenciais de apoio ao setor cultural durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020, e as regras para a restituição ou a suplementação por meio de outras fontes próprias de recursos pelos Estados, pelos Municípios ou pelo Distrito Federal. Disponível em: https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=MPV&numero=986&ano=2020&ato=edaQTQE9EMZpWT86a. Acesso em: 20 ago. 2020.

BRASIL. Lei nº 14017, de 29 de junho de 2020. Dispõe sobre ações emergenciais destinadas ao setor cultural a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020. Disponível em:

https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=14017&ano=2020&ato=8fcATQE9EMZpWTd14. Acesso em: 20 ago. 2020.

BRASIL. Lei nº 14036, de 13 de agosto de 2020. Altera a Lei nº 14.017, de 29 de junho de 2020, para estabelecer a forma de repasse pela União dos valores a serem aplicados pelos Poderes Executivos locais em ações emergenciais de apoio ao setor cultural durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020, e as regras para a restituição ou a suplementação dos valores por meio de outras fontes próprias de recursos pelos Estados, pelos Municípios ou pelo Distrito Federal. Disponível em: https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=14036&ano=2020&ato=7ccgXTE1UMZpWTac9. Acesso em: 30 ago. 2020.

BRASIL. Medida Provisória nº 990, de 09 de julho de 2020. Abre crédito extraordinário, em favor de Transferências a Estados, Distrito Federal e Municípios, no valor de R$ 3.000.000.000,00, para o fim que especifica, e dá outras providências. Disponível em: https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=MPV&numero=990&ano=2020&ato=8begXVE9EMZpWT927. Acesso em: 23 ago. 2020.

BRASIL. Decreto nº 10464, de 17 de agosto de 2020. Regulamenta a Lei nº 14.017, de 29 de junho de 2020, que dispõe sobre as ações emergenciais destinadas ao setor cultural a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020. DEC 10.751, DE 21/07/2021: ALTERA A EMENTA "Regulamenta a Lei nº 14.017, de 29 de junho de 2020, para dispor sobre as ações emergenciais destinadas ao setor cultural a serem adotadas em decorrência dos efeitos econômicos e sociais da pandemia da covid-19.". Disponível em: https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=DEC&numero=10464&ano=2020&ato=3e4UTTE1UMZpWT0e1. Acesso em: 30 ago. 2020.

BRASIL. **Primeiro caso de Covid-19 no Brasil permanece sendo o de 26 de fevereiro**. 2020. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2020/julho/primeiro-caso-de-covid-19-no-brasil-permanece-sendo-o-de-26-de-fevereiro. Acesso em: 30 ago. 2020.

CALDEIRA, João Bernardo. **Com o coronavírus, cultura deve perder R$ 46,5 bilhões**. 2020. Valor econômico. Disponível em: https://valor.globo.com/eu-e/noticia/2020/04/09/com-o-coronavirus-cultura-deve-perder-r-465-bilhoes.ghtml. Acesso em: 30 ago. 2020.

CANCLINI, Nestor García. **Definiciones en transición**. Buenos Aires: CLACSO, 2001.

CANEDO, Daniele Pereira; PAIVA NETO, Carlos Beyrodt (org.). **Impactos da Covid-19 na economia criativa**: relatório final de pesquisa. Salvador: Observatório da Economia Criativa: Santo Amaro: Ufrb, 2020. 56 p. Disponível em: https://ufrb.edu.br/proext/images/pesquisa_covid19/RELAT%C3%93RIO_FINAL_Impactos_da_Covid-19_na_Economia_Criativa_-_OBEC-BA.pdf. Acesso em: 30 ago. 2020.

CANEDO, D.; PAIVA NETO, C. (coord.). Impactos da Covid-19 na Economia Criativa – **Relatório final**. Santo Amaro: UFRB, 2020b.

CLIFFORD, James. “Sobre a autoridade etnográfica”. In: A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008. pp.17-58.

CORRÊA, Armando Magalhães (1936). **O sertão carioca**. Rio de Janeiro: Ed. IHGB.

CORRÊA, Armando Magalhães. O sertão carioca. **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, p. 17-17. fev. 1932. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/089842_04/10597. Acesso em: 17 nov. 2021.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário**. Editora Iluminuras LTDA, 1997.

COSTA, Eliane. **Jangada digital: Gilberto Gil e as políticas públicas para a cultura das redes**. Azougue, 2011.

DÓRIA, Júlio Cesar de Souza. QUILOMBO E FAVELA: RESISTÊNCIA E CONSTRUÇÃO SOCIAL. **Revista Estudos Libertários, Rio de Janeiro**, v. 2, n. 4, p. 23-33, maio 2020. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/estudoslibertarios/issue/view/1480/showToc. Acesso em: 27 abr. 2021.

HAESBAERT, R. "Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade". In: HEIDRICH, A. L. [et al.]. **A emergência da multiterritorialidade: a ressignificação da relação do humano com o espaço**. Canoas-Porto Alegre: Ed. ULBRA-Ed. da UFRGS, 2008. p. 19-36. (Conferência que Haesbaert fez em 2004 no I Seminário Nacional sobre Múltiplas Territorialidades, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS, Curso de Geografia da ULBRA e AGB-Porto Alegre)

IFRJ Centro Acadêmico Mario Lago. **Os desafios da Implementação da Lei Aldir Blanc no Estado e no Município**. Nilópolis: Nuca Núcleo de Criação Audiovisual Ifrj, 2020. Son., color. Série Os diálogos da cultura. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=RHtAMToVk1A. Acesso em: 30 ago. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Sistema de informações e indicadores culturais: 2007-2018 / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. – Rio de Janeiro IBGE, 2019.

LEMOS, Ronaldo. Creative Commons, mídia e as transformações recentes do direito da propriedade intelectual. In: **Revista DIREITOGV**, v.1, n.1, p181-187, maio 2005. Disponível em: <http://www.inovacao.unicamp.br/report/Ronaldo-Lemos.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2022.

MANDATO BENEDITA DA SILVA. **Cartilha, memória e análise da Lei Aldir Blanc. Brasília**, 2020 [PDF]. Disponível em:

MANDATO JANDIRA FEGHALI. **Guia fácil para Lei Aldir Blanc**. Jandira Feghali, 2020. Disponível em: <https://sigajandira.com/leialdirblanc/>. Acesso em: 21/08/2020.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. 256 p.

PAIVA NETO, Carlos Beyrodt. **Notas sobre a Lei Aldir Blanc e os desafios da cultura brasileira frente à pandemia de COVID-19**. Disponível em: https://medium.com/@cpaiva.cultura/notas-sobre-a-lei-aldir-blanc-e-os-desafios-da-

cultura-brasileira-frente-%C3%A0-pandemia-de-covid-19-10d9ec97404f. Acesso: 04/04/22.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v.5, n.10, 1992.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. Políticas culturais no Brasil: tristes tradições, enormes desafios. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas Rubim; BARBALHO, Alexandre: **Políticas Culturais no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2007, p. 11-36.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. "O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento". In: CASTRO, Iná, GOMES, Paulo C. e CORRÊA, Roberto (orgs.). Geografia: conceitos e temas. RJ, Bertrand Brasil, 1995, pp. 77-116.

VICH, Víctor. O que é um gestor cultural? In: CALABRE, Lia; LIMA Deborah Rebello (orgs.). **Políticas culturais: conjunturas e territorialidades**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; São Paulo: Itaú Cultural, 2017. p. 49-54.

15. Anexos

- Apresentação de identidade visual Afluentes;
- Formulários de inscrições / Projeto aprovado pela Secretaria Municipal de Cultural do Rio de Janeiro;
- Modelo de termo de autorização de imagem e som;
- Modelo de contrato;
- Publicação digital.

BRANDING

FEV.2021

Afluentes

Apresentação de Identidade Visual

BRUNOKRAZLER

Direcionamento Criativo

Sobre

O projeto “Afluentes” visa desenvolver uma série de publicações virtuais, de artes visuais, sobre cultura popular do território Fluminense a partir do olhar e criações de um artista local.

Acompanham as criações artísticas um conjunto de informações textuais que apresentam a identidade e diversidade cultural do território.

Desafio

Criar uma marca que fugisse do comum, despertando a consciência quanto as formas de vivências e a preservação do saber e do território ao qual se faz parte.

Possibilitar a democratização e multiplicação do conhecimento por meio linguagens artísticas, memórias e afetividades que compõem a cultura local.

Pesquisa

Através de algumas palavras chegamos em contextos bases para o conceito da marca.

Dentro dessas bases, aprofundamos nas referências tiradas de grandes ícones brasileiros, Oscar Niemeyer, Burl Marx e Milton Santos.

Através de Niemeyer chegamos ao conceito de curvas, formas orgânicas. Relacionamos juntamente com o que Burl Marx criava em seus quadros e jardins, o paisagismo artístico.

A ideia de território vem de Milton Santos. A territorialidade é um produto de relações estabelecidas a partir do movimento de demarcação/ocupação simbólica do território.

Junto com todas essas referências, criamos a conceituação da marca e sua estética. Agregamos também a ideia de caminho, pelos próprios afluentes (rios) e movimento.

AFLUENTES

MENSAGENS PRINCIPAIS

A marca

O território urbano é permeado por uma natureza marcante e presente no cotidiano da cidade.

A partir dessa percepção, a marca criada, celebra o contraste entre as formas geométricas (urbano) e as formas orgânicas (natureza) percebidas nos diferentes caminhos da cidade. As curvas suscitam a ideia de movimento e direcionamento.

Conceito

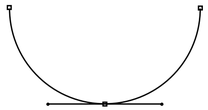
Somos interligados

Emoções, sensações e estímulos visuais interligam histórias, conhecimentos e culturas.

A transmissão propaga os saberes, estabelece os limites, identifica os caminhos e provoca a percepção de se fazer parte. Estar interligado é perceber o percurso, reverenciar o território e respeitar o tempo.

Cultuamos **histórias**, **celebramos os caminhos.**

Criação



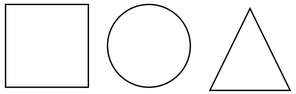
Curvas

+

aA

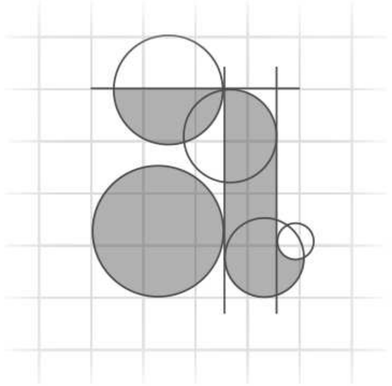
Letra “a”

+



formas geométricas

Criação



Lettering

afluentes

afluentes

A paleta busca tons mais terrosos, trazendo a ideia de território.

Trouxemos o **azul** referente ao céu, rios que é muito característico de nosso território.

A paleta colorida nas cores verde, azul, creme e marrom transmite a ideia de localidade, com muitas dos elementos presentes em nosso território.

O preto e branco fecham a paleta, são as cores de contrastes, para serem usadas em aplicações institucionais.

AFLUENTES

CORES

Creme

Pantone 475 C

R 243 G 207 B 178
C 4 M 23 Y 32 K 0
WEB #f3cfb2

Branco

R 255 G 255 B 255
C 0 M 0 Y 0 K 0
WEB #ffffff

Azul Celeste

Pantone 2218 C

R 118 G 175 B 191
C 57 M 17 Y 22 K 0
WEB #76afbf

Verde Musgo

Pantone Black 3

R 33 G 39 B 33
C 76 M 59 Y 66 K 76
WEB #212721

Marrom Terra

Pantone 4695 C

R 93 G 51 B 39
C 39 M 72 Y 71 K 69
WEB #5d3327

Preto

R 0 G 0 B 0
C 0 M 0 Y 0 K 100
WEB #000000

Ezra

AaBbCcDd
0123456789
!@#$%¨&*()

Light
Regular
Italic
Medium
Semibold
Bold
Black

Títulos

Cultuamos histórias, celebramos os caminhos.

Textos

Lorem ipsum dolor sit amet,

Consectetur adipiscing elit. In eu fermentum felis. Mauris placerat posuere porttitor. Nulla eu nisi porta, scelerisque dolor nec, efficitur dui. Vestibulum porttitor lectus neque. Maecenas eget libero porta, porta ligula eu, ultricies ante. Duis faucibus dui sed justo bibendum, a suscipit ipsum aliquam. **Maecenas condimentum** vestibulum tempus. *Nullam at odio consectetur, consequat tellus eget, varius lorem. Cras eu consequat justo.*

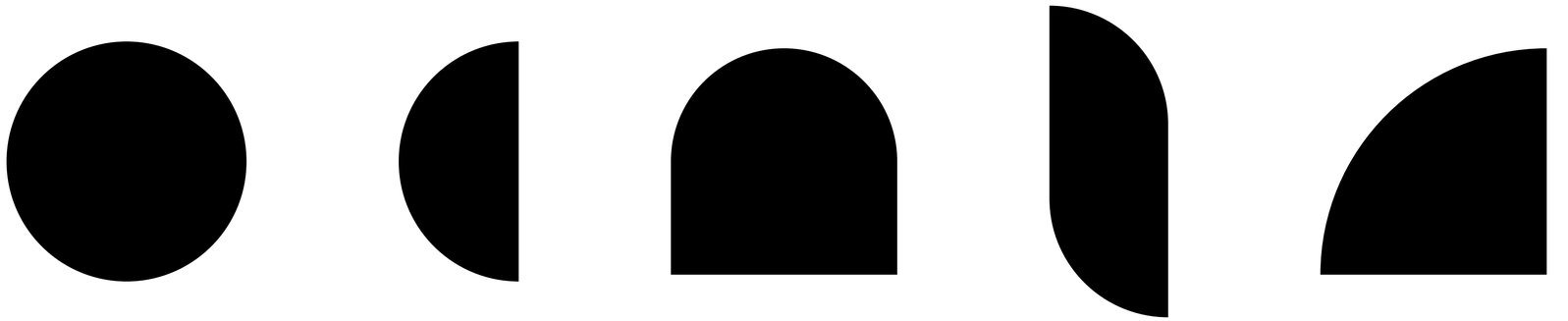
Ut scelerisque mauris mauris, eu porttitor ligula interdum ornare. Maecenas blandit molestie purus, ut congue diam varius.

Destaque · **Semibold**
Subtítulos · **Bold**
Textos · **Regular**
Títulos · **Extrabold / Bold**
Subtítulos · **Semibold**

Elementos Visuais

Para agregar ao universo visual da marca, sintetizamos algumas formas para criação de padrões, aplicações offline e online.

As formas tem conceitos para utilização, cada uma possui sua aplicação com seu devido contexto.



Memórias

Território

Caminho

Identidade

Cultura popular

BAR

Variações

afluentes

afluentes

afluentes

afluentes

afluentes

afluentes

afluentes

Versões

aflu
entes

aflu
entes

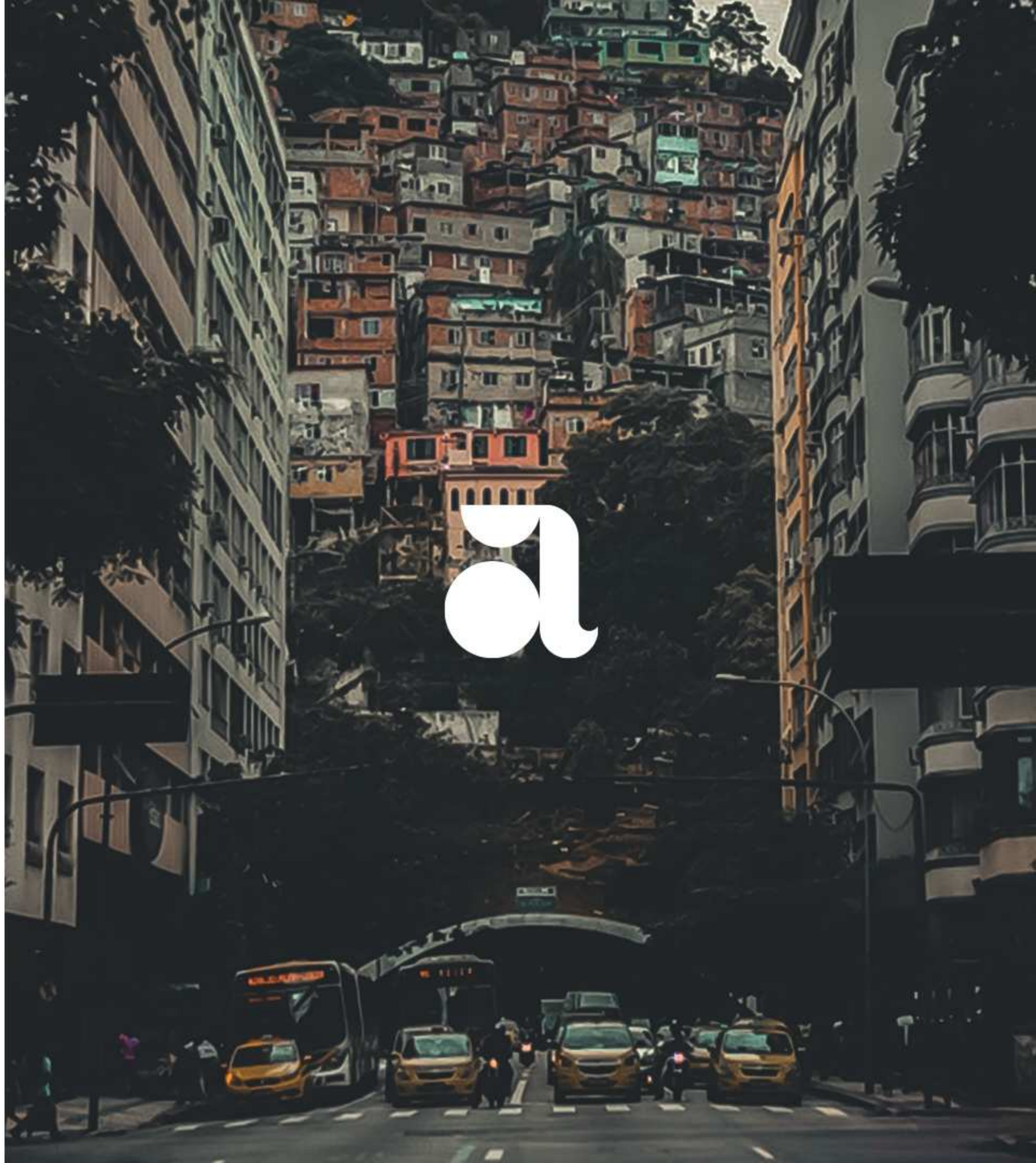
Manifestações

Somos inter-**ligados**

afluentes

Cultuamos
histórias,
celebramos
os caminhos.

afluentes



High - Class Quartz Clock

“O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida”

Milton Santos

www.afluentes.com.br

Memórias

Exposição n.1
30.03
19h

O Sertão Carioca Contemporâneo

Exposição Online // **30jan** às 19h.

www.afluentes.com.br

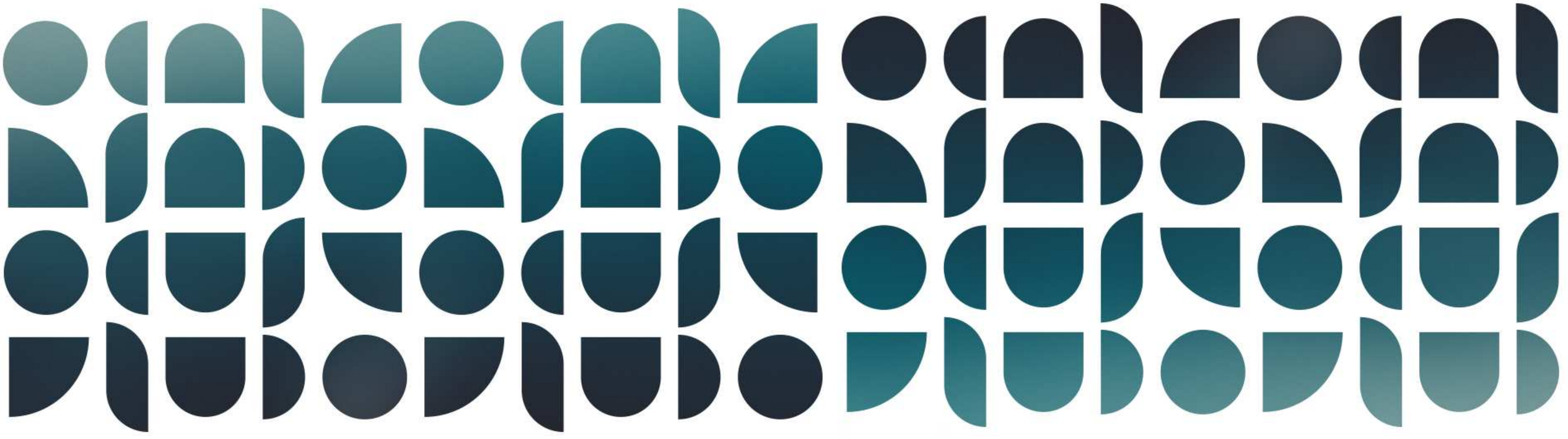
ca min hos

afluentes

Cultuamos
histórias,
celebramos
os caminhos.

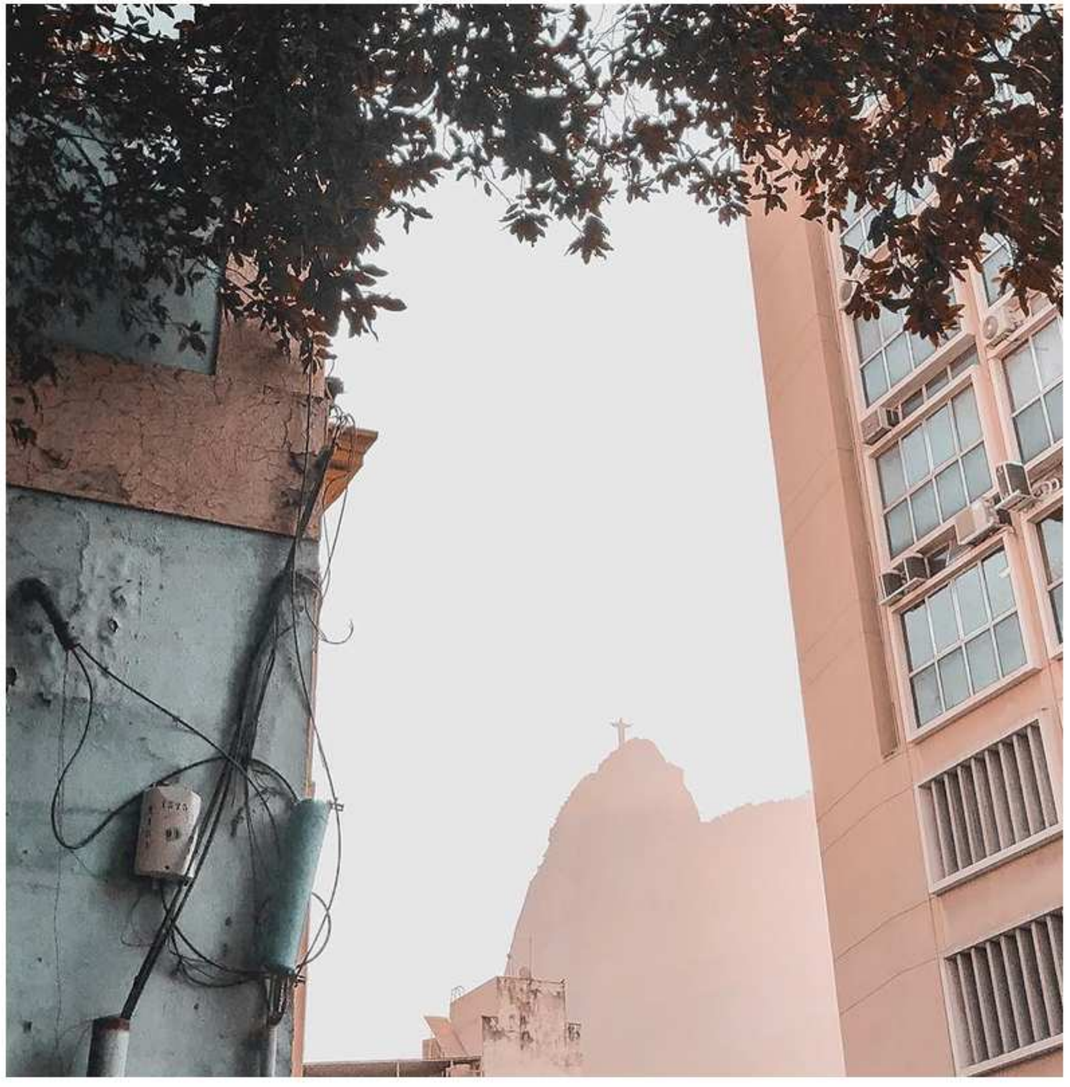
Somos

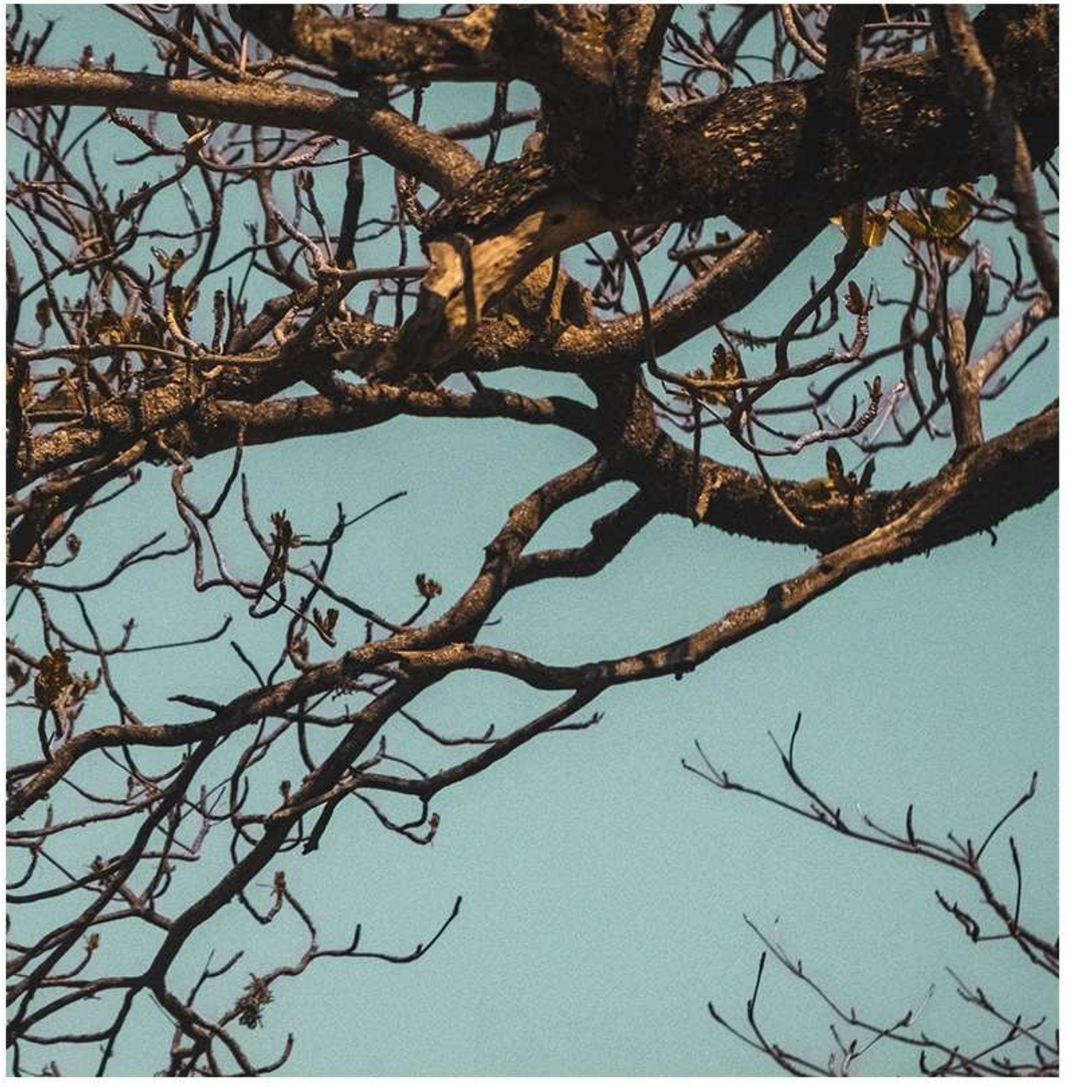
interligados



Celebramos
os **caminhos**.

Memórias
Exposição n.1
30.03
19h





Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed do eiusmod tempor incididunt ut labore et dolore magna aliqua.

Quis ipsum suspendisse

Ultrices gravida. Risus

afluentes

Lorem ipsum dolor sit amet,

Cultuamos
histórias,
celebramos
os caminhos.
www.afluentes.com.br

01 Exposição

O Sertão Carioca Contemporâneo 30 Janeiro

www.afluentes.com.br

PRÊMIO A PROJETOS DE FOMENTO À TODAS AS ARTES

Formulários Google <forms-receipts-noreply@google.com>
Para: anacarolinearaujo@gmail.com

30 de outubro de 2020 12:11

Agradecemos o preenchimento de PRÊMIO A PROJETOS DE FOMENTO À TODAS AS ARTES

Isto foi o que recebemos de você:

PRÊMIO A PROJETOS DE FOMENTO À TODAS AS ARTES

A Secretaria Municipal de Cultura – SMC do Rio de Janeiro publica no dia 22 de outubro de 2020, o "Regulamento do Processo de Seleção PRÊMIO A PROJETOS DE FOMENTO À TODAS AS ARTES", abrindo as inscrições gratuitas para seleção simplificada e de caráter emergencial nos termos do inciso III, do artigo 2º, da Lei Federal nº 14.017, de 29 de junho de 2020, denominada Lei Aldir Blanc.
O processo seletivo tem como objetivo selecionar e premiar, por meio de repasse de recursos Federais da Lei N°14.017 - Lei Aldir Blanc, 208 (duzentos e oito) CONTRAPARTIDAS SOCIAIS, em formato de PROJETOS CULTURAIS para serem realizados no Município do Rio de Janeiro.
As inscrições poderão ser realizadas das 15h do dia 23 de outubro até às 23:59h do dia 30 de outubro de 2020 (horário de Brasília), exclusivamente pela internet, mediante o preenchimento completo do formulário eletrônico.
Esclarecimentos sobre o presente EDITAL serão prestados pela SMC/CFC – Coordenadoria de Fomento Cultural, por meio do endereço eletrônico lab.fomento.culturario@gmail.com.

Endereço de e-mail *

anacarolinearaujo@gmail.com

CADASTRO DO PROPONENTE

Razão Social: *

Ana Caroline da Silva Araujo

Nome fantasia: *

Ana Caroline da Silva Araujo

Número do CNPJ (somente números) *

Natureza: *

Pessoa jurídica de direito privado com fins lucrativos

Pessoa jurídica de direito privado sem fins lucrativos

Inscrição municipal: *

CEP *

Rua, número e complemento: *

Bairro: *

Município:

Rio de Janeiro

Telefone: *

Nome do responsável legal: *

Ana Caroline da Silva Araujo

Cargo: *

Coordenadora de produção

E-mail do responsável legal: *

anacarolinearaujo@gmail.com

Telefone do responsável legal: *

CADASTRO DA CONTRAPARTIDA SOCIAL

“PLANO DE CONTRAPARTIDA SOCIAL” é a proposta cultural formalizada nos documentos e informações apresentadas à SMC a ser desenvolvida, produzida e realizada por PROPONENTE sediada

no Município do Rio de Janeiro e que esteja relacionada com os regulamentos estabelecidos no regulamento.

Formato da atividade da contrapartida social a ser executada: *

- (•) Online
- ( ) Online e presencial

Nome do projeto cultural: *

Afluentes: O Sertão Carioca Contemporâneo

Linha de ação: *

Especifique a linha de ação do projeto cultural, de acordo com item 3.2 do Edital.

Artes Visuais

Descrição da proposta cultural: *

Pergunta chave: o que será feito?

O projeto “Afluentes” visa desenvolver uma série de publicações artísticas digitais sobre cultura popular do território Fluminense a partir do olhar e criações de um artista local. Acompanham as criações artísticas um conjunto de informações textuais que apresentam a identidade e diversidade cultural do território.
Esta proposta pretende produzir e lançar a primeira publicação da coleção, com produção artística e pesquisa acerca do Sertão Carioca. Sertão Carioca foi inicialmente a denominação atribuída à antiga zona rural da cidade do Rio de Janeiro por Armando Magalhães Corrêa, autor do livro homônimo publicado em 1936 e reeditado pela Biblioteca Nacional em 2017. Esta obra descreve e analisa a região que vai da Baixada de Jacarepaguá à Pedra de Guaratiba, Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, com textos e desenhos à nanquim que revelam a face rural da cidade, então capital brasileira. Magalhães Corrêa além de naturalista, era também artista, escultor e desenhista de espécimes de flora e fauna a bico de pena.
O xilogravurista, designer gráfico e ilustrador, Thiago Modesto, apresenta esta publicação. Morador da Zona Oeste, o artista possui um trabalho inspirado no universo visual da arte regional, com representações culturais brasileiras, apresentando histórias dos “Brasis profundos” através de suas obras. Com curadoria e organização de Bernardo Baptista, doutorando do programa de pós-graduação em História da Arte (PPGHA-UERJ) e pesquisador de arte e cultura popular, o projeto tem como propósito a promoção e estímulo à regionalização da produção cultural e artística do Rio de Janeiro, com valorização da memória dos territórios abordados.
O projeto possibilita, ainda, o impulsionamento profissional do proponente e demais envolvidos, uma vez que permitirá a produção de projeto próprio e de continuidade.
* Estratégias de realização
PRÉ-PRODUÇÃO
- Pesquisa;
- Contratação do artista e profissionais envolvidos;
- Curadoria;
- Elaboração de mapa de website.
PRODUÇÃO
- Registro de domínio e hospedagem do website;
- Produção de ilustrações;
- Elaboração de identidade visual;
- Criação de textos;
- Composição visual, estudo de tipografia e cores;
- Revisão de textos;
- Diagramação de textos;
- Implementação de ferramentas de acessibilidade;
- Lançamento do site e publicação artística digital;
- Divulgação;
- Realização de ações de democratização de acesso;
- Manutenção do site;
- Execução de pagamentos e administração financeira;
PÓS-PRODUÇÃO

- Elaboração de relatórios com indicadores e resultados;
- Finalização de pagamentos e prestação de contas final.

Justificativa: *

Explique por que seu projeto é importante, mencionando relevância cultural, nomes envolvidos em sua execução, história como surgiu ou qualquer outro fator que você considere relevante.

Sobre “sertão”, usaremos o conceito que Luís da Câmara Cascudo replica em seu Dicionário do Folclore Brasileiro, que designa “o mesmo que interior”, termo mais ligado a permanência de costumes e tradições. Nesta região escolhida para a publicação há ainda uma concentração rural na cidade do Rio de Janeiro, que por interesses sociais, urbanísticos e ambientais é negligenciada. A região sofreu mudanças nos recentes anos por conta da expansão urbana e dos grandes eventos sediados no município – principalmente os Jogos Olímpicos de Verão de 2016, com implementação de empreendimentos e remodelação da infraestrutura urbana, que levou a uma ressignificação da paisagem e remoção de comunidades da região.
Atualmente o Sertão carioca evoca uma geografia imaginária que na atualidade se reproduz como uma construção imagético-discursiva e como um contradiscurso que enfrenta a urbe crescente que ameaça devorar memórias, naturezas e paisagens. Nesta região encontram-se comunidades tradicionais (duas comunidades quilombolas), agricultores orgânicos, o Parque Estadual da Pedra Branca (maior parque natural urbano da América Latina) e a Bacia Hidrográfica da Baixada de Jacarepaguá, que compreende um importante complexo lagunar do Estado, e vem sendo degradada ao longo dos anos. Magalhães Corrêa já apontava em sua obra para uma necessidade preservacionista nesta região, apresentando além das paisagens, os ofícios tradicionais ligados ao território que eram realizadas outrora. Diante dos dilemas e conflitos da expansão urbana, resistências comunitárias surgem como organização de enfrentamento e resolução à mutabilidade degradante neste território.
Como categoria o “Sertão carioca” reúne heranças culturais, religiosidade, saberes culinários, apreensões com o meio ambiente e resistências sociais. O artista Thiago Modesto irá debruçar-se sobre estas particularidades da geografia local (paisagem natural, social e cultural), desenvolvendo ilustrações sobre este território na contemporaneidade. A reboque de seu olhar serão convidados pesquisadores das áreas das ciências humanas que desenvolverão textos didáticos que estarão em diálogo com o olhar artístico, possibilitando que o projeto tenha um alcance educativo.
O sertão é uma poderosa matriz mítica do pensamento brasileiro, um lugar no imaginário a partir do qual grandes autores e artistas nacionais se propuseram a compreender e representar. As obras do artista que apresenta esta primeira publicação, Thiago Modesto, dialogam diretamente com este imaginário trazendo a estética da xilogravura para sua linguagem. Convido-os a conhecer o trabalho do artista a partir do portfólio em anexo.
Será criado um site para o projeto “Afluentes” o qual será disponibilizada a publicação artística digital “O Sertão Carioca Contemporâneo” para visualização online e download gratuito.
OBJETIVOS
Principal
- Iniciar o projeto Afluentes, uma série de publicações artísticas digitais sobre cultura popular do território Fluminense a partir do olhar e criações de um artista local.
- Produzir uma publicação artística digital intitulada “Sertão Carioca Contemporâneo”.
Específicos
- Propor soluções inovadoras ao desenvolver uma publicação digital artística que valoriza a memória social e patrimônio cultural;
- Apresentar registros visuais artísticos em ilustrações do território Sertão Carioca na contemporaneidade;
- Apresentar textos, didáticos, curtos e de fácil compreensão, de pesquisadores das áreas das ciências humanas que dialoguem com as ilustrações;
- Apresentar uma publicação digital artística com alcance educativo, promovendo a difusão do conhecimento da memória e patrimônio fluminense;
- Promover a democratização ao acesso a uma obra de relevância artística de forma gratuita;
- Contribuir para a divulgação e remuneração dos artistas e profissionais da cultura que, diante da pandemia do novo coronavírus encontram-se em um cenário de instabilidade e vulnerabilidade;
- Contribuir para a preservação e divulgação da memória social e patrimônio cultural fluminense;
- Realizar ação virtual de abertura com a presença dos envolvidos no projeto;
- Contemplar público com deficiência por meio de ferramentas de acessibilidade.

Público-alvo: *

Público em geral, interessados em cultura popular, patrimônio cultural, artes visuais, sem distinção de faixa etária, gênero e classe social.

Estratégia de comunicação: *

Especifique as ações e peças de divulgação a serem produzidas para execução da proposta cultural.

Dialogando com o perfil do projeto, a estratégia de comunicação será prioritariamente digital e online. A publicação artística e identidade visual permitem desdobramentos diversos de conteúdos para as redes sociais do projeto, ampliando as possibilidades de comunicação e alcance de divulgação. Assim, serão realizadas as seguintes ações: - Criação de perfis em redes sociais (Instagram e Facebook); - Postagens com ilustrações, curiosidades, mapa, textos introdutórios, assuntos abordados na publicação, perfil e currículo da equipe criativa e artística; - Realização de ação virtual de lançamento.

CONTA CORRENTE BANCÁRIA - PESSOA JURÍDICA

Informe conta corrente bancária PJ para recebimento do prêmio.

Banco: *

- (●) 001 - Banco do Brasil
- ( ) 033 - Santander
- ( ) 077 - Banco Inter S.A.
- ( ) 104 - Caixa Econômica Federal
- ( ) 237 - Banco Bradesco S.A.
- ( ) 260 - Nu Pagamentos S.A (Nubank)
- ( ) 290 - Pagseguro Internet S.A
- ( ) 323 - Mercado Pago – Conta Do Mercado Livre
- ( ) 341 - Itaú Unibanco S.A.
- ( ) Outro: _____

Agência: *

Conta corrente: *

Comprovante de conta corrente bancária: *

ATENÇÃO! Só serão aceitos anexos com tamanho máximo de 10MB, no formato PDF

Arquivos enviados

PDF 04_ComprovanteBancario_AnaCarolineAraujo - Ana Caroline Araújo.pdf

ANEXOS

ATENÇÃO! Só serão aceitos anexos com tamanho máximo de 10MB, no formato PDF

Digitalização do Alvará de Funcionamento ou do Cartão de Inscrição Municipal: *

ATENÇÃO! Só serão aceitos anexos com tamanho máximo de 10MB, no formato PDF

Arquivos enviados

03_Alvara - Ana Caroline Araújo.pdf

Cópia de RG e CPF do representante legal: *

ATENÇÃO! Só serão aceitos anexos com tamanho máximo de 10MB, no formato PDF

Arquivos enviados

01_RG e CPF_AnaCarolineAraujo - Ana Caroline Araújo.pdf

Cópia de Inscrição no cadastro de pessoas jurídicas: *

ATENÇÃO! Só serão aceitos anexos com tamanho máximo de 10MB, no formato PDF

Arquivos enviados

02_CNPJ e CCMEI_AnaCarolineAraujo - Ana Caroline Araújo.pdf

Comprovação de atuação na área artístico-cultural há no mínimo 01 (hum) ano de realização, por meio de registros (fotos, vídeos etc.), material de divulgação (folders, panfletos, cartazes, publicações digitais etc.), certificados ou quaisquer outros materiais que sirvam como portfólio, inclusive ações de divulgação via redes sociais: *

ATENÇÃO! Só serão aceitos anexos com tamanho máximo de 10MB, no formato PDF

Arquivos enviados

portfolio_afluentes - Ana Caroline Araújo.pdf

Crie seu próprio formulário do Google.

Seu projeto/proposta

Resumo

Nº de inscrição
2969

Enviado em
22/09/2021 16:38:24

Criado em
20/09/2021 00:39:15

Mensagem:
Seu projeto está na situação: Selecionado

Nome da proposta/projeto: *
Afluentes

Categoria: *
AP'S 3, 4 e 5

Condições

Valor do projeto: *
R$ 50.000,00

Valor do projeto:
Valor solicitado: *
50.000,00

Valor total: *
50.000,00

Informe os tipos de produtos culturais originados do projeto cultural:* *
Publicação de livros, Produto audiovisual, Intervenções urbanas (grafite, estêncil, projeções, murais, instalações etc)

Você marcou outros. Qual? *

Detalhamento

Apresentação: *

O projeto Afluentes foi idealizado como uma coleção de publicações culturais de finalidade didática que dialoga e propõe uma fruição artística, tendo as artes visuais e o texto como veículo de disseminação de histórias de resistência cultural e territorial. Sua primeira publicação, intitulada O Sertão Carioca Ontem e Hoje foi lançada em formato digital e viabilizada por meio de recursos da Lei Aldir Blanc, através do Prêmio de Fomento a Todas as Artes do município do Rio de Janeiro.

A realização da primeira publicação e a experiência com o território trabalhado impulsionou o projeto a ter diversos desdobramentos, principalmente a partir da demanda local, potencializando o projeto para se tornar multilinguagem. Com isto, esta proposta tem como objetivo a impressão da publicação, produção de documentário com o processo de criação e entrevistas com os autores, produção de murais com a comunidade com as ilustrações criadas para a publicação e evento de lançamento e apresentação dos produtos no território.

A primeira publicação teve produção artística e pesquisa acerca do Sertão Carioca, nome dado por Armando Magalhães Corrêa – autor do livro de mesmo nome publicado em 1936, à antiga zona rural da cidade do Rio de Janeiro, que compreende a região que vai da Baixada de Jacarepaguá à Pedra de Guaratiba, Zona Oeste da cidade.

Parte do sertão carioca, o Quilombo Cafundá Astrogilda foi o território escolhido para compor a publicação. Certificado em 2014 como Quilombo pela Fundação Palmares, foi formado por descendentes de africanos que trabalhavam na fazenda cafeeira Vargem Grande no século XIX. Cinco personagens quilombolas descendentes da matriarca que dá nome ao Quilombo apresentam o sertão carioca de hoje com muitas histórias de ontem. O artista Thiago Modesto, carioca, morador da zona oeste, gravador, designer e ilustrador foi o escolhido para retratar o território através do seu olhar.

O FOCA possibilitará a publicação impressa, conteúdo audiovisual e em redes sociais, ações no território com a comunidade e irá apresentar a memória e o patrimônio cultural contados a partir da historiografia oral e popular.

Propomos a execução do projeto durante os meses de abril a julho, tendo seu lançamento na comunidade em junho anterior a tradicional festa de São Pedro do Quilombo.

Objetivos do projeto: *

Gerais

- Dar continuidade ao Afluentes, projeto multilinguagem sobre culturas populares, memória e o patrimônio cultural do território Fluminense.
- Contribuir para a preservação, valorização e divulgação da memória social e patrimônio cultural fluminense;
- Apresentar registros visuais artísticos em ilustrações do território Sertão Carioca;
- Apresentar uma publicação artística com alcance educativo, promovendo a difusão do conhecimento da memória e patrimônio fluminense;

- Realizar ações participativas com a comunidade quilombola Cafundá Astrogilda;
- Realizar ações demandadas pelo território e de promoção da memória dos quilombolas;
- Contribuir para a divulgação e remuneração dos artistas e profissionais da cultura que, diante da pandemia do novo coronavírus encontram-se em um cenário de instabilidade e vulnerabilidade;

Específicos
- Imprimir exemplares da publicação Afluentes - O Sertão Carioca Ontem e Hoje;
- Distribuir exemplares da publicação para a Escola Quilombola Cafundá Astrogilda e autores;
- Produzir um documentário com o processo de criação da publicação e entrevistas com os autores, cinco quilombolas da comunidade Cafundá Astrogilda;
- Produzir 2 murais em parceria com a comunidade com ilustrações da publicação;
- Realizar evento de lançamento da publicação impressa com exibição do documentário e apresentação dos murais à comunidade.

***Justificativa:** **

Em um diálogo entre artes visuais e memórias de cinco quilombolas, a publicação Afluentes - O Sertão Carioca Ontem e Hoje apresenta histórias da família Santos Mesquita, do Quilombo Cafundá Astrogilda de Vargem Grande, Rio de Janeiro. Adilson Mesquita Junior, Maria Lúcia dos Santos Mesquita, Jorge Cardia Valois, Paulo José Martins Filho e Pedro dos Santos Mesquita são os autores dos contos e causos sobre trabalho, fauna, flora, brincadeiras, festividades e assombramentos. Os contos e causos dialogam com ilustrações, projeto gráfico e diagramação do artista Thiago Modesto, carioca, morador da zona oeste do Rio de Janeiro, gravador, designer e ilustrador, que através das suas obras, aborda temas etéreos, inspirados no universo visual da arte regional e das mais diversas representações culturais brasileiras.
Durante 4 meses, realizamos pesquisas de campo onde o artista e a equipe realizaram vivências na comunidade. A imersão teve o intuito de realizar coletas de memórias locais a partir de uma construção participativa, sob a forma de diálogo, percorrendo espaços que ativaram e remeteram às histórias de outros tempos que refletiam nos dias atuais. Contamos com uma equipe sensível e afetuosa que contribuiu para vivências espontâneas, carinhosas e divertidas. A partir dessa relação, ouvimos histórias não só de luta, resistência e questionamentos, mas de brincadeiras, festividades e assombramentos. Foi a partir daí que se definiu o formato da publicação, já que era recorrente o uso de contos e “causos” como acionamento da memória coletiva, formatos que estão presentes na tradição oral.
Antes do lançamento apresentamos a publicação aos autores que fizeram apontamentos e sugestões para o resultado final. Assim, a receptividade da publicação por parte dos autores e familiares foi de entusiasmo e identificação, pois eles viram registrados na publicação, não só as suas histórias, mas as histórias que sempre ouviram dos mais velhos e que fazem parte da memória coletiva do Quilombo. Certamente esta foi o maior impacto do projeto.
A partir deste entusiasmo, e junto a eles, surgiram diversas ideias de desdobramentos. O Paulinho quer muito pintar a ilustração dele com o Saci no muro da casa, o Adilson se assumiu artista e se propôs a contribuir com a pintura de outras ilustrações nos muros da comunidade. Todos ficaram muito comovidos com a ilustração que remete a matriarca Astrogilda, os moradores que realizam atividades educativas viram potencial na publicação enquanto material pedagógico, dentre outras possibilidades.
Identificamos, ainda, que o formato digital não contempla a todos da comunidade e, assim, acreditamos na importância da impressão com uma tiragem para os autores, para a Escola Quilombola e para o Ação Griô, projeto de ecoturismo pedagógico de base comunitária. O projeto pretende, ainda, trazer um registro de todo o processo e entrevistas por meio de um documentário, que possibilita a amplitude de acesso ao conteúdo produzido.

Público-alvo: *

Comunidade local, autores e seus familiares – que são por volta de são 240 famílias em toda a área do Quilombo; a Escola Quilombola Cafundá Astrogilda; o Ação Griô, projeto de ecoturismo pedagógico de base comunitária que promove visitas de alunos de escolas públicas e privadas que ouvem as histórias contadas pelos membros da família; e público diversos interessados em culturas populares, comunidades tradicionais e patrimônio. O acesso aos produtos resultantes se dará de forma gratuita e contempla público de todos os perfis sociais, faixas etárias, gênero, raça etc.
Os exemplares impressos serão distribuídos prioritariamente para os autores e para a comunidade por meio da Escola Quilombola Cafundá Astrogilda e projeto Ação Griô, além dos 5% para a SMC, e para o proponente e equipe do projeto.
O acesso à publicação para os demais públicos se dará de forma digital. A publicação encontra-se disponível online e será feita a utilização de QR Code nos murais e postais no Quilombo.

Estratégia de comunicação: *

A estratégia de comunicação será digital e online para o público em geral e física para a comunidade.
Os conteúdos da publicação e identidade visual permitem desdobramentos diversos de conteúdos para as redes sociais do projeto, ampliando as possibilidades de comunicação e alcance de divulgação. Assim, serão realizadas as seguintes ações virtuais:
- Manutenção de perfis em redes sociais (Instagram e Facebook);
- Postagens com ilustrações, curiosidades, mapa, textos introdutórios, assuntos abordados na publicação, perfil e currículo da equipe criativa e artística, e vídeos curtos das entrevistas e registros do documentário;

Na comunidade os próprios murais serão um convite para conhecer todo o conteúdo através de um QR Code para a publicação digital e documentário. Além disto, será produzido postais que ficarão em 2 locais estratégicos da comunidade, nos dois restaurantes da família Mesquita, um no início do Quilombo e outro mais para dentro da comunidade, a caminho das trilhas para cachoeiras e o Parque Estadual da Pedra Branca.

Ficha técnica dos principais membros da equipe com currículo resumido, especificando a função que cada integrante irá exercer no projeto cultural: *

AFLUENTES
Idealização: Ana Caroline Araújo e Bernardo Marques
Direção de produção: Ana Caroline Araújo
Curadoria: Bernardo Marques
Comunicação: Arte Incerta
Identidade visual: Bruno Krazler
Direção de arte: Bruno Krazler
Consultoria Jurídica: Beatriz Cardozo e Tereza Gonçalves

PUBLICAÇÃO
Organização: Ana Caroline Araújo e Bernardo Marques
Ilustrações: Thiago Modesto
Autores: Adilson Mesquita Junior, Maria Lúcia dos Santos Mesquita, Jorge Cardia Valois, Paulo

José Martins Filho e Pedro dos Santos Mesquita
Produção local: Sandro Santos
Projeto Gráfico: Thiago Modesto
Diagramação: Thiago Modesto
Pesquisa: Antonio Felipe Vieira
Registro Videográfico: Fernando Teixeira
Adaptação literária: Raoni Marques
Transcrição de entrevistas: Marcos Pinheiro
Revisão textual: Marcos Valois
Bibliotecário: Raphael Peixoto

Idealização e Curadoria: Bernardo Marques
Bernardo Marques-Baptista é doutorando em história da arte (PPGHA-UERJ), mestre em Arte e Cultura Contemporânea (PPGARTES-UERJ), especialista em gestão do patrimônio cultural imaterial (UNC – Argentina) e bacharel em produção Cultural (UFF). Integra a equipe de pesquisadores do Núcleo de Cultura Popular da UERJ e desenvolve pesquisas sobre os percursos e circulações dos objetos nas culturas populares brasileiras. Atua como curador de projetos de arte que abarcam expressões musicais, saberes e fazeres artesanais, celebrações e religiosidades. Idealizou, coordenou e produziu em 2021 os projetos “Afluentes: o sertão carioca ontem e hoje”; “Artífices do Som: choro carioca”; “Bate-bolas: cotidiano e criação”; e “Salve os Santos Reis”.

Idealização e Direção de produção: Ana Caroline Araújo
Mestranda no Programa de Pós-graduação em Cultura e Territorialidades (PPCULT-UFF), pós-graduanda em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação (IFRJ) e graduada em Produção Cultural (IFRJ). Atua no mercado cultural desde 2007 com experiências em produção executiva, elaboração de projetos, prestação de contas, gestão e coordenação administrativa e financeira, curadoria e consultoria em projetos culturais. Pela Lei Aldir Blanc idealizou, foi diretora de produção e coordenação administrativa de projetos relacionados à memória, culturas populares e patrimônio imaterial fluminense, são eles: Afluentes - O Sertão Carioca Ontem e Hoje; Exposição Virtual Salve os Santos Reis; Bate Bolas: Cotidiano e Criação. Experiências com empresas referências no mercado cultural como Sarau Agência de Cultura brasileira, Baluarte Cultura, Fábrica de Eventos, JLeiva Cultura & Esporte e Stanley Projetos Empresariais. Atualmente presta serviços para a Aventura Teatros e Instituto Evoé, que faz a gestão do Teatro Riachuelo e do Teatro Prudential.

Autores:
Adilson Mesquita Junior
Entusiasta das artes, pinta e constrói obras diversas, é o elo entre a antiga e a nova geração. É o sertão carioca de hoje. Estudante de história, pesquisa o registro das memórias de sua avó e representa a continuidade do trabalho e preservação da história do Quilombo.

Maria Lúcia dos Santos Mesquita
Fundadora da Escola Quilombola Cafundá Astrogilda, contribui com a identificação quilombola da comunidade por meio da educação. Representa o Sertão Carioca de hoje através da manutenção do espírito comunitário dos seus descendentes, dos saberes com as ervas e da

relação com a espiritualidade, visando o bem comum da comunidade e território.

Jorge Cardia Valois
Agricultor preocupado com a relação dos mais jovens com o território, representa o sertão carioca de hoje pelos saberes e a relação com a floresta. Também participante das feiras livres como vendedor de banana, produto base da agricultura local, é a representação dos saberes ancestrais em diálogo com os conceitos de agroecologia.

Paulo José Martins Filho
Eletricista e paraquedista, alegre e inquieto, é um dos que ainda mantém vivas as memórias que apontam para a necessidade de se respeitar as forças da mata. Não dispensa uma boa prosa, onde sempre relembra as histórias das
noites de lua cheia, contando suas experiências e avistamentos dos seres sobrenaturais desta parte do Sertão Carioca.

Pedro dos Santos Mesquita
Agricultor, conhecedor das trilhas e do livro O Sertão Carioca de Magalhães Corrêa, representa o sertão carioca de hoje por ser ainda um participante das feiras livres como vendedor de banana, produto símbolo da região e que faz parte da história do quilombo. É ainda quem mobiliza a comunidade para a sua tradicional festa de São Pedro, principal período do ano em que reúnem os familiares moradores ou não do Quilombo.

Ilustrações: Thiago Modesto
Carioca morador da zona oeste. Trabalha com gravura, design e ilustração. Através das suas obras, aborda temas etéreos, inspirados no universo visual da arte regional e das mais diversas representações culturais brasileiras. O design gráfico, profissão que exerce em paralelo ao meu trabalho de gravador, aparece na composição das formas e no equilíbrio dos elementos. Em suas obras são contadas pequenas histórias, através de símbolos e figuras, que juntos, podem levar as mais diversas interpretações, de acordo com as próprias vivências e crenças do observador.
Portfólio do artista na página: http://thiagomodesto.com.br/portfolio/gravuras/

O projeto prevê a participação de pessoas LGBTI+, PCD e/ou negros em posição de liderança/protagonismo, de acordo com item 8.8 do edital? *
Sim

Se sim, entre com o nome do profissional, posição/função no projeto e se é LGBT+, PCD ou negro.
Direção de produção: Ana Caroline Araújo
Autores: Adilson Mesquita Junior, Maria Lúcia dos Santos Mesquita, Jorge Cardia Valois, Paulo José Martins Filho e Pedro dos Santos Mesquita
Produção local: Sandro Santos

80% da ficha técnica do projeto são de pessoas negras, com destaque em posição de liderança/protagonismo para direção de produção, autores e produção local.

Em caso de suspensão total das atividades presenciais em decorrência da disseminação da COVID-19, como ocorrerá a migração do projeto cultural para o formato online? *

Todas as atividades propostas de forma presencial serão realizadas em espaço aberto, ao ar livre, na comunidade quilombola Cafundá Astrogilda. Sendo assim, as suspensões de atividades presenciais não comprometeriam tanto com a execução do projeto. Relaciono abaixo as ações versus medidas tomadas em casos de limitações em decorrência da disseminação da COVID-19.

Publicação impressa Afluentes: todo o processo de impressão poderá ser executado de forma remota e sua distribuição através de contratação de transporte com limitação de contato e medidas para minimizar a disseminação da COVID-19.

Documentário com o processo de criação e entrevistas: o processo de criação e entrevistas com os autores foram documentados em vídeo como ferramenta para a coleta dos contos para a publicação digital, assim, já possuímos parte do conteúdo para o documentário. Os registros que serão realizados desta etapa serão para complementar o material que já temos e realizados ao ar livre, como todo o processo. Nossa equipe já é reduzida, estão todos vacinados e seguirão todos os protocolos para minimizar a disseminação da COVID-19. Caso não seja viável a gravação, o documentário será montado com os materiais já registrados, não comprometendo esta entrega.

Produção dos murais em parceria com a comunidade: Esta é uma demanda/desejo da comunidade, será realizada em muros ao ar livre e com todos os protocolos já adotados em todo o processo, como equipe reduzida, uso de máscaras por toda a equipe, encontros apenas com os envolvidos, respeitando distanciamento, entre outros. Caso haja o agravamento da pandemia, reduziremos o número de envolvidos na produção dos murais.

Realização de evento de lançamento da publicação impressa com exibição do documentário e apresentação dos murais à comunidade: Esta ação está sendo pensada para realização ao ar livre. Ainda assim, caso venhamos a ter limitações quanto a atividades presenciais, poderá ser realizada de forma virtual, em transmissão online em formato de bate-papo e apresentação do documentário para o público em geral. Consideramos de suma importância a apresentação do documentário para a comunidade, protagonistas do projeto. Assim, propomos a exibição apenas para a comunidade, em local aberto, com todos os protocolos de distanciamento e medidas que minimizem a disseminação da COVID-19.

Além das respectivas medidas por entrega proposta, todos envolvidos no projeto que envolvam atividades presenciais deverão estar vacinados.

Ações de acessibilidade: *

- O documentário será produzido com legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE), alcançando também este público.
- A publicação digital possui seus textos de forma a ser identificada na utilização de aplicativos para pessoas com deficiência.
- Comunicação em redes sociais com descrição das imagens e #paracegover.

Caso selecionado, qual é o impacto do projeto na continuidade ou na retomada das atividades artístico-culturais por parte do proponente, tendo em vista a crise gerada pela COVID-19? *

As ações sócio educativas realizadas na comunidade quilombola Cafundá Astrogilda foram paralisadas por conta da pandemia do novo coronavírus, retomadas ainda em passos lentos. Os voluntários que realizavam ações em parceria com a Escola Quilombola da comunidade não puderam dar continuidade as atividades. A renda dos moradores advindas da participação em feiras também foram comprometidas, assim como grande parte da população esteve (está) em situação de vulnerabilidade. Os materiais produzidos contribuem diretamente para a retomada das ações tanto da escola quanto da comunidade como um todo e, ainda, com a visibilidade da comunidade, possibilitando um conhecimento da comunidade e das ações desenvolvidas, além de remunerar todos os envolvidos da comunidade.

Anexos

1) Planilha Orçamentária (ANEXO 2): *

ANEXO 2 - PLANILHA ORÇAMENTÁRIA_AFLUENTES.pdf

2) Cronograma de Execução (ANEXO 3): *

ANEXO 3 - CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO_AFLUENTES.pdf

Dados complementares opcionais

Informações complementares:

O proponente possui contrato de liberação de imagens e direitos de todos os envolvidos, efetuado para a realização da publicação digital realizada este ano. Ainda assim, propomos a remuneração de todos os envolvidos para a execução deste desdobramento.
Segue em anexo anuência da liderança comunitário do Quilombo Cafundá Astrogilda, ciente de todas as propostas.
Em anexo a versão reduzida da publicação e no link abaixo a versão em melhor qualidade
A publicação digital pode ser acessada em: https://bit.ly/OSERTAOCARIOCA
Teaser de divulgação da publicação: https://www.youtube.com/watch?v=WzoxB5MiOw4&ab_channel=AfluentesCulturais
Vinheta de lançamento da publicação digital: https://www.youtube.com/watch?v=XIHxPQIHkhk&ab_channel=AfluentesCulturais

Anexo 1:

Anuencia Afluentes_Sandro Mesquita_quilombo.pdf

Anexo 2:

publicacao_o_sertao_carioca-compressed.pdf

CONTRATO DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS COM CESSÃO PARCIAL DE DIREITOS AUTORAIS E CONEXOS

Pelo presente instrumento, as partes,

RAZAO SOCIAL, Pessoa Jurídica de Direito Privado, inscrita no CNPJ sob o nº XXXXXX, com sede na XXXXXX, neste ato representada por seu responsável legal, XXXXXX, brasileira, Inscrita no RG sob o nº XXXX, Portadora do CPF nº XXXXX, o produtoR, doravante denominada **CONTRATANTE**;

e de outro lado,

NOME, brasileiro, portador da carteira de identidade nº XXXXX, inscrito no CPF/MF sob o nº XXXX, residente e domiciliado na XXXXX, doravante designada **CONTRATADA**,

RESOLVEM firmar o presente Contrato de Prestação de Serviço com Cessão Parcial de Direitos Autorais e Conexos ("Contrato"), a ser regido nos termos e condições das cláusulas seguintes:

1. **CLÁUSULA PRIMEIRA – DO OBJETO:**

1.1. O presente Contrato, sob a égide da Constituição Federal de 1988, artigo 5º, e da Lei 9.610 de 19/02/1998, tem como objeto: (i) a prestação, por parte da **CONTRATADA** à **CONTRATANTE**, dos serviços de intelecto cultural como CRIADOR E INTÉRPRETE a fim de narrar Causos e/ou Contos oralmente ("Serviços"), em sede de entrevistas, para o Projeto intitulado: "AFLUENTES, O SERTÃO CARIOCA ONTEM E HOJE" que delinea-se em uma coleção de publicações digitais, que será disponibilizado em meio virtual, sobre a cultura popular do território Fluminense a partir do olhar e criações de um artista visual. A primeira publicação, O Sertão Carioca Ontem e Hoje, terá a produção artística e pesquisa acerca do Sertão Carioca, nome dado à antiga zona rural da cidade do Rio de Janeiro por Armando Magalhães Corrêa, autor do livro de mesmo nome publicado em 1936; (ii) a autorização à **CONTRATANTE** para transmissão, divulgação e gravação do Conteúdo, compreendido pela participação de entrevistas contendo imagem e som de voz e/ou textos disponibilizados pela **CONTRATADA,** junto com ilustrações; e (iii) a cessão onerosa, parcial, não exclusiva e definitiva do de Direitos

Autorais Patrimoniais da **CONTRATADA** relativos à Coletânea de Causos e/ou Contos de autoria e titularidade da **CONTRATADA**, a seguir designada ("Obra"), bem como dos Direitos Conexos para a **CONTRATANTE** relativos aos fonogramas e videofonogramas produzidos com as imagens e voz captadas a partir da gravação do Conteúdo, além da autorização para divulgação do Conteúdo constando o nome da **CONTRATADA**, decorrentes de quaisquer interpretações feitas para o Projeto ("Conteúdos"), nos termos e condições estabelecidas no presente instrumento.

1.2. A Obra literária cedida será o compilado de causos e/ou contos em forma de texto, a partir de suas memórias.

1.3. O Conteúdo da mencionada publicação digital delineia-se por causos e/ou contos em forma de texto e ilustrações de um artista visual.

1.4. A **CONTRATADA** está ciente de que o Projeto "AFLUENTES, O SERTÃO CARIOCA ONTEM E HOJE" será divulgado por meio de Website, e/ou outras mídias eletrônica, ilimitadas vezes, sem limite de prazo, no Brasil e/ou exterior, associada ou não a textos, títulos, documentos, gráficos e outros materiais, por todos os meios de comunicação lícitos, inclusive, mídia impressa, televisiva, radiofônica, eletrônica e online, sites e páginas da internet, e/ou por todo e qualquer veículo, processo, ou meio de comunicação e publicidade, existentes ou que venham a ser criado.

1.5. A **CONTRATADA** autoriza e consente, universalmente, também com a exploração comercial, distribuição e exibição da obra audiovisual cuja veiculação se dará em todas as mídias, mas não exclusivamente em, salas de cinema, participação em festivais, navios, embarcações, plataformas de petróleo, aviões, canteiros de obras, transportes coletivos (ônibus, trem e demais veículos de transporte), todos os recintos de exibição pública, com ou sem objetivos comerciais, inclusive impressa, seja para fins de divulgação, para a composição de qualquer produto ligado à mesma (tais como, mas não limitados a capas de CD ROOM, DVD, "home video", DAT, entre outros), exibi-la através de projeção em tela em locais de frequência coletiva ou públicos, com ou sem ingresso pago, transmiti-la via rádio e/ou televisão de qualquer espécie (televisão aberta ou televisão por assinatura, através de todas as formas de transporte de sinal codificado existentes, exemplificativamente UHF, VHF, cabo, MMDS e satélite ou qualquer outra modalidade existente ou que venha a existir), bem como independentemente da modalidade de comercialização empregada, incluindo "pay tv", *streaming*, *internet*, "pay per view", "near vídeo on demand" ou "vídeo on demand", independentemente das características e atributos do sistema

de distribuição, abrangendo plataformas analógicas ou digitais, com atributos de interatividade, ou não, em qualquer formato, suporte e meio de transmissão, existente ou que venha a existir no futuro, em qualquer de suas modalidades, todos os tipos de mídia impressa, dentre outras, sem limite de exibições e/ou reproduções;

1.6. E fica investida também a **CONTRATANTE**, por si ou por terceiros autorizados, nos legítimo direitos inerentes de titular dos direitos patrimoniais sobre futuras obras que vier a produzir utilizando-se da Obra Literária de autoria da **CONTRATADA,** tais como, mas não limitados a, direito de publicidade, execução pública, divulgação de tais, no todo ou em parte, bem como de produzir, reproduzir, editar, licenciar, ceder, fabricar, distribuir e explorar economicamente teasers e documentários de curta, média ou longa metragem a serem exibidos em todos meios descritos acima. (Cláusulas 1.4 e 1.5)

2. **CLÁUSULA SEGUNDA – DA REMUNERAÇÃO:**

2.1. Pela realização do Projeto "AFLUENTES, O SERTÃO CARIOCA ONTEM E HOJE", contemplando a transmissão, divulgação e gravação, e pela cessão onerosa, parcial e definitiva dos direitos patrimoniais de autor e conexos, a **CONTRATANTE** pagará à **CONTRATADA** a importância fixa e irreajustável de XXXX (XXXX reais) com vencimento em XXXX, que será pago através de XXXXX.

2.2. Todos os pagamentos previstos neste Contrato serão realizados através de XXXXX em nome da parte **CONTRATADA**, e só serão executados mediante a assinatura do presente Contrato, e apresentação de mencionado XXXX à **CONTRATANTE**.

Tributação e Encargos

2.3. A **CONTRATADA** é a única e exclusiva responsável pelo pagamento de todos os impostos e quaisquer taxas cobradas pelo fisco ou pelo Sindicato, entre eles contribuição sindical ou qualquer outro exigido pelo Ministério do Trabalho, para que a mesma exerça sua função.

2.4. A **CONTRATADA** está ciente de que a **CONTRATANTE** no ato do pagamento realizará os descontos obrigatórios por lei, estabelecidos de acordo com o regime tributário da **CONTRATADA**.

3. CLÁUSULA TERCEIRA – DO PRAZO E TERRITÓRIO:

3.1. O presente Contrato é válido pelo prazo dos direitos patrimoniais autorais no Brasil, conforme previsto no artigo 41 da Lei n° 9.610/98, a contar de 1° de janeiro do ano subsequente ao falecimento do autor.

3.2. A presente cessão parcial e definitiva é realizada em caráter irrevogável e irretratável dos direitos autorais patrimoniais e conexos para todo território brasileiro e para o exterior, só podendo ser rescindido em caso de descumprimento de quaisquer de suas Cláusulas ou de comum acordo entre as Partes.

4. CLÁUSULA QUARTA – DAS OBRIGAÇÕES DAS PARTES:

4.1. A **CONTRATANTE** obriga-se a:

a. Fornecer à **CONTRATADA** as informações necessárias em relação do Projeto AFLUENTES, O SERTÃO CARIOCA ONTEM E HOJE;
b. Indicar as diretrizes básicas para a realização dos Serviços;
c. Pagar a remuneração prevista na Cláusula Segunda (2.1) deste Contrato;
d. Observar e respeitar os direitos morais da **CONTRATADA**, mencionando o nome do autor mesmo quando da utilização da OBRA, assegurar a integridade da OBRA e reproduzi-la o mais próximo possível em relação à original;
e. Respeitar as cláusulas deste instrumento.

4.2. A **CONTRATADA**, obriga-se a:

a. Disponibilizar-se para realizar a apresentação do Conteúdo, que será transmitida, divulgado e gravada conforme orientação da **CONTRATANTE**, devendo estar presente, pontualmente, nos horários e dias solicitados pela **CONTRATANTE**;
b. A **CONTRATADA** se compromete a envidar os melhores esforços para citar o nome dos patrocinadores do Conteúdo e da **CONTRATANTE** em todas as transmissões.
c. Cuidar e zelar para que a realização do Conteúdo seja de acordo com o proposto e preparado pelas Partes, apoiadores e patrocinadores do Conteúdo.
d. Não promover qualquer comentário, crítica ou reclamação que possa difamar a imagem da **CONTRATANTE**, dos patrocinadores e/ou apoiadores do Conteúdo.
e. Participar de ações realizadas para patrocinadores e apoiadores do Conteúdo, tais como agradecimentos, vídeos, entre outros, desde que dentro do período de contratação.

f. Informar nas publicações da obra e a terceiros, nos casos de fruição ou disposição, que a mesma é objeto de cessão parcial em favor da **CONTRATANTE;**

g. Informar a **CONTRATANTE** no caso de qualquer fato ou ato referente à OBRA, tais como alteração, omissão e equívoco teórico ou prático, implicando ou não em correção que deva ser feita na OBRA;

h. respeitar as cláusulas deste instrumento;

5. CLÁUSULA QUINTA – DA CESSÃO PARCIAL DE DIREITOS AUTORAIS PATRIMONIAIS DA OBRA LITERÁRIA E DOS DIREITOS CONEXOS:

5.1. A **CONTRATADA** desde já autoriza a **CONTRATANTE** a utilização da Obra Literária referente aos causos e/ou contos de titularidade e autoria da **CONTRATADA**, de forma onerosa, no meio virtual, abrange todos e quaisquer fins de direito necessários à exibição, exposição, publicação, transmissão ou emissão, retransmissão, distribuição para circulação nacional ou estrangeira, comunicação ao público, reprodução, divulgação, produção de mídia e audiovisual, inserção em coletânea e base de dados, e inclusão em plataforma virtual ou biblioteca virtual, ou por qualquer meio técnico existente para o compartilhamento do Conteúdo, para o seu registro, produção de produtos videofonográficos e/ou para exibição em televisão de qualquer natureza, internet e telefonia, comercialmente ou promocionalmente, cedendo ainda todos os direitos autorais e conexos necessários à fixação, exibição, divulgação e comercialização dessas imagens e produtos resultantes com base na Lei n° 9.610/98, no Brasil e no exterior, mediante o pagamento de valor estabelecido na Cláusula 2.1 do presente Contrato.

5.2. A **CONTRATADA** está ciente de que o Projeto será exibido em ambiente virtual. Tais ações estão sujeitas à alteração pela **CONTRATANTE**, sem a obrigatoriedade de aviso prévio e sem gerar qualquer ônus para a mesma.

5.3. Por força da presente cessão, onerosa, parcial, não exclusiva e definitiva em caráter irrevogável, irretratável e irrenunciável, a **CONTRATADA** cede e transfere à **CONTRATANTE**, os direitos patrimoniais de autor e conexos que lhes possam competir relativamente aos textos, fonogramas e videofonogramas produzidas a partir da disponibilização da Obra, transmissão e gravação do Conteúdo de acordo com o disposto na cláusula 5.1. retro, ficando certo e ajustado que à **CONTRATANTE** fica assegurada total e completa propriedade

sobre essas imagens, fonogramas, videofonogramas e dos suportes materiais que as contenham/reproduzam, tais como matrizes, discos, fitas magnéticas, CD, DVD e outras mídias de reprodução ou exibição, bem como sobre as capas e fotos reproduzidas nas embalagens das mesmas, e em geral, qualquer suporte material, analógico ou digital existente ou que venha a existir, apto à reprodução de fonogramas, videofonogramas, imagens e distribuição eletrônica de imagens e gravações por "*download*", "*streaming*", subscrição, "*pay per view*", "*Netflix*", "*Net Now*", "*Youtube*" dentre outras tipos e formas de tecnologia "*On Demand"* ou por outras modalidades interativas ou não, bem como por televisão de qualquer natureza, existentes ou que venham a existir;

5.4. A presente cessão, por ser parcial e não exclusiva, implica que a CONTRATADA pode utilizar sua Obra nos diversos tipos de modalidades, inclusive, comercialmente, mesmo estando em vigor o presente contrato.

5.5. Em consequência do estatuído na Cláusula retro 5.3 anterior poderá a **CONTRATANTE** na qualidade de PRODUTOR VIDEOFONOGRÁFICO das imagens e sons ou produtos produzidos a partir da gravação do Conteúdo, para todo o disposto na Lei 9.610/98, dispor livremente dessas imagens ou dos fonogramas ou videofonogramas que as contenham, inclusive depois do término ou da rescisão do presente Contrato ou de suas eventuais prorrogações, bem como dos suportes materiais aptos a reproduzir essas imagens, fonogramas ou videofonogramas, seu projeto gráfico, embalagem e material promocional contendo a imagem da **CONTRATADA**, podendo publicar e distribuir essas imagens e/ou produtos derivados em formato físico ou eletrônico, no todo ou em parte, diretamente ou através de terceiros por ele autorizados, em qualquer tipo de mídia ou canal de distribuição, pelo prazo da proteção autoral, no Brasil e no Exterior, assegurado à **CONTRATADA** o recebimento da remuneração prevista nesse Contrato na alínea 2.1 retro, sendo certo que referida utilização gratuita poderá ser feita também pelas empresas licenciadas ou contratadas pela **CONTRATANTE**, bem como por todas as empresas, em qualquer país, que irão distribuir, reproduzir ou disponibilizar a obra;

5.6. Fica desde já autorizada pela **CONTRATADA** a mandar dublar, legendar ou traduzir, em qualquer idioma, inclusive inglês ou português, através de terceiros, a Obra, as falas e os textos da **CONTRATADA**, se assim o desejar a **CONTRATANTE**.

5.7. A **CONTRATADA** aceita, ainda, que sobrevindo a possibilidade de novos resultados do Projeto "AFLUENTES, O SERTÃO CARIOCA ONTEM E HOJE", a partir da cessão parcial de direitos autorais patrimoniais da Obra, tal como, mas não taxativamente, produções de cunho audiovisual tal como filmes, documentários, teasers, exposições e clipes, a **CONTRATANTE** poderá explorar e vender, no Brasil e no mundo, quaisquer obras, produtos e/ou serviços, com base neste contrato. Sendo certo que com a exploração econômica dos elementos frutos deste pacto, ficará determinado a **CONTRATANTE** satisfazer determinada porcentagem devida, fixada no futuro e resultante de negociação, à **CONTRATADA**.

5.8. Além da autorização para divulgação do conteúdo constando o nome, biografia, foto de perfil, contatos, e mapa com localização territorial da **CONTRATADA**, nos termos e condições estabelecidas no presente instrumento.

5.9. Para fins de consideração de prazo de utilização da gravação do Projeto, aplicar-se-á o prazo previsto na Lei de Direitos Autorais – Lei n.º 9.610/98.

5.10. A presente cessão, para todos os fins e efeitos e na melhor forma de direito, é outorgada em caráter irrevogável, irretratável e definitiva.

6. **CLÁUSULA SEXTA - DA AUTORIA, TITULARIDADE E RESPONSABILIDADE:**

6.1. A **CONTRATADA** declara que é a única autora e a titular dos direitos autorais morais da Obra e que a mesma é original.

6.2. Ainda, assegura a **CONTRATADA** ser a única detentora de todos os direitos patrimoniais referentes às transmissões feitas à **CONTRATANTE** durante a realização do Projeto, cedidos neste instrumento, nada podendo a esse título ser reivindicado em face da **CONTRATANTE** por terceiros.

6.3. A **CONTRATADA** garante que a Obra respeita integralmente direitos marcários, autorais, conexos , de imagem, voz, nome e dados biográficos e outros direitos passíveis de igual proteção, como os direitos da personalidade humana, devendo obter e entregar todas as necessárias autorizações, cessões e/ou licenças destes terceiros necessárias, de modo que a obra seja entregue a **CONTRATANTE** totalmente desembaraçados para os fins de utilização ora Cessionária no presente Termo, obrigando-se a **CONTRATADA** a responder por quaisquer acusações de plágio ou violações de direitos de terceiros.

6.4. A **CONTRATADA** assume, expressamente, a total e exclusiva responsabilidade pelas perdas e danos e toda e qualquer despesa decorrente de tais acusações e/ou

eventuais condenações, inclusive custas judiciais e honorários advocatícios e isentará e indenizará a **CONTRATANTE** e/ou terceiros por ele autorizados a explorar a Obra de qualquer responsabilidade ou ônus decorrentes da inobservância deste item pela **CONTRATADA**.

6.5. A **CONTRATADA** afirma, portanto, ter plena propriedade e garante a originalidade do objeto deste contrato, assumindo a responsabilidade por qualquer despesa com indenizações ou perdas e danos que a **CONTRATANTE** seja obrigada a arcar em virtude de condenação judicial decorrente de litígios sobre a propriedade e originalidade da obra objeto deste contrato.

6.6. E, se ainda assim, a **CONTRATANTE** for demandada judicial e/ou extrajudicialmente a respeito do uso de tais imagens em razão da transmissão, gravação e/ou divulgação, a **CONTRATADA**, desde já, garante à **CONTRATANTE** a exclusão da responsabilidade, sendo a **CONTRATADA** a única e exclusiva responsável por tais demandas.

7. CLÁUSULA SÉTIMA – RESCISÃO:

7.1. O presente Contrato só poderá ser denunciado em caso de inadimplemento contratual. As partes deixam claro que qualquer rescisão imotivada será entendida como inadimplemento contratual.

7.2. O presente Contrato poderá ser rescindido, a qualquer tempo, por qualquer das Partes, no caso de inadimplemento contratual. Para a configuração de tal inadimplemento, a Parte que se sentir ofendida deverá notificar a Parte ofensora por escrito, indicando-lhe a falha. Se tal falha não for sanada em até 30 dias úteis contados da notificação, a Parte ofendida poderá dar por rescindido o presente Contrato. Em caso de rescisão por inadimplemento, será cobrada da parte ofensora multa no valor equivalente ao valor de 20% (vinte por cento) do valor do presente Contrato, sem prejuízo das perdas e danos cabíveis e apuração de lucros cessantes.

8. CLÁUSULA SÉTIMA – DA CONFIDENCIALIDADE:

8.1. A **CONTRATADA** se obriga a não fazer internamente e a não prestar, a quaisquer veículos de comunicação, declarações sobre assuntos internos da **CONTRATANTE** e/ou de terceiros a ela associados de que venha a ter conhecimento em razão do desempenho dos serviços contratados, que violem matéria considerada

confidencial pela mesma, que atinja o seu negócio, direta ou indiretamente ou, ainda, que possam ser desabonadoras para a reputação desta última.

9. CLÁUSULA NONA– DAS DISPOSIÇÕES GERAIS:

9.1. A **CONTRATANTE** poderá transferir este Contrato para outras empresas parceiras, ficando, entretanto, vedada a transferência a terceiros estranhos sem o prévio e expresso consentimento da outra parte.

9.2. As Partes reciprocamente declaram e garantem que possuem todos os poderes e capacidade para firmar este instrumento e cumprir as obrigações aqui previstas.

9.3. A **CONTRATADA** declara não ter qualquer outro compromisso que os impeçam de firmar o presente Contrato, eximindo assim a **CONTRATANTE** de qualquer ônus ou responsabilidade em decorrência da presente contratação.

9.4. As Partes reconhecem que a presente transação foi efetivada após prévia discussão e análise jurídica, não tendo nenhuma das Partes agido sob erro, dolo ou coação.

9.5. O presente Contrato é firmado em caráter irrevogável e irretratável, obrigando as Partes, seus herdeiros e sucessores a qualquer título, só podendo ser modificado e/ou alterado mediante acordo por escrito.

9.6. Eventual tolerância de qualquer violação do presente Contrato não implicará tolerância a qualquer violação outra ou subsequente, nem será interpretada como novação objetiva ou alteração contratual.

9.7. Nenhuma das Partes poderá ser responsabilizada pelo inadimplemento das obrigações ora assumidas ou pelas perdas e danos causados pelo descumprimento ou pela mora na execução de tais obrigações se tal inadimplemento, descumprimento ou mora resultar de caso fortuito ou força maior nos termos do Artigo 393 do Código Civil Brasileiro.

9.8. Elegem as partes o foro central da cidade do Rio de Janeiro/RJ, para dirimir qualquer questão decorrente a este Contrato que não possa ser resolvida amigavelmente, renunciando a qualquer outro foro, por mais privilegiado que seja.

E, por estarem de pleno acordo, depois de lido e achado conforme ambas as partes ratificam este instrumento na presença das 2 (duas) testemunhas abaixo.

Rio de Janeiro, XX de XXX de XXXX.

CONTRATANTE:

_____

XXXXX

CONTRATADA:

_____

XXXX

TESTEMUNHAS:

1._____ 2._____

Nome/CPF: Nome/CPF:

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E SOM

Eu, **NOME**, brasileiro, portador da carteira de identidade nº XXXX, inscrito no CPF/MF sob o nº XXXX, residente e domiciliado na XXXXXX, abaixo assinado, concedo para livre utilização direitos sobre a minha imagem e som da minha voz neste ato à produção **do Projeto AFLUENTES, O SERTÃO CARIOCA ONTEM E HOJE**, realizada por, **RAZAO SOCIAL**, Pessoa Jurídica de Direito Privado, inscrita no CNPJ sob o nº XXXXX, com sede na XXXXXXX, neste ato representada por seu responsável legal, XXXXXXXX, Inscrita no RG sob o nº XXXXX, Portadora do CPF nº XXXX, responsável pela produção e a coprodução, a qualquer tempo, autorizando, consequentemente e universalmente, sua utilização, em toda e qualquer exploração comercial, distribuição e exibição da obra audiovisual, por todo e qualquer veículo, processo, ou meio de comunicação e publicidade, existentes ou que venham a ser criados, notadamente, mas não exclusivamente, em cinema, televisão, TV por assinatura, TV a cabo, pay per view, ondas hertzianas, transmissões por satélite, vídeo, vídeo laser, home vídeo, disco, disco laser, CD-ROM, streaming, em exibições públicas e/ou privadas, circuitos fechados, aeronaves, navios, embarcações, plataformas de petróleo, e/ou quaisquer outros meios de transporte, assim como na divulgação e/ou publicidade em rádio, revistas, jornais, cinema e televisão, para exibição pública ou domiciliar, reprodução no Brasil e exterior, podendo o conteúdo audiovisual em questão ser utilizado para fins comerciais ou não, exibições em festivais ou outros meios de que se fizerem necessários.

Rio de Janeiro, XXX de XXX de XXXX.

_____

NOME

afluentes

O SERTÃO CARIOCA

ontem e hoje

O projeto Afluentes é uma coleção de publicações culturais de finalidade didática que dialoga e propõe uma fruição artística, tendo as artes visuais e o texto como veículo de disseminação de histórias de resistência cultural e territorial. Para isso o projeto se concentra, neste momento, no uso de plataforma digital no intuito de que este material possa ser usufruído por estudantes e professores de instituições de ensino dos mais variados segmentos, tendo livre acesso a registros que apresentam a memória e o patrimônio cultural contados a partir da historiografia oral e popular.

Visando promover características locais do território e uma reflexão sobre o espaço de vivência, a publicação ***Afluentes – O Sertão Carioca Ontem e Hoje*** convida a todos para a promoção de um diálogo acerca da identidade por meio de obras de arte e depoimentos que expõem os valores éticos, espirituais, simbólicos, afetivos e de modos de vida que expressam a estética de territórios periféricos.

Adilson Mesquita Junior
Maria Lúcia dos Santos Mesquita
Jorge Cardia Valois
Paulo José Martins Filho
Pedro dos Santos Mesquita

Posfácio:
Antonio Felipe Vieira

Governo Federal, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e
Secretaria Municipal de Cultura, através da Lei Aldir Blanc,
apresentam:

afluentes

O SERTÃO CARIOCA
ontem e hoje

Organização: **Ana Caroline Araújo**
e **Bernardo Marques-Baptista**
Ilustrações: **Thiago Modesto**

Realização Apoio Patrocínio
afluentes
Rio Prefeitura Cultura
SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA MINISTÉRIO DO TURISMO
PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL

Organização: Ana Caroline Araújo e Bernardo Marques

Ilustrações: Thiago Modesto

Projeto Gráfico: Thiago Modesto

Diagramação: Thiago Modesto

Pesquisa: Antonio Felipe Vieira

Registro Videográfico: Fernando Teixeira

Entrevistados: Adilson Mesquita Junior, Maria Lúcia dos Santos Mesquita, Jorge Cardia Valois, Paulo José Martins Filho e Pedro dos Santos Mesquita

Adaptação literária: Raoni Marques

Transcrição de entrevistas: Marcos Pinheiro

Revisão: Marcos Valois

Agradecimentos: Catarina de Mesquita, Nilza dos Santos Mesquita, Christina Correia dos Santos e Sandro da Silva Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

O Sertão carioca ontem e hoje [livro eletrônico] / organização Ana Caroline Araújo, Bernardo Marques-Baptista ; ilustrações Thiago Modesto. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Ana Caroline Araujo, 2021. -- (Afluentes ; 1)

ISBN 978-65-994803-0-0

1. Artes 2. Artes visuais 3. Cultura - Brasil - História 4. Cultura popular 5. Patrimônio cultural 6. Quilombos - Brasil 7. Rio de Janeiro, região metropolitana - História 8. Rio de Janeiro, região metropolitana - Usos e costumes 9. Sertão - Rio de Janeiro (Estado) 10. Território nacional - Brasil I. Araújo, Ana Caroline. II. Marques-Baptista, Bernardo. III. Modesto, Thiago. V. Série.

21-64352 CDD-793.353

Índices para catálogo sistemático:

1. Sertão carioca : Rio de Janeiro : Estado : Cultura popular : Artes 793.353

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Esta obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

Pedimos licença aos mais velhos
e à comunidade quilombola
Cafundá Astrogilda, no Sertão
Carioca, a qual dedicamos
esta publicação.

Sumário

1. APRESENTAÇÃO
2. CAMINHOS DA MEMÓRIA
3. CONTOS E CAUSOS
4. PERCURSO
5. AUTORES
6. O SER TÃO

“

O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida

Milton Santos

APRESENTAÇÃO

Milton Santos e o seu conceito de território certamente nos influenciou a idealizar esta publicação e nos motivou a olhar para os espaços a partir da cultura. E foi isso que nos moveu até aqui. Abordar um território a partir das suas memórias, trabalho, resistência, trocas e exercícios da vida e, nesta publicação, por meio do olhar de um artista visual.

Sertão Carioca foi inicialmente o nome dado à antiga zona rural da cidade do Rio de Janeiro por Armando Magalhães Corrêa, autor do livro de mesmo nome publicado em 1936. O livro descreve e analisa a região da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro com textos e desenhos a nanquim que revelam o lado rural da então capital brasileira. Magalhães Corrêa além de naturalista, era artista, escultor e desenhista de espécimes de flora e fauna, como podemos ver no seu livro.

Atualmente o termo "Sertão carioca" remete a uma fronteira, a um limite territorial simbólico. O uso do termo pelos moradores contribui para o fortalecimento e manutenção de um patrimônio cultural coletivo que é constantemente ameaçado pela ampliação de um projeto urbano que negligencia a ruralidade, seus modos de vida, saberes e fazeres. Nesta região encontram-se comunidades tradicionais, agricultores orgânicos e o Parque Estadual da Pedra Branca (maior parque natural urbano da América Latina).

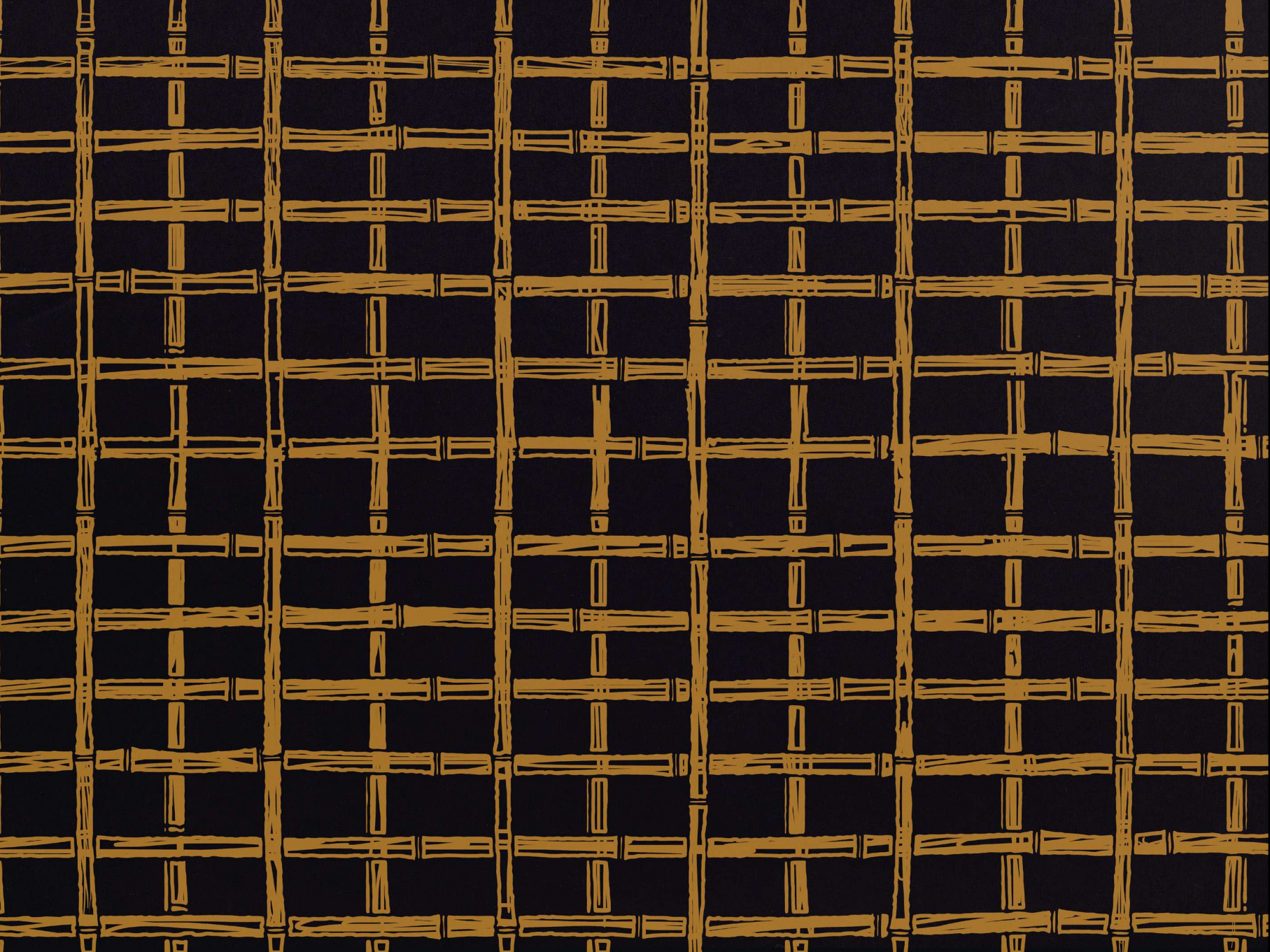
As pesquisas e textos sobre o "Sertão Carioca" têm marcado presença nos conteúdos desenvolvidos nas universidades e muitas vezes não circulam com linguagem acessível e didática que atinjam públicos diversificados. Muitas destas pesquisas falam sobre o Quilombo Cafundá Astrogilda.

Certificado em 2014 como Quilombo pela Fundação Palmares, o Quilombo Cafundá Astrogilda foi formado por descendentes de africanos que trabalhavam na fazenda cafeeira Vargem Grande no século XIX. No século XXI, a comunidade estava ameaçada já que as cerca de 70 famílias que moravam no local eram consideradas invasoras do Parque Estadual da Pedra Branca, unidade de conservação instituída em 1974, posterior à presença das famílias no território. A partir do processo de certificação, muitos de seus moradores conheceram a palavra e o significado de quilombo e passaram a se identificar enquanto quilombolas, por todo o histórico de vivência e de seus familiares.

Durante quatro meses, realizamos pesquisas de campo onde o artista Thiago Modesto e a equipe do projeto realizaram vivências na comunidade. A imersão teve o intuito de realizar coletas de memórias locais a partir de uma construção participativa, sob a forma de diálogo, percorrendo espaços que ativaram e remeteram às histórias de outros tempos que refletiam nos dias atuais. Contamos com uma equipe sensível e afetuosa que contribuiu para vivências espontâneas, carinhosas e divertidas. A partir dessa relação, ouvimos histórias não só de luta, resistência e questionamentos, mas de brincadeiras, festividades e assombramentos. Foi a partir daí que se definiu o formato desta publicação, já que era recorrente o uso de contos e "causos" como acionamento da memória coletiva, formatos que estão presentes na tradição oral.

Nesta publicação, os cinco personagens quilombolas apresentam o sertão carioca de hoje com muitas histórias de ontem. Suas palavras e formas de contar foram preservadas a fim de dar continuidade à tradição e ao desejo deles em perpetuarem suas histórias aos mais novos. Adilson Mesquita Júnior, jovem quilombola, inicia a publicação nos convidando a conhecer o território por meio das memórias dos seus parentes, abrindo passagem para os mais experientes: Maria Lúcia dos Santos Mesquita, Jorge Cardia Valois, Paulo José Martins Filho e Pedro dos Santos Mesquita.

Ana Caroline Araújo e Bernardo Marques



CAMINHOS *da* MEMÓRIA

Percorrendo os caminhos dos meus ancestrais pude sentir, ver e ouvir histórias que sempre ouvia na infância. Percebi como a vida na mata era simples, porém alegre em meio às dificuldades do dia a dia. Sempre acabava o dia com muita alegria e cansado, mas satisfeito com o que se foi produzido durante o dia de trabalho pesado. Todo final de tarde, era de costume se juntar para uma boa prosa onde se ouvia os mais inusitados *causos* que aconteciam, desde coisas sobrenaturais como os ocorridos na vida real. Assim, antigamente, eles sabiam viver!

Contam os mais velhos, que quando estavam caminhando pelos bananais se ouvia ao longe o som alto de música que ecoava por toda a mata se expandindo pelos caminhos e bananais. Ademilde Fonseca e seu grande sucesso de 1945, "Rato, Rato", era tocada inúmeras vezes em um belo gramofone. Como eram movimentados estes caminhos que iam de um lado para outro formando uma grande cidade dentro do vale. Isso sim era qualidade de vida! Naquela época todo mundo se ajudava e acolhia da maneira que se podia. Um exemplo dessa solidariedade aconteceu com o escritor do livro "O Sertão Carioca", de 1932. Armando Magalhães Corrêa conta em um trecho do seu livro que ao percorrer por estes caminhos, já tarde da noite, ele escutou música, gargalhadas alegres de crianças e pôde ver foguetes estourando no céu que clareavam toda a mata. Quando foi em direção a este lugar cheio de alegria, se deparou com uma festa para São João onde ele passou a noite.

Hoje em dia, infelizmente, muita coisa já não se pode ser vista, mas podem ser encontradas nas memórias dos mais velhos que contam com alegria e tristeza as coisas do passado que ainda vivem em suas lembranças. Hoje poucas pessoas passam por estes caminhos, os que ainda resistem são alguns tropeiros que ainda tiram seu sustento da produção de banana. Por conta do falecimento dos mais velhos, seus filhos deixaram os sítios para tentar a vida na cidade. Ainda podem ser vistos alguns escombros e ruínas das casas que havia naquele local.

Nos dias de hoje, já não se ouve o som do gramofone do Mané Sapato tocando alto a música "Rato, Rato" que alegremente cantava e dançava com sua companheira, pedindo para repetir a mesma durante horas e horas. Hoje o som do belo gramofone dá lugar ao som do silêncio que preenche o vazio. Estas boas lembranças permanecem vivas nas memórias que podem ser contadas hoje por meu pai e tios que recorrem a elas com maior orgulho de ter podido vivenciar parte dessa história de um povo alegre que, com todas essas dificuldades, formou uma grande família. Se não fosse a resistência de alguns, eu não estaria aqui relatando parte do que me foi passado.

Me lembro de um fato que aconteceu com minha mãe. Ela contou que um dia saiu de casa para levar minha irmã que teve uma crise de bronquite ao médico. Foram ela e outro irmão meu. Quando chegaram em um certo ponto da estrada, ela ouviu um barulho de como se estivesse caindo alguma coisa do alto do morro, mas não deu importância; só queria chegar logo ao ponto de ônibus. Do nada, ela ouviu novamente o barulho ainda mais forte. Quando ela olhou para a parte de cima

do morro, viu pedras enormes rolando na direção deles. Ela pegou meu irmão pela mão e saiu correndo morro abaixo. No dia seguinte que ela voltou do hospital, ao chegar no lugar que havia acontecido esse desmoronamento, não havia uma pedra sequer no caminho.

Uma vez, um tio avô meu me contou que toda vez que ele passava de baixo de uma figueira, um homem saía de dentro dela e o acompanhava até a beira do rio e não passava para o outro lado nem por reza *braba*, não sei o porquê ele não fazia a travessia do rio para a casa dele.

Posso afirmar que você nunca está sozinho na mata, por onde você anda já andaram muitas gentes antes de nós, de nossos pais, dos pais dos meus pais. Não devemos ter medo de andar sozinhos, seja de noite ou de dia, e sim respeito por ela, pois ela é viva e todo ser vivo merece respeito.

Quem pode dar voz viva para mais dessas memórias são: Jorge, Maria Lúcia, Paulo e Pedro – esses podem falar mais a fundo.

Adilson Mesquita Junior

FALA, JORGE!

NOSSA TERRA

Seja bem chegado, tome conta do que é seu. Eu já tomo conta da área que era de minha bisavó, mas eu quero deixar para o tataraneto também. Não sei, para o tataraneto do seu tataraneto! A gente sai e deixa espaço, a vida é assim. É rotativa. Todo dia eu dou uma martelada na cabeça do pessoal da nova geração, todo dia! Uma hora eu dou uma martelada no lugar certo! A gente vai trabalhando, não é?

FALA, JORGE!

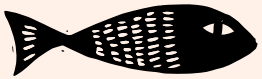
O AVISTAMENTO *do* QUATI

Eu fiquei emocionado na primeira vez que vi um quati. Eu ainda não tinha visto, né? Gambá, ouriço, tatu são um tipo de bicho muito espantado.

Teve uma outra época que era época de quati, quase agora... Há pouco tempo, no arrumador de banana (uns chamam de espencador), onde colocam as bananas para depois levar lá para baixo, eu vim chegando quietinho para não assustar. Não sei se é o mesmo sistema, não é? A mãe quati deu um pulo cá onde estava o cacho, deu uma rodada e voltou para o mato. Na mesma hora os filhotinhos saíram e começaram a comer o cacho de banana que estava no arrumador. Eu me afastei e fiquei de longe olhando, eles comeram, comeram, comeram e foram embora. Foi uma coisa bem legal que assisti! Ver quati em outro lugar a gente sempre viu, mas essa cena foi a primeira vez, essa dele fazer isso. Eu achei muito maneiro porque ela veio, deu uma olhada, "A barra tá limpa, podem chegar, crianças", a molecada saiu, encheu a barriga e meteu o pé.

Falei: "ah, meu cacho de banana". Agora acho graça.

Mas tá tranquilo, eu divido, sempre dividi com eles!

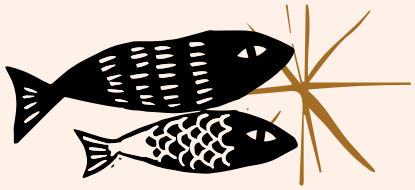


FALA, PEDRINHO!

BRINCADEIRA COM NOME *de* PEIXES

Tinha outra brincadeira que falava nome de peixe. Se formava uma roda e cada um falava o nome de um peixe. Um dizia, "Gurufí passou por aqui, manjando uma boa sardinha". Seguia com a palavra sardinha e outro continuava: "Sardinha não manja, o que manja é o xerelete", "Xerelete não manja, o que manja é peixe-galo" e seguia até um errar. Era divertido, diversos nomes, camarão, peixe-boi…

Além da brincadeira, tinha o conhecimento dos nomes dos bichos. É uma pena que não se vê mais ninguém na comunidade brincando assim.



CONTA AÍ, JORGE!

O BURRO E O TRABALHO

Aqui em Vargem Grande, no largo da Vargem Grande, o finado seu Arnaldo chegou a contar que ele trazia, em outras épocas, cem burros para vender. Vendia em Vargem Pequena, Piabas, Vargem Grande; comprava dez, cinco e trocava também. Isso aconteceu por bastante tempo, depois foi diminuindo, diminuindo... Se bem que pode, né? Ainda tem pessoas que vendem um ou outro burro, mas bem devagar porque isso dá muito trabalho e não tem quase ninguém para trabalhar. Essa modernidade de serviço também está mudando, não é? E com isso está diminuindo bastante a tração animal.

Eu tenho dois burros que ainda uso para o trabalho com a banana. Para montar o burro tem os aparelhos: o jacá, a cangalha, aqueles negócios todinhos. São outras coisas que também estão acabando. Não existem muito mais pessoas que fazem esse tipo de material, a gente vai se ajeitando. Tem o jacá que o Bibiu faz aqui, tem as partes do arreamento que são retranca, peitoral, barrigueira (essas partes eu mesmo faço). A cangalha se tiver de montar, eu monto. Eu vou dando o meu jeito e quando não dá para montar, peço para uma pessoa que vende. O jacá é feito de cipó, eu já fiz também.

O que acontece: nos anos passados, quando a pessoa se dedicava a fazer todo esse tipo de trabalho, existia. Diziam que existia mais trabalho. Não é que não exista trabalho, as pessoas que estão dispensando. Tinha um amigo que fazia um jacá, outro que fazia uma cangalha e aquilo ali circulava mais (o sistema de trabalho local). Daí, isso começou a se fechar para poucas pessoas e começaram as dificuldades.

Hoje você vê um jovem, ele não quer aprender a fazer certas coisas, tudo está fácil. Você clicou no celular, saiu. E, na verdade, acho que a gente está indo para um buraco sem fim. Tomara que não! O povo precisa entender que a mão de obra das pessoas é uma integração. Porque máquina, maquinário, eles podem em algum tempo estar na mão de poucos. E a partir do momento que você vai abandonando essas coisas de trabalho, você entra no famoso desemprego. Existe desemprego, mas não existe "destrabalho". Então trabalho existe em qualquer parte.

FALA, JORGE!

CASAS *de* BARRO

Se eu pudesse, todas as casas seriam feitas de estuque. Por que esse entendimento meu? Antigamente, todas as casas daqui eram de estuque. Olhando agora, o que restou nas casas são as pedras que já existiam. Depois que veio essa modernidade de pisos, vidros, alumínio e outros tipos de materiais, onde você faz uma construção, deixa uma sujeira e ainda vem o plástico para completar.

Por exemplo, eu vivi muito em casa de sapê; construí, barreei, ajudei a fazer as casas de outras pessoas. Inclusive ajudei um pouquinho aqui nesta casa, muito pouco mas ajudei. As casas de sapê não depredam o espaço, isso é de grande importância. Quando eu vejo azulejo, tijolo, pedra, me dá uma certa agonia. Por outro lado, imagino que se tudo fosse feito de madeira talvez não existissem mais florestas.

Esse excesso de coisas industrializadas que entram no nosso espaço matam o ambiente, isso que eu falo. Agora não vemos tanta sujeira nos lugares que vamos, mas se a gente não tomar cuidado com esse tipo de tratamento com a nossa terra, daqui a uns 50 anos ou menos vamos ter muito lixo. Não sei se é o luxo do lixo, o lixo que vem através do luxo. Você vê algo muito lindo, muito maravilhoso, mas a depredação final a gente não tá nem aí. Meu olhar é que a casa de barro era uma casa feia que se conectava com a natureza. Hoje, a beleza é quem destrói a natureza.

CONTA AÍ, PEDRINHO!

O BURRO E O TRABALHO II

O burro requer mão de obra. Então, quer dizer, por eu trabalhar sozinho, o burro era fundamental. Hoje mesmo eu tenho um bananal, quando eu vou lá tenho que puxar nas costas, antes o burro fazia esse serviço. Era tipo um parceiro dos quilombolas porque ele ia lá embaixo buscar carga, bebida, ele servia para montar, fazer grandes caminhadas, essas coisas assim. De uns tempos para cá, Vargem Grande e Jacarepaguá têm uma lei que diz que não pode ter trabalho com tração animal. Já veio pessoal falar com a gente que não podia ter o burro... Dizem que é maus-tratos botar a cangalha nas costas do burro para puxar a banana, antigamente era o meio de transporte de todo mundo aqui do quilombo.

Tem que ter tempo para trabalhar, cuidar, puxar, e eu estava ficando sem esse tempo. Por isso que eu "acabei" com o burro. Quem faz esse trabalho hoje é Bibiu que tem dois burros e o dinheiro é como se eu pagasse para ele trabalhar: cada viagem (descer e trazer aqui as bananas) eu pago 40 reais. Eu vou e só corto, ele vem e puxa, então, eu estou dividindo um trabalho com ele. Quando vai pegar o burro no campo, primeira coisa que você usa é o cabresto. Depois em casa coloca a cangalha, nela tem tudo isso: a capa do boi, o gancho de cangalha que é feito de madeira. Da sola tem o peitoral, retranca, sia, sobrecarga. Tudo isso é um aparato que se forma uma cangalha. Para conseguir carregar as bananas tem que colocar o jacá ou a cangancha, como se fala hoje. E ainda tem o capim bembeca que recheia a cangalha para poder não machucar as costas do burro. O jacá é um cesto feito de cipó.

No livro "Sertão Carioca", do Magalhães Corrêa, eles falam muito do trançado do cipó. Cipó-una preto, cipó-una café, cipó-camarão são os que fazem o arco da cangalha, fazem esse tipo de conjunto. Jacá, chicaca, cesto, peneira, todos feitos com esse cipó. Tudo pega aqui, tudo tem aqui. O una preto só dá em lugares difíceis, una d'água (que amarra e também faz embornal) dá em qualquer lugar, o cipó buta (que serve para amarrar as paredes de casa) também é tudo pegado aqui. Os muladeiros vendiam burro, que chamavam os vendedores de tropa de burro. Antigamente, traziam caminhão e vinha a tropa com uns burros que eram brabos para caramba! Ah, um dos quilombolas mais antigos que tinha aqui era seu falecido Vico Pereira que trazia burro e amansava. Se você quisesse comprar manso, ele trazia manso ou se quisesse trazia brabo. Acontecia de muito burro mansinho que no fundo era meio "virado", tinha pessoa que não conseguia nem domar, nem nada. Chega a ser engraçado.

A história vai se perdendo e não merecia se perder! A cangalha, isso tudinho, era profissão. E hoje em dia está acabando, está se perdendo. Meu pai mesmo tem um retrato fazendo cangalha. Ele botava para molhar cipó-camarão, ia fazendo, fazer o jacá... Tudo isso hoje em dia não tem mais.

FALA, PEDRINHO!

TIPOS *de* BANANA

São sete tipos de banana que a gente planta. Banana prata mesmo tem diversos tipos. Tem uma que dá um rabo grosso, eles dizem que é rabo de égua; tem outra que dá nanica mas tem os cachos grandes; tem outras que dão grandonas; tem a prata mel; tem a banana roxa branca, diversos tipos de banana. A banana d'água é grandona, não é uma qualidade só. Eu acho que tem cinco ou seis qualidades, uma dá num pé grande, outra dá no pé pequeno, tem vez que dá num cacho grandão, umas que dão duas, três pencas. Então, quer dizer, eu acho que é muita quantidade de banana. Eu mesmo nunca plantei uma muda sequer de banana prata. Tô te falando! Está aí esse tempo todinho, só roçar a terra que ela multiplica! Acho que tem mais de cem anos e está dando banana até hoje...

Hoje, as pragas nas bananas estão se alastrando. Antigamente o que vinha acontecer: quando tinha mais tatu, quando tinha mais esses tipos de bichos, acho que eles eram os predadores dessas pragas que hoje fazem o bananal morrer. O cachorro-do-mato mesmo, você via um monte de cachorros-do-mato e estavam cavando e comendo alguma coisa ali do chão. O tatu, embaixo do pé de jaqueira, também fazia essa função.

FALA, JORGE!

BANANA *e o* TRABALHO *na* TERRA

O meu carro-chefe é a banana. Mas eu tenho caqui, eu tenho algumas laranjas, limão, abacate, jaca, muita taioba, tenho algum aipim, entendeu? Mas não tenho mais folhas porque não tenho tempo de produzir. A outra tristeza que eu estava te falando é que eu tenho jaca, abacate e uma parte da banana que estraga na minha roça, eu fico triste quando vejo na cidade pessoas passando fome. Por que fome? Por que a gente não se une, não se junta?

Trabalhar na terra para mim é vida. Quem nesse mundo não se alimenta da terra? Não existe outra profissão que o ser humano tenha mais necessidade do que se alimentar. E eu alimento vida onde? Infelizmente, a gente se "cambotou". Não que tudo não seja necessário, mas a gente tem que tentar olhar a importância da agricultura na nossa vida porque, no meu olhar, ela vem muito antes do nascer. Uma mãe mal alimentada, com certeza o filho vai nascer desnutrido, não é? São segmentos de vida! É muito importante! Você vê pessoas que ganham milhões com certas coisas, mas quando elas olham para o alimento que não valorizam como tal, chega ao ponto de não valorizar o agricultor. Eu acho que a gente está perdendo muito!

O agricultor limpo, que não usa química na terra, ele preserva tudo! Ele não bota nada químico, ele faz uma agricultura que você bebe uma água ali embaixo, ele preserva tudo. Onde você cava um lugar, faz um prédio (não que não seja necessário), faz uma praça, faz uma oficina de carro, um não sei mais o quê, ali é um lugar morto. Aquilo ali não vai dar nada mais... No dia

que isso existir - tomara que isso não aconteça - e não existir mais agricultura, acabou! Pode esquecer! Isso é um pensamento meu. Pode ter o melhor médico, o melhor cientista, o melhor doutor, o cara com mil faculdades vai morrer! Acabou! Junto com a natureza. Então olhar para isso hoje é forte, pesado. Não sei se em algum lugar do mundo já se pensa assim, mas o meu olhar é para isso. Então, agricultura: vida! E viver, acho que todo mundo quer. E como é que a gente faz para viver? Vamos continuar comendo veneno?

O que eu entendo da agrofloresta, de alguns lugares que eu já parei, que eu ouvi as pessoas falarem, é a roça bagunçada que a gente fazia antigamente. Plantava feijão, milho, aipim, pé de mamão, abóbora. Ih, aquilo ficava uma bagunça danada, mas não era bagunça, é o que se fala hoje. Quando você chega dentro de uma floresta, você tem diversas árvores. Que brigam entre si, que trabalham entre si, quebra uma e a outra renasce, as invasoras... A gente se acostumou a ver o cara que fazia a roça e plantou um milhão de pés de aipim porque está dando muito dinheiro, mas ele esqueceu que precisa plantar um pé de milho para se alimentar. Então ele vende aipim, derruba aquele monte de dinheiro e vai ao mercado comprar um saco de milho. Esse sistema é basicamente baseado nisso, as plantas que você precisa, elas brigam, mas se entendem. Já a agricultura familiar, no meu olhar, no meu entendimento, ela tem muito disso, de estar junto. A roça, que chamo de roça bagunçada, remete um pouco esse negócio da agroecologia, que vem se discutindo durante muito tempo os entendimentos. A natureza mostra para gente isso, não precisa ir para uma faculdade, não. Anda no meio dela, observa, para! No meio do barulho dos carros você não consegue observar isso, não!

FALA, PEDRINHO!

OS ANIMAIS *do* SERTÃO

Os animais que eu crio são galinhas, que dá para fazer panelada e o ovo serve para fazer bolo e se alimentar, e o pato (um bicho que todo mundo criava). O cachorro é fundamental porque ele serve para fazer vigia da casa, ele late e alerta. Se a pessoa vai cortar banana ou caçar (para se alimentar, não para vender bicho), o cachorro vai na frente e vai avisando o que pode te encontrar: uma cobra, um bicho peçonhento. O cachorro é tipo um amigo, anunciante.

Únicos bichos que não vejo mais são o gato-do-mato, não sei por qual motivo, de repente, sumiu e "acabou", e também a jaguatirica, que era uma oncinha pequenininha, parecida com um gato de casa. A tilápia e o peixe-palmito, tradições na Semana Santa, eram usados. Então, por que não ter peixe daqui do quilombo para poder usar, matar e ter? Antigamente, ter peixe, lagosta, camarão e outros tipos era comum. Hoje é a tilápia. Eu queria evoluir, fiz uma água para criação: como eu não tenho os peixes de rio trouxe a tilápia para substituir.

CONTA AÍ, MARIA!

BRINCANDO *de* PUXAR *os* BURROS

Sabe a capa da bananeira? A gente pegava essa capa, fazia umas cangalhas pequenininhas, colocava em cima dos cachorros e elas ficavam igual a cangalha que a gente via meu pai fazer. A gente levava os cachorros para a roça e dizia: "vamos fazer cangalha". Era amarrar a cangalha em cima dos cachorros e colocar as verduras nela, igual meu pai fazia com os burros.

Às vezes, os cachorros nem queriam andar, tadinhos. Era nossa diversão! Minha mãe dizia: "Coitados desses cachorros…", e a gente ria tanto, era nossa brincadeira.

CONTA AÍ, PAULINHO!

OUVi O SACi

Ah, o Saci Pererê é outra coisa que pode acreditar! Quando a gente era molequinho deu aquela ventania, um redemoinho... Minha mãe: "Ó, o moleque Saci ta aí, ó! Dentro do redemoinho, tá fazendo umas brincadeiras, se jogar uma peneira pega ele". Mas eu nunca consegui pegar na peneira, ele era rápido, fazia assim, ó: "shiiiiii", era um redemoinho assim. Um molequinho pequenininho, ele só faz bagunça, só zoeira.

Passou um tempo, no mesmo caminho da ventania quando eu era molequinho, minha sogra desceu para ir ao mercado, só que tem dois caminhos: de onde a gente veio e tem outro paralelo do outro lado. O rio divide os dois caminhos, um de cada lado. Eu estou descendo, tipo: eu estou aqui e eles estão lá do outro lado do rio, naquela casa lá, ó. Nisso eu assoviei: "shiiiiu", aí normal e todo mundo "êêê, êêê". Já estava escurecendo, eu disse tchau e fui embora. Rapaz! Andei uns 30, 40 metros. O mesmo assovio, o mesmo! Do jeito que eu fiz, do mesmo jeito, do meu lado, assoviou. Falei: "será que tem alguém no meio do mato e escutou essa coisa?". Porque todo mundo conhecia essa coisa de assoviar. Minha mãe dizia que à noite não era hora de assoviar. "Agora já era". Só que lá embaixo tinha um buracão gigante, correu uma barreira, não tinha como atravessar por ela e andar igual, no mesmo ritmo. Tive que descer e entrei numa mata, do lado de baixo era só mato, arranha-gato, cipó.

CONTA AÍ, JORGE!

VOZ *da* FLORESTA

Muitas vezes eu estava lá em casa e ouvia, não sei se era passarinho ou gritos, mas ouvia muitas vezes chamar. Se você chegar lá em casa e chamar no quintal uma vez eu não vou te responder. Tenha certeza!

Um tempo desse, um amigo passou lá em casa e gritou "Jorge", eu fiquei quieto, fiquei na minha. Ele foi embora e fiquei pensando: quem foi que chamou? Um grito só eu não respondo porque acontece, você ouve uma voz direitinho! Sempre penso: será que foi fulano que morreu? Não! Eu acho que é a voz da floresta. O silêncio te dá esse poder e a floresta tem esse poder. Aquele silêncio te dá o poder de observar tudo ao redor.

ASSOBIA BEM, HEIN!

Um acontecimento que meu avô conta é que ele vinha andando do lado de lá, perto de onde estão aquelas moças ali, estava assobiando. Quando chegou bem na divisa viu que tinha uma mulher em pé, essa mulher disse para ele "Você está assobiando bem, hein?", ele não deu importância, pensou que era alguma parente que morava desse outro lado já que normalmente você pensa que é alguma pessoa conhecida.

Só que depois disso essa mulher seguiu acompanhando meu avô como se fosse uma "coisa", ele se assombrou. Foi direto para casa e gritando para minha avó não apagar a luz que ele estava sendo assombrado.

FALA, PAULINHO!

O LOBISOMEM

Ainda pequenininho eu coava café e jogava as borras no quintal para as plantas e minha mãe dizia "Não joga porque o lobisomem gosta de borra de café". No dia seguinte, você via que não tinha mais borra, mas você não podia dizer que ele tinha passado pois nunca via. Só dava para saber que o pó sumia. Você via uma parede arranhada e se perguntava "será que foi cachorro"? Ficava desconfiado, fechava a casa toda, não tinha luz elétrica, e ficava com medo até de acender uma lamparina. Ouvia pés andando, marca de pata no quintal mas quem ia querer chegar lá fora para ver?

Quando é lua cheia eu me escondo no banheiro, o espelho lá é grandão e quando a lua aparece fico olhando para as minhas unhas e para o espelho, unhas e espelho, se o cabelo começa a crescer, mudar. Eu acho que sou descendente de lobisomem. Será que eu sou? Cara, não é possível! Noite de lua cheia sempre escuto cachorro uivando. Antigamente tinha muito cachorro do mato aqui e eles ficavam uivando, uivando mesmo, como lobo. Ficava a dúvida: é o lobisomem ou é cachorro do mato?

Hoje já não se escuta esse uivo de cachorro com frequência mas tinha, sério mesmo, cachorro do mato, um cachorro cinza e nós víamos. Já o lobisomem, teve caso de duas ou três pessoas que dizem ter visto, encontraram ele pelado. Noite de lua cheia, sem roupa e sem nada, as unhas sujas, perto de parede arranhada mas não transformado em lobisomem, mas sei que era. Um cara conta que chegou em casa e encontrou esse maluco pelado. Botaram apelido nele de "Fulano lobisomem". Estava peladão com as unhas sujas. "Tá virando lobisomem, miserável?", ficou o apelido. Tinha outro que também chamavam de lobisomem, ele era meio estranho, mas ninguém quis seguir esse cara para saber se ele virava mesmo ou não. Lua cheia, ninguém gosta de sair de casa. A lua é bonita mas eu fico trancado no banheiro olhando as unhas. Você acha que eu sou descendente de lobisomem, pô?

CONTA AÍ, PAULINHO!

O MENINO *que* LARGOU *a* ATIRADEIRA

Eu não gosto de ler livro, não gosto dessas coisas... Um belo dia (eu ainda era pequeno) abri um livro que minha irmã tinha, não sei o número da página mas abri. Imagine abrir igual uma bíblia para poder olhar um versículo. Então li uma poesia que tinha um desenho de um menino com uma atiradeira no peito e falava assim: "Ó, menino sensato, jogue fora a atiradeira! Vá a Deus pedir perdão. Mostre que tem no peito uma joia no coração". Fechei o livro. A vida segue, continuei minha vida de caçador de passarinhos.

Um tempo depois, um dia peguei uma pedra e dei uma pedrada num passarinho. Ele caiu e eu fui atrás, todo caçador tem instinto de ir lá e pegar a presa. O passarinho estava lá de pernas para cima, arquejando. Pô, cara, botei a mão na cabeça e lembrei da poesia, aquilo me traumatizou, eu falei: "pô, eu li a poesia com o menino com a atiradeira". Eu me via dentro da história do livro, eu me via ali dentro. Peguei o passarinho. Eu, sozinho no meio do mato, o passarinho e Deus olhando as travessuras. Joguei água nele e joguei para o alto e ele seguiu caminho. E a partir dessa data eu nunca mais quis ter passarinho preso, nem pegar, nem matar, nem fazer mais nada. A partir daquele dia, o mundo mudou para mim em questão de olhar o animal.

Então, hoje, eu curto pegar um cacho de bananas, largar lá no terreno para eles comerem e viver esse caminho. As pessoas dizem que é errado. Eu aprendi o erro na vivência, não é? Quando eu abandonei essa coisa de caçar passarinho para comer, não quis mais isso. Passou um tempo, eu ganhei uma saíra-sete-cores, botei na gaiola na varanda e fiquei sentado vendo o passarinho preso durante um tempo... Fiquei meia hora vendo se eu tinha mudado ou regredido para o que era. Então eu abri a gaiola: "segue teu caminho". Foi um teste para provar que eu tinha mudado!

FALA, MARIA!

COMUNIDADE É PARTILHA

Eu vinha para a casa da minha avó que estava sempre muito cheia. O pessoal levava muitas coisas para ela, mas também havia uma troca. Eu lembro dessa troca porque ela sempre parava para dar uma reza, dar um remédio, um licor… Cresci vendo isso, e não digo da comunidade em si, mas a gente aqui de casa tem disso. Eu tenho muito dessa troca ainda, de um com o outro, de doar, isso permanece entre as nossas famílias. Não vejo desunião aqui.

Para chegar nas nossas casas, tem uma rua que foi aberta pelo pessoal da comunidade, tem a luz. Quando precisa instalar um telefone, eu tenho que dar o número da minha casa. Essa é a troca, isso é viver em comunidade. Se alguém quer receber uma carta, eu dou meu endereço; se alguém precisa de uma conta de luz, eu empresto a minha.

Por isso, digo que a gente ainda vive em comunidade e parece que a gente nem sempre identifica isso. O que é viver em comunidade? É isso, é ajudar, partilhar, uns mais, outros menos, mas sempre partilhando.

RECONHECIMENTO QUILOMBOLA

Essa vida toda a gente vivia aqui como quilombo, sempre partilhando mas não sabia que era quilombola. Quando a gente ganhou essa titulação, eu lembro que mudou a visibilidade. Foi essa visão para a gente daqui. É como se hoje as pessoas nos reconhecessem.

Mas não foram eles que nos reconheceram, nós nos reconhecemos! Hoje eu me reconheço sendo quilombola, nascida aqui. Quando você se reconhece, o outro também vai te reconhecer. A comunidade se reconheceu e é reconhecida.

Eu moro em um quilombo!

EU SOU QUILOMBOLA!

Um dia desses foi tão interessante! O pessoal da escola contou uma história de um quilombo para uma das minhas netas. Contou a história dos negros, quando eles fugiam. Minha neta disse: "Eu moro num quilombo, professora"! É isso que eu quero, que ela seja uma doutora lá na frente, mas a doutora do quilombo. "Eu sou tataraneta da Astrogilda"!

FESTA *no* QUILOMBO

FALA, JORGE!

A festa de São Pedro tem muitas características do quilombo. Há muito tempo, Pedro já fazia a festa dele aqui. O movimento de gente era muito grande e uma vez a gente até falou como organizar para evitar tanta aglomeração na região. A gente pautou a ideia da festa ser no dia do santo porque poderia ser qualquer dia da semana. Quando era uma festa com dia marcado antecipadamente, meu Deus do céu, era insuportável. Acho que não era muito legal porque não era reunião das pessoas locais, e sim, de gente de muitos outros lugares. Pedro gostou da história e hoje a gente segue nesse rumo. Na minha opinião, a festa tradicional, nossa mesmo, daqui de dentro, só tem a dele.

A festa que Pedro faz é bem característica. Um dá cinquenta reais, o outro traz a bebida, o outro traz um pé de aipim e todo mundo participa ajudando. Botamos uma mesa ali na frente e todos se sentam: é branco, é preto, é azul, é rico e é pobre! Não tem festa neste ano, mas se Deus quiser, no próximo vai ter e quem vier vai ter uma noção do tamanho que é. Não pude ir ano retrasado porque minha irmã casou no mesmo dia da festa. Tive que ir no casamento dela, irmão faltar casamento do outro não dá, ela ficaria com raiva. Este ano com a pandemia ficou um pouco restrito mas mesmo assim nós fizemos um "balacobacozinho" para a gente. A festa precisa continuar!

Aqui também tinha festa de São João e Santo Antônio, mas para o nosso grupo, praticamente acabou. A gente tem que cuidar da festa de Pedro para que ela não acabe. Eu imagino que no passado, o baile aqui era das pessoas locais, e essa gente se espalhou para vários outros lugares. Não que a gente não possa conhecer outras coisas, mas a nossa festa tradicional, ela não pode morrer, é um momento que nos encontramos. Isso que quero dizer, a vizinhança se junta, filhos, netos, os mais velhos, gente que vem e outros faltam mesmo pois é normal. Mas é um momento que podemos ver pelo menos 30% do pessoal do quilombo.

CONTA AÍ, PAULINHO!

A vitrola era na corda. Eu morava aqui e o vizinho morava do outro lado. Era só juntar três famílias e virava um baile. Um bule de café em cima do fogão, a vitrola, a sala grande, botava aqueles discos de vinil, as músicas que quisessem e era o povo girando no salão. A gente era criança, correndo no quintal. Existia essa coisa da alegria das pessoas que se juntavam por tão pouco e a felicidade era total. Então, hoje, se você não tiver uma casa cheia de tudo não tem festa. Naquela época, pouca coisa fazia uma festa gigante

FALA, PEDRINHO!

Antigamente existiam três festas que marcavam: São Pedro, Santo Antônio de seu Nico Vieira e São João que era de Carmélio (ele tem um irmão que se chama João). Eu nasci no dia de Pedro e, aqui em Pedra de Guaratiba, era a festa que todo mundo ia. Com o determinar do tempo, para as festas não morrerem, eu achei que a gente tinha que continuar com os negócios. E continuar de que jeito? Comecei a fazer a festa e cada um desempenhando uma coisa.

Então chega na época de São Pedro, a gente faz a fogueira e cada pessoa traz um prato tradicional. Um ajuda fazendo a sopa, o outro a cachaça, o pimentão... Começou a juntar muitas pessoas. Chegou uma época que a gente não fazia no dia do santo (véspera do dia que era quando fazia fogueira) e, sim, no sábado para domingo. Começou a gerar um tipo de descontrole e a gente começou a parar. Hoje em dia a gente faz na véspera do dia de São Pedro. Junta muitas pessoas, é conhecido!

FALA, PAULINHO!

A GELADEIRA CONSUL

Na minha época de criança, como não tinha luz elétrica, a gente tinha uma nascente onde pegava água para beber, água fresquinha e tal. Era uma nascente debaixo de uma toca de pedra que tinha lá... Como não tinha geladeira, para almoçar a gente fazia um suco de limão galego ou de manga, o que fosse, botava na chaleira e colocava na nascente que apelidamos de Toca do Urubu - uns urubus moravam nessa toca de pedra, no alto.

A primeira geladeira que foi lançada e a gente viu, que eu me lembre, foi a geladeira Consul. Como a gente não tinha dinheiro para comprar uma Consul, a gente construiu a nossa Consul, que era uma nascente. Botava a chaleira lá com o biquinho fora da água, tipo oito horas da manhã, quando eram onze horas, a gente ia lá e pegava: "opa, hora do almoço". A chaleirinha resfriava, mas para gente era super gelada: geladeira Consul está tinindo, o suco está geladinho. Bebia aquilo ali e era a coisa mais normal. E tanto é que pra gente - eu não bebo água gelada - a água tem que ser natural. Então para mim só uma resfriada já era o bastante. "Ih, vamos tomar um suco da Consul", "vai lá na Consul pegar". Hoje, por fatalidade do destino, essa nascente até secou, a gente saiu, a nascente secou. Nossa Consul acabou, acho que enferrujou o motor.

CONTA AÍ, MARIA!

REMÉDIO *no* QUINTAL

Eu lembro da minha mãe tratar a gente com as ervas. Muitas vezes quando a gente tinha febre, eu lembro da minha mãe falar: "Crianças, vão buscar pitanga, peguem bastante porque eu vou fazer banho". A gente cozinhava essas pitangas numa panela no fogão a lenha e depois dividia em jarras para tomar banho e também tomar o chá. No outro dia já estávamos bem, não sentíamos mais nada.

CONTA AÍ, MARIA!

CULTURA *das* FOLHAS

Eu sempre olhei para essas plantas, desde criança, e digo que planta é tudo. É a natureza ali na minha mão, a saúde, a limpeza. Planta para mim é o sagrado que a gente tem!

Eu amo as plantas que a gente planta e também aquelas que precisa comprar para cultivar, pois tem muitas coisas aqui que a gente não cultiva mais. Eu lembro que lá na minha mãe tinha pés de erva-doce grossos que davam flores e o terreiro ficava cheio de flor. Dessa erva-doce a gente fazia várias mudas. Era muito bonito de ver, tinha borboletas, elas espalhavam as sementes e iam dando outros pés. Eu amo tudo isso, o que vem da natureza, e aqui no quilombo tem isso. Aqui nasce da natureza.

No passado, meu avô dizia que psicografava as receitas. Minha vó Astrogilda rezava e ele psicografava as ervas que dava para a pessoa beber: "Isso serve para isso". Depois de um tempo, ele começou as tinturas. Para mim, esse resgate é uma riqueza, a cultura através das folhas. Isso é tudo!

FALA, PEDRINHO!

MACUMBA *no* QUILOMBO

Aqui tinha muita macumba. Tinha a dona que o guia era Cobra-Coral; existia outra que o guia era o Caboclo Sete Flechas (também recebia outras entidades). Tinha Rompe-Mato, era o caboclo que botava até um penacho, bonito! O penacho descia pelos ombros e ia até o chão! Bonito pra caraca! Isso há uns 40 anos. Vinha gente de tudo quanto é lugar!

Por aqui era o caminho para ir numa macumba. Os batedores de tambor eram os filhos do dono do terreiro. Hoje é tudo cristão. Esses caras desceram tudo de lá e, hoje em dia, é tudinho da Casa da Bênção, um da Universal, outro que é pastor... Nós, inclusive, falamos no samba que a gente fez. Eu quis escrever, fiz o samba para eles poderem falar, só que eles não quiseram participar. O samba dizia:

"Festa é a mudança de religião
Tudo que desce não sobe mais, não!
(...)
Isso tudo começou a desarticular
Foi quando um tal de Bonitinho resolveu descer de lá
Aí formou a Casa da Bênção
E se tornou pastor de lá".

PERCURSO

Os quilombos foram, no passado, a maior expressão de resistência ao regime econômico e social que escravizava pessoas no país apenas por terem a pele preta. E, em detrimento disso, esse sistema beneficiava pessoas de pele branca. Representavam o grito contra todas as violências e opressões que sofriam, porque eram inteiramente negadas de suas próprias vidas e humanidades. Assim, a formação dessas pequenas comunidades espalhadas pelo Brasil foi a solução para que a sobrevivência pudesse dar lugar à vida, através da constituição das engrenagens da coletividade. E é exatamente assim que o quilombo Cafundá Astrogilda funciona em essência: uma comunidade quilombola que mantém muitos de seus costumes e formas de relações humanas, acolhendo os autênticos descendentes dessas terras repletas de tradições e saberes brasileiros.

Hoje, a resistência dessa comunidade é em favor de sua própria existência enquanto comunidade quilombola. A especulação imobiliária, as recentes imposições governamentais às áreas demarcadas como parque público abrangendo as terras onde o quilombo sempre existiu, as dificuldades na transmissão de conhecimentos e práticas entre as gerações, enfim, são muitos os desafios enfrentados para o exercício da vida cotidiana, com toda a sua rica herança cultural, que aglomera as ancestralidades negra, indígena e branca.

A romancista Conceição Evaristo apresenta o conceito de escrevivências, que representa "a escrita que nasce do cotidiano, das lembranças, da experiência de vida da própria autora e do seu povo". Essa compreensão ilustra precisamente as narrativas que foram registradas como memórias vivas de uma pequena parte de descendentes

históricos, moradores do quilombo Cafundá Astrogilda, em que diante de tantos desafios cotidianos, tornaram-se protagonistas de suas próprias trajetórias e lutas. São pessoas de olhar cativante, sorriso fácil, jeito encantador e acolhedor que carregam a simplicidade e a generosidade como estandartes de seus mundos. Entre as memórias de fauna e flora, típicos do sertão carioca e componentes da biodiversidade, que não só estruturam a paisagem, como também servem de alimento; de sociabilidades e práticas religiosas, o fio condutor de cada uma dessas narrativas é a reescrita das memórias que ainda pulsam a sangue quente no dia a dia quilombola, impregnadas de força e representatividade.

Cada escrevivência proporcionou o natural e orgânico encontro do passado com o presente pelo território onde o quilombo existe e sempre existiu, mesmo sem a consciência de seus habitantes até pouquíssimo tempo atrás de que eles formavam um quilombo: apenas viviam suas realidades imediatas a partir do que herdaram, a partir da materialidade e imaterialidade de seus antecessores. Dessa forma, todas as memórias extraídas, algumas de lembranças bem remotas que foram gentilmente compartilhadas, revelam o potencial empoderador de suas dignidades e alimentador de seus afetos mais saudáveis. As trocas de alimentos e favores, práticas de agrofloresta, técnica já dominada por esses quilombolas há décadas, a criação de animais e, nos tempos antigos, da caça; os mutirões para capinar, limpar os terrenos dos vizinhos, abrir as trilhas ao longo dos caminhos nas matas, barrear e construir as casas de pau a pique, plantar e colher; as reuniões para atividades coletivas, como encontros para ouvir músicas em vitrolas ou festejos populares e entretenimentos são a grande base que norteia o senso de comunidade entre eles e estabelece o vínculo quilombola, vivo até em quem já não mora mais nessas terras, mas manteve laços com familiares e amigos.

Dentro do contexto das sociabilidades e dos entretenimentos, foi uma surpresa descobrir que o culto da umbanda, que dificilmente seria

desvinculado de suas origens quilombolas, tem seu aspecto religioso sim, mas o aspecto objetivamente cultural é o que rouba a cena. As macumbas que aconteciam no quilombo de um tempo mais antigo eram várias: a de seu Antonhizinho, a de Sussuca, a de Nivaldo, a do Tião Coruja, a de Alaíde, a de dona Eli, a de Dodô. Todas essas macumbas eram, na verdade, lugares de encontros sociais, reuniões de pessoas pela celebração da alegria, da diversão, da amizade e do prazer do convívio. Foram pontos de encontro que produziram muitas lembranças quilombolas.

História é poder. Conhecer a própria história é apropriar-se de si mesmo. E compartilhar as histórias é um gesto de altruísmo. As pessoas que hoje ali estão e que ali estabeleceram suas vidas e seus relacionamentos existem como parte da história da cidade do Rio de Janeiro. E o registro dessas lembranças sertanejas e cariocas afirmam ainda mais o valor dessa comunidade quilombola, em suas culturas, construções e estabelecimento e propriedade sobre os seus complexos territórios.

Antonio Felipe Vieira

AUTORES

MARIA LÚCIA DOS SANTOS MESQUITA

Fundadora da Escola Quilombola Cafundá Astrogilda, contribui com a identificação quilombola da comunidade por meio da educação. Representa o Sertão Carioca de hoje através da manutenção do espírito comunitário dos seus descendentes, dos saberes com as ervas e da relação com a espiritualidade, visando o bem comum da comunidade e território.

PEDRO DOS SANTOS MESQUITA

Agricultor, conhecedor das trilhas e do livro **O Sertão Carioca** de Magalhães Corrêa, representa o sertão carioca de hoje por ser ainda um participante das feiras livres como vendedor de banana, produto símbolo da região e que faz parte da história do quilombo. É ainda quem mobiliza a comunidade para a sua tradicional festa de São Pedro, principal período do ano em que reúnem os familiares moradores ou não do Quilombo.

JORGE CARDIA VALOIS

Agricultor preocupado com a relação dos mais jovens com o território, representa o sertão carioca de hoje pelos saberes e a relação com a floresta. Também participante das feiras livres como vendedor de banana, produto base da agricultura local, é a representação dos saberes ancestrais em diálogo com os conceitos de agroecologia.

ADILSON MESQUITA JUNIOR

Entusiasta das artes, pinta e constrói obras diversas, é o elo entre a antiga e a nova geração. É o sertão carioca de hoje. Estudante de história, pesquisa o registro das memórias de sua avó e representa a continuidade do trabalho e preservação da história do Quilombo.

PAULO JOSÉ MARTINS FILHO

Eletricista e ex-paraquedista, alegre e inquieto, é um dos que ainda mantém vivas as memórias que apontam para a necessidade de se respeitar as forças da mata. Não dispensa uma boa prosa, onde sempre relembra as histórias das noites de lua cheia, contando suas experiências e avistamentos dos seres sobrenaturais desta parte do Sertão Carioca.

O SERTÃO

Ouvir dos mais velhos sempre foi uma forma de me transportar para as paisagens que ocupam um dos tantos imaginários que cresci aprendendo a admirar e respeitar. Cresci ouvindo minha avó contar histórias do seu tempo de roça e dando nomes imaginários para as nuvens do céu - "Olha ali aquele tecidão de *nuvão* branco, amanhã não vai chover", ela dizia. Causos de mula-sem-cabeça, lobisomem e saci-pererê eram nossas conversas mais íntimas e eu ouvia aquilo tudo com tanta atenção que quase conseguia andar por suas lembranças. Cresci assim: encantado.

Entendi pequeno, mesmo sem perceber, o valor da comunhão vendo que minhas oito tias, mesmo com suas histórias de vida guardadas em gavetas, ainda perpetuavam certos valores sertanejos. Nunca vou esquecer daquele domingo que passamos reunidos comendo cana-de-açúcar na garagem ao som de cigarras e com os olhos ofuscados pelo laranja preguiçoso do fim de tarde. Essas são coisas que marcam a alma, ficam ali brotando aos poucos e quando menos percebemos já estão florescidas, basta estar atento para ver. Assim me construí como artista.

Magalhães Corrêa talvez tenha se deixado seduzir pela fauna e flora; eu não o culpo. Essas terras por onde andamos estão muito perto do céu. Ainda mais quando aprendemos a olhar as janelas que se formam na vegetação: verdadeiras paisagens emolduradas do nosso sertão. Mas desde o primeiro momento quando desci naquela pracinha de Vargem Grande, eu sabia que as minhas paisagens seriam mais profundas, construídas não de folhas e pedras, mas sim de carne, sangue e alma. Vendo tudo com os ouvidos, por subidas e descidas, me senti de novo com aquele encanto de menino andando por trilhas e lembranças desse ser-tão brasileiro, ser-tão carioca, ser-tão familiar.

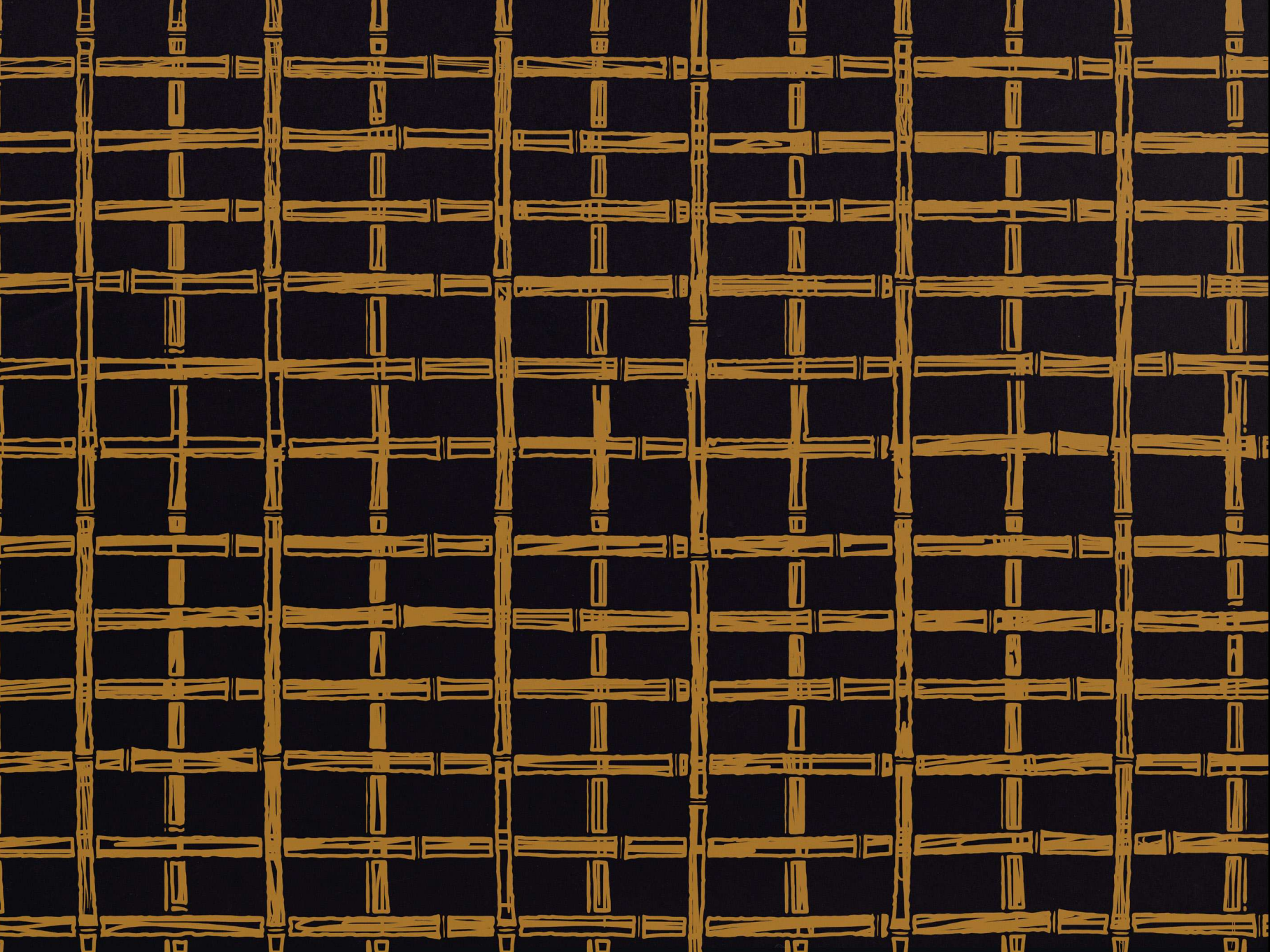
Thiago Modesto

AFLUENTES

Idealização: Ana Caroline Araújo e Bernardo Marques
Direção de produção: Ana Caroline Araújo
Curadoria: Bernardo Marques
Comunicação: Arte Incerta
Coordenação de comunicação: Daniel Barboza
Web design: Daniel Barboza
Identidade visual: Bruno Krazler
Direção de arte: Bruno Krazler
Consultoria Jurídica: Beatriz Cardozo e Tereza Gonçalves

PUBLICAÇÃO O SERTÃO CARIOCA ONTEM E HOJE

Organização: Ana Caroline Araújo e Bernardo Marques
Ilustrações: Thiago Modesto
Projeto Gráfico: Thiago Modesto
Diagramação: Thiago Modesto
Pesquisa: Antonio Felipe Vieira
Registro Videográfico: Fernando Teixeira
Entrevistados: Adilson Mesquita Junior, Maria Lúcia dos Santos Mesquita, Jorge Cardia Valois, Paulo José Martins Filho e Pedro dos Santos Mesquita
Adaptação literária: Raoni Marques
Transcrição de entrevistas: Marcos Pinheiro
Revisão: Marcos Valois
Agradecimentos: Catarina de Mesquita, Nilza dos Santos Mesquita, Christina Correia dos Santos e Sandro da Silva Santos



fim

ISBN: 978-65-994803-0-0

Realização Apoio Patrocínio

afluentes

Rio PREFEITURA Cultura

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA MINISTÉRIO DO TURISMO

PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL